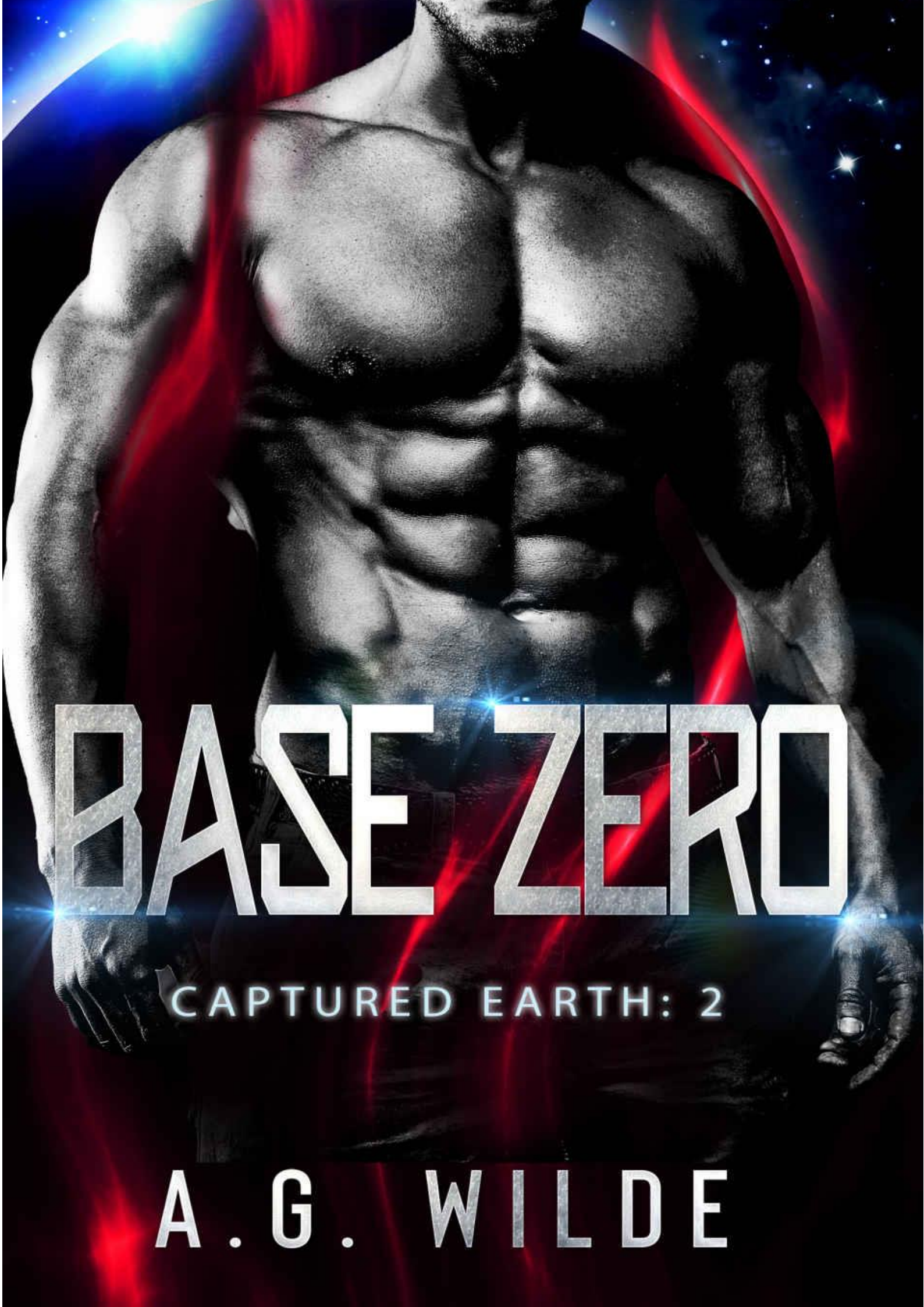




BASE ZERO

CAPTURED EARTH: 2

A.G. WILDE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BASE ZERO

CAPTURED EARTH BOOK 02

A.G. WILDE

Sam

Quando os monstros chegaram, perdi toda a esperança.

Nenhum de nós esperava obter ajuda.

Que seríamos salvos...

E essa ajuda viria de uma fonte muito improvável.

Os Vullan são enormes. Apavorantes.

Eles parecem demônios... mas eles nos salvaram.

Eles me salvaram.

Mas a luta ainda não acabou. Ainda estamos sendo invadidos.

Destruídos.

Tenho que me concentrar em sobreviver e ajudar os vullanos a salvar meu planeta... minha raça.

Não há espaço para quaisquer outros pensamentos.

Então, por que os olhos de um certo demônio capturou meu olhar?

E por que sua atenção não me faz querer fugir?

Ga'Var

A pequena fêmea é tenaz, mas isso não apaga o fato de que ela é ... pequena.

Menor que as outras.

Muito pequena para acasalar. Só isso deveria me dissuadir.

No entanto, ela chama minha atenção.

E quando ela mostra aquela pequena língua rosada dela para mim, eu sei que não posso parar as rodas que ela colocou em movimento.

Quer ela goste ou não, eu a quero mesmo que não deva tê-la.

Quando o flagelo que invadiu seu planeta vem buscá-la, minha decisão é fácil.

Eles não vão pegar o que é meu.

ESTÁ TRADUÇÃO FOI FEITA POR FAS E PARA FAS.

Nós realizamos esta atividade **sem fins lucrativos** e temos como objetivo incentivar a leitura de autores cujas obras não são traduzidas para o PORTUGUÊS.

O material a seguir não pertence a nenhuma editora NO BRASIL, e por ser feito por diversão e amor à literatura, pode conter erros.

**ESTE LIVRO É FEITO PARA LEITURA
INDIVIDUAL, NÃO COMPARTILHEM**

**Por favor, não publique nossos arquivos em blogs,
Instagram, Twitter e no DOCERO.**



Capítulo Um

Sam

Base Zero.

Nosso novo lar.

Está escuro nas cavernas... mas o trabalho começou.

Sob a rocha que está acima de nossas cabeças... ao nosso redor... uma enorme nave alienígena se esconde... e ainda mais abaixo... eles minam.

Uma espécie que eu nunca soube que existia.

Mas isso foi antes.

Antes de nosso mundo ser capturado. Destruído.

Em questão de semanas, duas entidades alienígenas separadas visitaram a Terra.

O primeiro veio com uma missão. Para matar todos nós.

A vida mudou em um instante.

Não havia nenhum presságio nos céus para nos dizer que este era o começo do fim.

Acho que ninguém esperava um final assim ...

Quando eles apareceram pela primeira vez, lembro-me do silêncio repentino. Como se a própria Terra se recusasse a respirar, e então... o caos.

Eles pintaram as cidades de vermelho.

Mesmo agora, olhando para minhas mãos, a luz fraca nas cavernas não esconde o sangue que eu sinto que de alguma forma permanece lá.

Eu quase posso ver a tonalidade vermelha.

Quase posso sentir meu coração lutando para escapar do meu peito enquanto me lembro das mortes ao meu redor.

Eu pensei que ia morrer.

Soube disso com certeza no momento em que um orbe, uma das máquinas gigantes, me depositou em seu ventre.

Não sei quanto tempo esperei ali.

Esperei minha morte.

Mas no momento em que aceitei, finalmente, que nenhuma ajuda estava chegando, que a humanidade havia perdido esta guerra, veio um presságio do céu.

Aquele que estávamos esperando.

Um enorme pássaro preto. Metal, ou alguma forma dele.

Estrangeiro.

De alguma forma, fomos salvos.

A escuridão se aproxima de mim e minha respiração falha quando sou trazida de volta ao presente. Para a realidade.

Mesmo enquanto tento me concentrar na tarefa diante de mim, na refeição que devo preparar, sei que alguns deles estão observando.

Eles se fundem na escuridão das cavernas.

Eles são a escuridão.

Coberto de preto com olhos que o engolem para a escuridão ou o consomem como fogo.

Eles se autodenominam Vullan.

E os vullanos são nossa única esperança de sobreviver ao apocalipse.

Eu me agacho enquanto trabalho. Meus dedos tremendo sob a lâmina em minha mão. A comida que eu deveria estar preparando está na minha frente.

É algo para tirar minha mente das coisas, mas, embora eu tente me concentrar, ouço um baque distante e então as paredes de pedra ao nosso redor tremem.

Não sei se é uma das enormes pernas de metal das máquinas andando lá fora, ou se é o som do Vullan perfurando abaixo de nós.

Tudo o que sei é que o som faz com que os músculos das minhas costas se contraiam e que não posso deixar de prender a respiração.

Meus dedos tremem de novo e quase me corto em vez do peixe que tenho na mão.

— Merda.

— Você está bem? — A voz me tira de outro torpor. — Posso estripá-los para você. Já observei você o suficiente para saber como se faz.

Eu olho para a mulher ao meu lado e ofereço a ela um sorriso que mal abre meus lábios. Eu tinha esquecido que ela estava lá.

Os pensamentos são mais altos do que as pessoas ao meu redor.

As bochechas de Lori se erguem, seu sorriso encorajador.

Eu nunca a conheci antes de tudo isso acontecer.

Eu não conhecia nenhum dos outros humanos que vivem sob essas rochas.

Não há velhos amigos ou família aqui.

Somos todos estranhos.

Amigos e familiares não existem mais.

O cabelo loiro liso de Lori é um contraste completo com meus cachos escuros que caem pesadamente em volta da minha cabeça.

Eu abaixo minha cabeça mais, me escondendo atrás do meu cabelo... esperando que ela não tenha visto os fantasmas atrás dos meus olhos... os mesmos fantasmas que às vezes vejo refletidos nos dela.

— Tudo bem. Estou bem. — Forço um sorriso, mas não tenho certeza se ela consegue ver. — Eu posso fazer isso.

Eu tenho que fazer isso.

Porque preciso de algo em que me concentrar, para que a ansiedade não tome conta de mim.

Fora desta caverna, o mundo está acabando e mesmo que eu não possa mais vê-lo, cada fibra do meu ser pode imaginá-lo.

Meus pesadelos compensam o que não vem aos meus olhos.

— OK. — Lori me olha um pouco e eu mantenho meu olhar no peixe.

Se eu encontrar seu olhar, posso quebrar, e não preciso que ela veja isso.

Todos nós temos que ser fortes.

Para cada um.

— Vou descer e pegar um pouco de água então, ok?

Eu aceno enquanto ela se afasta.

O sistema de cavernas é grande e eu me pergunto se foi algum local famoso.

Há corrimão em algumas partes. Sinais também, nomeando as cavernas maiores.

Um túnel leva a uma nascente e a uma piscina — a fonte de tudo de que precisamos para nos limpar, alimentar e nos manter hidratados.

Tivemos sorte que tinha tudo aqui.

Ou talvez não tenha sido sorte.

Eles sabiam que estava aqui.

Os Vullanos.

É por isso que eles nos trouxeram aqui.

Então podemos ficar quietos.

Preparar.

Para que possamos recuperar nosso planeta.

Enquanto Lori se aprofunda na caverna, eu me viro para vê-la partir.

As sombras mudam conforme ela se move, e eu sei que os vullanos estão se movendo por lá.

Trabalhando entre sua enorme nave e o minério que estão perfurando.

Dia após dia, eles trabalham.

Não sei o que estão criando.

Só sei que precisamos disso.

Porque eles são os únicos que sabem como matar nosso inimigo.

Sua tecnologia está além de qualquer coisa que eu já vi. Mesmo as luzes que pontilham a parede da caverna ao meu redor não são o que parecem ser.

Eu encaro um enquanto penso nisso. Está bem acima de mim, não muito longe do topo da minha cabeça.

Ele se move quando eu olho para ele. Uma leve onda no ar como as pétalas de uma flor girando na brisa.

Pequenas plantas.

Estranhos.

Alienígena e bioluminescente.

Seu leve brilho verde poderia ser quase reconfortante... se eu permitisse que fosse.

Se eu pudesse fingir.

As sombras mudam novamente e a consciência toma conta de mim.

Um ou mais Vullanos ainda estão lá nas sombras.

Eu só sei disso.

Eu posso sentir seus olhos em mim mesmo sem vê-lo.

Não é a primeira vez que alguém me encara... me observa das sombras... e sei que não será a última.

Nos primeiros momentos em que os conheci, ficou claro que a falta de educação de olhar fixamente não era uma coisa em sua cultura.

Eles sempre nos observam.

Ainda mais agora que um de nós... acasalou com um deles.

Adira criou um vínculo com seu líder, Fer'ro. E, desde então, os outros vullanos têm olhado para o resto de nós como se fôssemos carne fresca... e não tenho tanta certeza de que eles não vão nos comer.

Eles são humanoides, mas eu vi suas presas.

Afiadas, como os dos lobos ou talvez grandes felinos predadores.

Adicione a isso o seu tamanho. Os vullanos são grandes.

Cada um deles parece ser esculpido em rocha como aquela que estão perfurando.

Eu os vi lutar.

Vi as lâminas que aparecem através de seus trajes escuros.

Eu os vi tentando separar um do outro.

Eles parecem assustadores. E eles são.

Pelo menos, eles podem ser.

Eles mantêm distância de nós - apesar de a maioria dos outros humanos se esforçarem para não interagir com eles.

Mas isso não os impede de olhar.

E um deles parece olhar mais do que os outros.

Eu olho para as sombras, apertando os olhos tentando enxergar.

Eu me pergunto se é ele, mas estou muito longe para ver qualquer coisa ou alguém.

Enquanto Lori desaparece na escuridão, sou deixada sozinha na caverna escura e finalmente permito que meus ombros caiam.

Minha família provavelmente está morta.

Meus amigos...

Meu cachorro...

A última vez que estive lá fora, parecia que os humanos haviam partido há muito tempo.

Eu nem sei mais como é a superfície.

Pois não vejo o lado de fora desta caverna há... semanas.

Já faz tanto tempo?

Eu não tenho certeza.

O tempo se move de forma diferente agora.

E cada dia eu acordo com um medo singular. Que as máquinas andando lá fora nos encontrem.

Que eles vão nos destruir antes que possamos revidar.

Engolindo em seco, volto minha atenção para o peixe na laje de pedra à minha frente.

É pequeno.

Menor que o normal.

Estamos ficando sem comida.

Em breve teremos que nos aventurar por aí para conseguir mais alguns.

O pensamento me faz estremecer.

Eu olho na direção da entrada da caverna e meu coração acelera, batendo contra o meu peito.

Eu sei que nenhum de nós, humanos, quer ir para lá.

Mas tenho certeza de que precisaremos.

E assim por diante.

Há um som atrás de mim, quase imperceptível, e eu me viro instintivamente, meu punho apertando a lâmina afiada em minha mão.

Um grupo de três vullanos se aproximam.

Grande. Elevando-se.

Olhos cor de vinho encontram os meus e um arrepio percorre minha espinha que deveria ser medo... mas não.

Ele

Aquele cujo olhar parece estar me envolvendo de dentro para fora.

Eu não posso explicar isso.

O que mais me assusta é por que diabos ele está me olhando daquele jeito.

De todos os vullanos, seu olhar envia uma sensação estranha através de mim.

Eles passam por mim enquanto se dirigem para a câmara central, onde param e se agacham juntos.

Percebo que eles costumam se agachar assim quando discutem as coisas e quando seus cliques chegam ao meu ouvido, sei que estou certo.

Afastando meu olhar, deslizo a lâmina no peixe que estou segurando, quase acertando meus dedos.

Merda.

Preciso me concentrar antes de cortar minha mão.

Então eu bloqueio tudo.

Eu afasto meus pensamentos intrometidos e me concentro na tarefa que me propus a fazer. Ao fundo, os cliques dos alienígenas enquanto falam são quase reconfortantes.

Posso fingir que estou ouvindo pássaros enquanto trabalho e logo estou eviscerando o peixe, tirando as entranhas, depois as escamas e pegando outro para fazer tudo de novo.

Este peixe também é pequeno.

Vou ter que perguntar a Adira sobre isso.

Se estivermos ficando sem comida, quanto mais rápido nos apressarmos para reabastecer, maiores serão nossas chances de encontrar algo que possamos comer neste deserto.

Não sei por que razão levanto os olhos do que estou fazendo para ver os alienígenas falando perto de mim.

Não consigo entender a língua deles, mas assim que olho para cima, me arrependo imediatamente.

Olhos cor de vinho encontram os meus.

Ga'Var é o nome dele.

E como sempre, ele está me observando.

Eu o encaro por alguns momentos, minhas sobrancelhas franzidas antes de desviar meu olhar.

Arrepio.

Mas não posso deixar de olhar para ele novamente.

Ele ainda está me observando.

Eu nem acho que ele está participando da conversa com os outros.

Ele parece completamente focado em mim.

Meus problemas, meus pensamentos perturbadores, todos eles desaparecem quando olho para aqueles estranhos olhos semicerrados.

O que você quer? Eu penso, franzindo a testa para ele.

Aquele estranho traje preto que ele está usando se move como fluido.

Ele o retrai de seu rosto, e eu afasto meu olhar quando me pego encarando.

Mas seu rosto já está gravado em minha mente.

Essas saliências que ele tem descendo pela testa e sobre a ponta do nariz achatado...

Mais sulcos correndo ao longo de suas maçãs do rosto esculpidas, sua mandíbula e seu queixo firme.

A maneira como suas orelhas pontudas se acomodam nos lados de sua cabeça e se contorcem no momento em que olho para ele.

Sua pele de carvão é quase tão escura quanto o traje que ele usa e ele ainda se mistura à escuridão.

Meu olhar se volta para ele novamente, observando os cachos grossos no topo de sua cabeça que estão afastados de seu rosto. Mais escuro que sua pele, seu penteado é como uma sombra que faz você se concentrar em seus traços estranhos.

Eu forço meu olhar de volta para o peixe diante de mim, mas tenho o desejo de olhar na direção do alienígena novamente, e eu me obrigo. Mas quando o faço, descubro que ele não está olhando para mim desta vez.

Algun tipo de sentimento se forma na boca do meu estômago e eu o mato imediatamente.

Fome.

É só fome.

Sacudindo-me um pouco, volto a trabalhar na evisceração do peixe.

Eu forço o alienígena para longe dos meus pensamentos enquanto empurro meu polegar através da coisa, removendo as entranhas.

Quando ouço um clique de desaprovação vindo da direção do alienígena, um pequeno sorriso surge em meus lábios.

Bom.

Fique enojado.

Continuo trabalhando e a chegada quase silenciosa de Lori me faz virar. Ela coloca o recipiente de pedra com a água dentro, enxugando as mãos úmidas na saia.

Esculpida pelos próprios vullanos, a tigela é grande e pode carregar muita água, mas o que Lori traz de volta é provavelmente cerca de um litro.

Muito, considerando que estamos todos magros e fracos.

— Peguei o suficiente para limpar o peixe. Dê uma boa lavada neles — ela diz, seu olhar se movendo para os alienígenas perto de nós.

Sua voz diminui imediatamente.

— Olhando como sempre — ela sussurra.

Seus ombros estremecem visivelmente.

Ela ainda não confia neles.

E eu entendo.

É difícil acreditar que outra raça veio aqui para nos ajudar por pura boa vontade.

Que depois que aqueles orbes de metais que chegaram na Terra e começaram a destruir a todos nós, essa ajuda também viria das estrelas.

Eu sigo seu olhar para encontrar olhos cor de vinho ainda em mim, e apesar do curioso empurrão no meu peito, minhas sobrancelhas disparam em direção ao meu nariz.

Eu mostro minha língua para ele.

É um ato infantil.

Um que me arrependo imediatamente.

O alienígena diante de mim se vira totalmente em minha direção.

Suas orelhas se destacam ainda mais.

Merda.

A escuridão que paira sobre ele, a escuridão que é ele , parece se dissipar enquanto seu olhar perfura o meu.

Pela primeira vez, é como se eu pudesse vê-lo claramente.

Não estou olhando para uma estranha criatura alienígena, mas para um homem. Um guerreiro. Um ser que está olhando de volta para mim com pensamentos sobre mim em sua cabeça.

Olhando para aquelas piscinas cor de vinho, consigo me ver.

E eu sei, eu sei, que acabei de fazer algo de que vou me arrepender.

Capítulo Dois

Ga'Var

Fiquei assustado quando o humano acena para mim com a língua.

Mesmo na penumbra, não tive problemas em ver claramente o que ela fazia.

Ela encontrou meu olhar e apontou o pequeno órgão rosa para mim.

Não ouço mais o que meus irmãos estão dizendo.

A discussão sobre nosso próximo movimento tático torna-se uma conversa de fundo enquanto volto toda a minha atenção para a pequena fêmea.

Pequena.

Todos eles são, mas esta fêmea é ainda menor do que a que está ao lado dela. Suas feições mais arredondadas. Seu cabelo é da cor dos meus simbioses, meu ba'clan, que se estende por todo o meu corpo.

O estranho vestido fino que ela usa é vários tons mais escuro que sua pele pálida, mas o contraste é suficiente para chamar a atenção.

Ela é o completo oposto de mim.

Seus olhos estão arregalados agora e ela quebra meu olhar, olhando fixamente para a criatura do mar que ela está desmembrando.

Ela quer me provar?

Eu cheiro, puxando o ar de sua direção, mas não sinto cheiros convidativos.

Humanos fingem comer seus companheiros, lambendo e chupando os lábios e a língua de seus companheiros.

Fazem isso por prazer, como demonstração de carinho.

Um estranho ritual humano... um que meu companheiro de útero parece gostar - e um sobre o qual fiquei curioso.

Eu cheiro novamente.

Ainda sem aromas convidativos.

O que eu cheiro é medo da mulher que se agacha ao lado dela ... e dela... tristeza.

Ambos são emoções que eu entendo.

Então, permaneço onde estou e, em vez disso, escolho estudar o pequeno humano diante de mim.

Não sei dizer se sua exibição flagrante foi um convite de que ela quer realizar seu ritual de comer minha boca

Porque... eu não sou seu companheiro.

Apenas um de nós acasalou com um humano.

Meu companheiro de útero sortudo.

Alguém que pouco se importava com o afeto feminino em Edooria.

Enquanto eu sempre... ansiava por isso.

Um companheiro. Filhos. Um ninho.

Eu queria tudo.

A chegada do Gryken foi o fim desse sonho. Até agora.

Eu localizo meu companheiro de útero e seu humano enquanto eles saem da nave e se dirigem para os carrinhos, transportando o minério de volta para processamento.

O ciúme que rastejou através de mim quando percebi que ele tinha um companheiro não está mais lá.

O que o substitui é... saudade.

Eu olho para a pequena fêmea perto de mim. Sam é sua designação.

— Está demorando muito! — San'ten clica ao meu lado. Sua exclamação me puxa para longe da minha reflexão. — Precisamos extrair o minério mais rápido.

— Paciência meu irmão — Fi'rox diz. — É delicado e muito abaixo da superfície. Se nos apressarmos, podemos derrubar os túneis e selar o que precisamos.

San'ten rosna, aborrecimento flutuando dele em ondas.

— Então nos movemos devagar e permitimos que a infestação caminhe pela superfície? Estamos nos escondendo como covardes!

— Sim, nós nos escondemos, mas isso não é Edooria. — Fi'rox olha em minha direção em busca de apoio. — Não podemos cometer os mesmos erros que nosso povo cometeu. Não podemos permitir que este mundo tenha o mesmo destino que o nosso.

San'ten rosna.

Quase posso sentir seu ba'clan reagindo contra o meu.

— O que diz você? — ele pergunta, mas eu não percebo que ele está falando comigo até que ele chama meu nome.

— Ga'Var...

— O que? — Eu olho para ele de lado, irritado por ele ter interrompido meus pensamentos. — Fi'rox está certo.

As orelhas de Fi'rox se contorcem um pouco enquanto ele tenta esconder seu prazer por eu concordar com ele.

Ele é jovem. O mais novo de todos nós.

Cada pedaço de reconhecimento levanta seu espírito.

San'ten rosna novamente e se levanta de repente.

Ele não precisa dizer mais nada.

Seu ba'clan já me disse que ele está descontente e no limite.

Ele se afasta de nós e segue para uma das seções mais sombreadas dos túneis.

Eu o observo partir. Ele está se comportando como se fosse o único que tem ódio pelo Gryken.

Todos nós fazemos.

Eles destruíram nosso planeta e inúmeros outros.

Não vamos deixar que destruam este.

Esse é o nosso compromisso.

Mas isso não significa que devemos atacar antes de estarmos prontos.

A paciência não é uma característica vullana, mas devemos exercitá-la agora.

O cheiro humano de medo paira fortemente ao nosso redor e percebo que o comportamento de San'ten pode ter desencadeado nas mulheres.

Mas quando volto minha atenção para as duas fêmeas, Sam parece despreocupada enquanto prepara outra criatura marinha.

Nenhum cheiro de medo vem dela. Está vindo da mulher ao lado dela.

Eu olho para a fêmea e ela estremece como se eu tivesse batido nela, então eu afasto meu olhar.

Sam enfia sua lâmina profundamente na carne da criatura do mar e extrai suas entranhas no mais bárbaro dos atos.

Apenas um caçador cruel mata sua presa, depois a corta ao meio, remove suas entranhas e até raspa sua pele.

Fico chocado e cauteloso ao vê-la trabalhar, e tenho uma vaga consciência de que Fi'rox também se mudou para algum outro lugar nos túneis.

Agora estou agachado aqui sozinho, e o cheiro de medo da outra fêmea não diminui.

Eu deveria deixar os humanos em paz... mas meus músculos se recusam a se mover.

Apesar da companhia de meu irmão ter nos dito para manter distância das humanas, eu não quero ir embora.

Ela tinha dito que elas estavam assustadas.

Enquanto observo Sam rasgar outra das criaturas marinhas em duas, me pergunto se sou eu quem deveria estar com medo.

Um trinado floresce em minha garganta e noto que Sam endurece um pouco.

Ela está ciente de mim.

Ela está me ouvindo.

Mesmo que ela pareça completamente focada em sua tarefa, é tudo mentira.

Ela está tão focada em mim quanto eu nela.

O pensamento me faz sentar um pouco mais reto, outro trinado começando na minha garganta.

Desta vez, eu prontamente mato o som.

Ela pode não saber o que isso significa, mas meus irmãos vão ouvir e sinto que devo guardar esse pouco de prazer, esse pequeno triunfo, para mim.

Observo a boca de Sam se mover enquanto ela fala com a outra mulher e me pergunto se ela vai se virar para mim e me mostrar sua língua novamente.

Não serei tão lento em responder ao seu convite uma segunda vez.

Eu me levanto, pretendendo me aproximar dela quando a terra treme na superfície lá fora.

Meu ba'clan se eriça, meus cabelos arrepiam.

Meu mundo muda e a realidade sombria ao nosso redor me engole mais uma vez.

Como eu poderia esquecer?

Apesar desses breves momentos de calma... não consigo esquecer onde estamos... ou porque viemos aqui.

Olho para as sombras atrás de mim e meu olhar encontra o de San'ten.

Mesmo na escuridão, posso ver que ele está rosnando, suas presas visíveis, seus pelos também eriçados.

Ele olha para a entrada dos túneis – e rosna.

O fino véu que mascara a entrada vibra como a teia de uma criatura de grandes pernas.

Ele vibra, e eu sinto como se fosse meu próprio ba'clan na minha pele.

Ele vibra novamente e sei que está fazendo o trabalho para o qual foi desenvolvido.

Para esconder nossa localização e as assinaturas de energia de cada forma de vida escondida conosco aqui, porque onde quer que os Gryken andem, eles escaneiam.

Estamos seguros aqui.

No entanto, meu ba'clan sobe ainda mais enquanto o chão lá fora treme novamente.

Lá fora, a entrada do túnel parece rocha. O Gryken não pode ver por dentro, mas podemos ver por fora.

Estamos seguros, eu me lembro. Mas meu ba'clan não se acalma.
Eu sei que o véu não quebrará.

Foi desenvolvido pela He'rox. O mesmo médico que está trabalhando nas armas que precisamos para derrotar o inimigo.

Tempo é tudo que precisamos.

Lá fora, o chão treme mais uma vez e ouço uma forte inspiração de ar perto de mim.

Sam.

Meu foco se volta para ela.

Ela e a outra ao lado dela congelaram no meio do movimento, ouvindo. A lâmina em sua mão é segurada com força, os nós dos dedos perdendo a cor com a extensão de seu aperto.

O cheiro de medo emana de ambas em ondas, tanto que meus pelos ficam ainda mais arrepiados antes que eu seja capaz de detê-los.

Meus lábios se afastam e eu rosno enquanto fecho minhas narinas para o cheiro ofensivo.

O olhar aterrorizado de Sam encontra o meu e vejo seus olhos se arregalarem ao me ver.

Minhas espinhas.

O rosnado em meus lábios.

A ousadia e a força que estavam em seu olhar momentos antes agora se foram.

Ela tem pavor da escória andando lá fora... e... ela tem pavor... de mim.

Mas não posso controlar minhas reações, então faço a única coisa que posso no momento.

Eu me viro e vou embora.

De volta ao trabalho. De volta à mineração do minério que precisamos para as armas.

Não é sábio para mim estar perto das humanas.

Eu tenho que me lembrar disso.

O acasalamento de Fer'ro com um humano é uma anomalia. Eu ainda não entendo como eles fazem isso funcionar.

Como o ba'clan se adaptou...

E Sam é ainda menor que Adee'ra.

Ela não consideraria um acasalamento entre qualquer Vullan e ela.

Entreter qualquer pensamento seria... estúpido - independentemente de ela apontar sua pequena língua rosa para mim ou não.

Eu rolo meus ombros, optando por me concentrar nas batidas distantes enquanto o inimigo passa do lado de fora, inconsciente de nossa presença.

Pois eles são tudo pelo que vim a este planeta.

Eles são tudo em que preciso me concentrar.

Capítulo Três

Sam

Adira corre em minha direção enquanto os sons das grandes pernas de metal do inimigo desaparecem na distância.

Foi-se.

Passou por nós.

Soltei a respiração que estava segurando.

É apenas a segunda máquina que passou perto o suficiente para que possamos ouvi-la, mas assim como quando a primeira passou, imagino o pior.

Que o teto rochoso da caverna desabará sobre nós quando a máquina atacar.

Que nos arrancará, todos quebrados e ensanguentados, e nos depositará em seu ventre até que esteja pronto para forçar sua prole em nossos úteros relutantes.

Que matará todo e qualquer Vullan e nossa esperança, nossas chances de salvar a Terra, morrerão naquele exato momento.

— Sam? — Alguém está chamando meu nome. — Sam!

O rosto de Adira aparece muito perto do meu, e eu pisco quando ela entra em foco.

— Sam — ela pega minha mão — você está se cortando.

Eu olho para baixo como se estivesse atordoada, meu olhar encontrando minha mão.

Com certeza, há um fluido escuro em toda a minha palma.

Eu estava segurando a lâmina com muita força.

Ela pega a arma de mim com dedos gentis, seu olhar piscando para Lori por alguns segundos.

Lori dá um passo para trás, para longe de nós, e entendo o porquê.

Ela não confia verdadeiramente em Adira e não posso culpá-la.

Seis humanos foram resgatados até agora, e de todos nós, Adira é a única usando o mesmo tipo de traje escuro que os Vullan usam... talvez porque ela seja acasalada com um.

É apertado na pele e parece mais uma fina camada de óleo do que qualquer outra coisa.

Cada linha e curva de seu corpo é visível.

É quase como se ela estivesse usando pintura corporal em vez de um traje e... bem... ela está meio diferente desde que começou a usá-lo.

Menos... humana.

Ela anda diferente. Seus membros se movem de uma forma que é... fluida, como se ela estivesse debaixo d'água e não houvesse ar ao seu redor.

E a reação dela ao nosso ambiente também é diferente.

Ela não semicerra os olhos na penumbra como nós. Seus olhos estão bem abertos.

Ela pode ver o Vullan se movendo nas sombras quando temos que nos concentrar para distinguir suas sombras.

É difícil de explicar.

Às vezes, me pergunto se estou imaginando.

Adira está olhando para a palma da minha mão e ouço quando ela puxa um pouco de ar por entre os dentes.

— Você precisará ir ao He'rox para isso. Você se cortou profundamente.

Eu começo a balançar a cabeça imediatamente.

— É apenas uma ferida superficial. Vou apenas fazer um curativo com alguns...

— Absurdo. — O olhar severo de Adira corta as palavras em minha boca. — Você sabe ... — Ela abaixa a voz. — Você pode entrar na nave sempre que quiser. Os vullanos não se importam.

— Isso é porque eles gostam de você, Adira.

Você é praticamente um deles.

Não digo as últimas palavras porque não quero ferir seus sentimentos ou soar amargo. E, bem, estou feliz por ela ser tão próxima dos alienígenas ao nosso redor.

Eles estão colocando suas vidas em risco para salvar um planeta que não é deles. Adira é como uma ponte entre essa lacuna.

É um papel que carrega muito peso, mas ela o está desempenhando lindamente.

Certificando-se de que ambos os grupos estão compreendidos.

Foi ela quem argumentou em nosso nome quando o resto de nós saiu da nave e ficou na própria caverna.

Claro, a nave é confortável, mas a estranheza de tudo isso...

Leva algum tempo para se acostumar.

Em um dos túneis ramificados, eles esculpiram uma área de dormir para nós. Tornou a face irregular da rocha lisa o suficiente para se deitar.

Para ser honesta, parece mais um acampamento do que qualquer outra coisa, e quando está quieto, quando os sons aterrorizantes do inimigo andando do lado de fora não filtram dentro da caverna, posso fingir que é exatamente o que estamos fazendo.

Acampamento.

E que o mundo lá fora continua normalmente.

Mas casos como esse me despertam.

Meu olhar cai para a lâmina agora na mão de Adira e para o brilho do meu sangue nela.

Nem mesmo a lâmina é humana. É uma lâmina Vullan.

Curvo no final, com marcas estranhas ao longo de seu comprimento.

Não posso ignorar que as coisas são diferentes agora.

— Sam? — Adira chama meu nome novamente e eu aceno com a cabeça e ofereço a ela um leve sorriso.

— Sim, tudo bem. Vou procurar He'rox. O médico me assusta, mas ela está certa. Provavelmente vou precisar de um curativo adequado.

— Vou terminar o jantar — Lori diz, apressando-se como se acreditasse que diríamos a ela para ir junto.

Ela está ainda mais hesitante em entrar na nave do que eu.

Ela pega a lâmina de Adira e limpa a garganta.

— Devo... devo fazer um peixe extra para Fer'ro?

Estou surpresa que ela esteja perguntando, e o olhar repentinamente arregalado de Adira reflete o mesmo.

— Acho que ele não gosta muito da nossa comida. — Lori olha para mim enquanto fala, como se não quisesse encontrar o olhar de Adira. — Mas ele é seu namorado agora. Pode ser rude não oferecer, já que você come conosco na maioria dos dias.

O rosto de Adira se abre em um sorriso. — Ele não gostaria disso. Você está certa. Ele e os outros não gostam de peixe. Ele comeria porque você ofereceu, mas não acho que isso seja sábio, considerando...

Ela deixa o resto por dizer, mas sei exatamente o que ela se impediu de dizer.

É a mesma coisa que me veio à mente antes.

Estamos ficando sem peixe.

Lori acena com a cabeça e se vira para o peixe que eu estava eviscerando.

— E hum, Lori? — Adira diz enquanto subimos. — Você provavelmente também não deveria oferecer comida a nenhum dos outros vullanos.

Lori olha para cima, confusão em seu rosto.

— A menos que você goste deles. — Adira continua. — Como em... o suficiente para tê-los em sua cama.

Os olhos de Lori se arregalam e ela estremece visivelmente.

Adira ri, completamente sem ofender. — Vamos, Sam. Vamos costurar você.

O humor de Adira é leve, embora o que acabamos de ouvir do lado de fora tenha visivelmente causado medo em todos nós.

Enquanto nos afastamos, reviro as palavras dela na minha cabeça. Qualquer coisa, menos focar no medo que ainda está passando por mim.

Eu não tinha ideia de que oferecer comida ao vullano era como uma espécie de cantada vullana.

O que mais eu não sei?

Estou pensando nisso enquanto nos dirigimos para a nave quando meus pensamentos de repente vacilam, minha mente se prende a um sentimento ao meu redor.

É como se algo roçasse minha pele. Algo que faz os pelos dos meus braços se arrepiarem um pouco.

Eu olho para Adira, mas ela não está perto o suficiente para ser ela.

Eu não sei o que me faz virar para espiar através da luz verde fraca em direção à onde estão as carroças de mineração, apenas para encontrar olhos tão escuros que eles poderiam muito bem não ter cor olhando em minha direção.

Ele.

Olhos cor de vinho.

Desvio o olhar.

Merda.

Tudo o que aconteceu desde que encontramos o vullano passa pela minha cabeça.

Eu fiz algo que faz com que este preste tanta atenção em mim?

Eu não tenho certeza.

Não me lembro de alguma vez ter oferecido comida a ele.

E então eu tenho que segurar um gemido. A lembrança de como ele ficou alerta quando mostrei a língua para ele volta correndo.

Sam estúpida.

Quero perguntar a Adira se o que fiz significa alguma coisa na cultura vullana, mas acho que já sei que sim.

Sua confirmação só vai me deixar mais consciente do enorme macho e embora ele olhe fixamente, ele ainda não chegou perto o suficiente para me incomodar.

Isso é bom o suficiente, certo?

Tem que ser.

Porque coisas sérias estão acontecendo fora desta caverna, nossa civilização está passando por um evento de extinção, e eu tenho que

me concentrar em construir nosso pequeno acampamento dentro da base.

Não tenho tempo para pensar em homens alienígenas ou em seus pênis.

Sinto minhas bochechas queimarem com o pensamento e olho para Adira novamente.

Ela não parece notar, e aproveito o momento para permitir que meu olhar percorra seu rosto.

Talvez eu devesse perguntar a ela sobre suas... experiências.

Só não tenho tanta certeza se estou pronta para ouvir - ou por que quero ouvir sobre eles em primeiro lugar.

Capítulo Quatro

Sam

O olhar do médico se volta para o meu antes de voltar para o de Adira.

— Isso será um problema? — ela pergunta a ele. — Se eu usar algumas de suas ferramentas, claro. O corte é profundo, mas nada que eu não possa fazer sozinho.

O olhar do médico se volta para o meu, seu olhar azul-gelo é um tanto arrepiante.

De todos os vullanos, ele é o único de traje branco e olhos claros, mas suas diferenças não o tornam menos assustador.

Suas mandíbulas se curvam um pouco quando seu olhar cai para minha mão ensanguentada e eu fecho minha palma para que ele não olhe para a ferida.

Ele funga e suas mandíbulas se curvam um pouco mais.

Essa é outra diferença sobre ele. Ele é o único com mandíbulas.

— Existe um cheiro estranho no sangue humano... — é tudo o que ele diz, e eu enrijeço.

A maneira como suas palavras saem.

Lento. Medido.

É exatamente o jeito que eu espero que um vampiro fale.

Eu tenho que me dar uma sacudida mental.

É por isso que preciso perguntar a Adira sobre suas experiências com Fer'ro.

Ele morde?

Ele é gentil com ela?

Para que ele usa essas presas?

— Eu sei — diz Adira. — Fer'ro mencionou o mesmo. — Ela aponta para a parede à nossa frente. — Olha, você tem Mina para cuidar... e aquela outra coisa. Acho que Sam confia em mim o suficiente para me deixar cuidar de sua mão. Certo, Sam?

Ambos se viram para olhar para mim e minhas sobrancelhas se erguem com a atenção repentina.

— S... sim. Claro. — Eu sei que Adira pode fazer isso.

Ela era veterinária antes de tudo isso.

Minhas habilidades, porém... eu fazia horticultura.

Não tenho certeza de como essas habilidades serão úteis, já que vivemos em uma caverna agora.

O médico me olha por um segundo antes de fazer um som em sua garganta.

— Ok — Ele se vira e se dirige para a parede e uma porta se materializa à sua frente, criando uma abertura por onde ele passa.

Adira sorri para mim e acena para que eu a siga enquanto segue na mesma direção.

Está bem iluminado lá dentro e não fico surpresa quando entro e vejo a mulher flutuando sobre a mesa no centro da sala.

Mina.

Junto com Adira, fomos os últimos três sobreviventes na barriga da máquina... apenas esperando nossa vez quando a máquina nos levaria... nos reproduziria.

Esse teria sido o nosso destino se os vullanos não tivessem chegado.

Eles nos tiraram, mas não antes de Mina ficar grávida.

Ela ainda está se recuperando do fato agora.

Eu dou um passo em direção a ela, esquecendo as outras duas pessoas ao meu redor por um minuto enquanto meu olhar percorre sua forma.

Ela parece pacífica. Dormindo.

Há um zumbido suave vindo de perto dela e quando estendo minha mão para tocá-la, a luz brilha sobre minha pele.

— A luz mantém seu corpo em um estado estável de equilíbrio — diz o médico.

Quando eu olho para ele, aqueles olhos azuis estão procurando minha alma.

— Isso a mantém flutuando — diz ele.

Eu concordo.

— Como um raio trator?

Suas mandíbulas se contorcem e ele inclina um pouco a cabeça para mim, mas não responde verbalmente.

Minhas bochechas queimam e os pelos da minha pele se arrepiam.

O vullano me deixa desconfortável, mas e o de olhos cor de vinho? Eles me fazem sentir como uma presa.

Ao pensar em Ga'Var, faço uma careta para mim mesmo.

— He'rox, você diz que isso tem mostrado bons resultados? — Adira mostra uma geleia transparente no dedo.

— Parece ter o melhor efeito curativo quando aplicado na fêmea previamente infestada.

Adira estreita o olhar para ele. — Mina. O nome dela é Mina. Se ela for sua paciente, você deve começar a dizer o nome dela como se ela

significasse algo para você. Caso contrário, eu e as outras mulheres vamos pensar que você não está cuidando bem dela.

Eu poderia jurar que o traje do médico ficou em um tom de cinza.

— Eu não faria tal coisa. Um vullano jamais faria mal a uma mulher.

Adira sorri para ele. — Eu sei.

Meu olhar se move de um para o outro.

Não entendo como Adira pode brincar em um momento como este. Quando o mundo fora destas paredes está acabando.

Ela tem sido... confiantemente pacífica, na maior parte.

Uma série de ciúmes dispara através de mim e meus olhos se arregalam quando eu abaixo meu olhar, procurando em meus pensamentos a fonte.

Quero dizer, invejo o fato de que Adira encontrou alguma felicidade em tudo isso. Estou feliz por ela, mas acho que gostaria de ter algo para ficar feliz também.

Tudo o que sinto é uma tristeza crescente por dentro.

Continuo pensando na minha família...

Eu tinha uma irmãzinha.

Ela iria se formar no ensino médio este ano.

Ela estava tão animada...

— Sam? — Adira está olhando para mim com uma pergunta em seus olhos e eu sei que ela me perguntou algo que eu não ouvi.

— Se você está preocupado com a refeição, tenho certeza que Lori pode cuidar disso.

Eu sorrio um pouco e aceno. — Eu sei, eu só...

Apenas o quê?

Caindo em um poço de depressão?

— Provavelmente, ela precisa de sustento. — A voz do Vullan branco me tira dos meus pensamentos.

— O que?

— De fora. — Ele olha para a parede como se pudesse ver através da nave, e da caverna. — Suas reservas de alimentos estão quase diminuídas. Você se preocupa com o sustento.

Eu dou uma olhada em Adira e descubro que ela está franzindo a testa para ele.

— He'rox, não há necessidade de preocupar Sam com isso. Eu cuido disso.

Eu olho de um para o outro e eles parecem estar tendo algum tipo de partida da qual eu não faço parte.

— Mas ele está certo... — Minhas palavras fazem com que ambos voltem seus olhares para mim. — Temos que ir lá em breve. Temos que forragear. Ao contrário dos vullanos, que suponho que tenham comida armazenada nesta nave, temos que reabastecer.

— Nossos estoques de sustento devem durar por um tempo — confirma He'rox.

Como eu pensava. E não podemos esperar que eles pesquem e armazenem peixes para nós como fizeram antes.

Eu olho para Adira e levanto minhas sobrancelhas.

Ela atira-lhe um olhar furioso, então se vira e sorri para mim.

— Nada para se preocupar, Sam. Estou planejando ir para lá em breve, de qualquer maneira.

Sua admissão me faz acordar de repente, como se eu tivesse caído em algum torpor.

— O que? Quando?

Ela olha para He'rox.

— Hoje. Mais tarde? Eu não tenho certeza. Tudo depende de quando He'rox terminar. Ele está trabalhando em algo que pode mascarar nossa assinatura de energia da mesma forma que eles podem se mascarar.

— Ah. — A palavra sai calmamente, mas meu coração de repente está batendo forte.

Aventurar-se no exterior.

É uma perspectiva aterrorizante e emocionante.

— Eu quero ir com você.

Adira está balançando a cabeça imediatamente.

— Não. Não quero arriscar que ninguém morra. É muito perigoso.

— Mas não é muito perigoso para você?

A boca de Adira se contrai um pouco.

— Não é o mesmo. Você não — ela fecha os olhos por um momento — você não entende.

— Talvez se você explicasse, ela o faria. — O médico está nos observando e, pela primeira vez, não estou desconfortável com seu olhar.

Na verdade, ele parece completamente encantado com a nossa troca.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. — As palavras de Adira são apertadas. Controlada.

Ela está se segurando rigidamente e, pela primeira vez, é como se eu pudesse ver quanta pressão está sobre seus ombros.

Eu estendo minha mão boa e toco seu braço.

— Está tudo bem, Adira. Você não está sozinha nisso, você sabe.

Adira acena com a cabeça antes de lançar um olhar zangado na direção de He'rox.

— Você quer se sentar aqui? — Ela aponta para a mesa vazia ao lado dela e percebo que ela está mudando de assunto. — Ou você quer ir para outro quarto já que Mina está...

Certo. É estranho estar aqui com Mina.

Ela está essencialmente em coma e não sabemos o quanto ela sabe, mas não me importo.

Eu balanço minha cabeça.

— Está tudo bem, podemos fazer isso aqui.

Enquanto vou até a mesa e me levanto com a ajuda de Adira, mal vejo o médico saindo da sala.

Estamos praticamente sozinhas agora.

Meu olhar passa rapidamente por Adira enquanto ela pega minha mão e começa a limpá-la.

— Você se cortou muito fundo aqui — diz ela. — Você tem tido alguns acidentes como este ultimamente.

Ela olha para mim e eu desvio o olhar.

Ela está certa, claro. Outro dia tive um desmaio, caí e ralei muito os joelhos. Tive sorte de um dos vullanos me pegar antes que eu batesse a cabeça.

— He'rox está certo. Você tem razão. Precisamos de uma alimentação melhor. — Adira larga a gaze e pega outra para continuar limpando o ferimento. — E alguma forma de luz solar, Vitamina D e da maioria das vitaminas e minerais de que está faltando em nosso corpo.

— Bem... você está certa, é claro. Presumo que seja esse o motivo pelo qual você está planejando uma viagem para lá. Podemos encontrar comida... mas a luz do sol... não podemos trazê-la aqui.

— Eu sei... vou pensar em algo.

Um momento de silêncio se passa entre nós enquanto a observo trabalhar.

Se ela acha que vai se aventurar por aí sozinha, ela tem outra coisa vindo.

Quero dizer, apenas alguns minutos atrás, ouvimos uma das terríveis máquinas passando.

Não podemos sair até que possamos lutar de alguma forma.

Ela tem sido a primeira pessoa que posso chamar de amiga durante tudo isso. Eu não estou prestes a perdê-la também.

— Você não precisa trabalhar tanto.

— Eu sei. — Ela me dá um olhar severo. — Mas você também não.

Eu dou de ombros. — Bem... eu tenho que fazer isso. Eu tenho que ajudar de alguma forma.

— Exatamente como me sinto.

A nota de resolução em sua voz me deixou em silêncio.

Tenho estado tão concentrada em mim mesma, em minha crescente tristeza e culpa, que não pensei que as outras mulheres estivessem sentindo o mesmo.

— Olhe... não sei quando podemos lançar uma ofensiva — continua Adira. — Talvez demore um pouco. — Ela suspira de novo e troca a gaze que está usando. — É tudo experimental. O minério que estão perfurando não tem as propriedades exatas de que precisam. Então He'rox está meio que projetando para que funcione. Ela faz uma pausa. — Vai levar algum tempo.

Eu evito meu olhar para olhar para a parede.

Não temos tempo.

Vamos morrer de fome antes que acabem.

— Eles atiraram na máquina em que estávamos... derrubaram...

— murmuro.

— Sim. Mas a arma que eles usaram era como uma coisa de um tiro. Eles esperavam chegar aqui antes do Gryken, para nos avisar do que estava por vir, para que pudéssemos nos preparar. Não foi assim que aconteceu. Então temos que esperar. — Ela suspira novamente. — Eu sei que é difícil. Confie em mim. Eu sei que eles mantêm distância de vocês, então vocês não sabem muito, mas eles estão trabalhando duro para nós. Extrair o minério e trazê-lo é um trabalho muito delicado.

Meu olhar desliza de volta para ela enquanto ela aplica a geleia na minha mão.

Dói um pouco, mas não afasto minha mão.

As palavras de Adira se repetem em minha mente.

Quero perguntar a ela sobre seu relacionamento com Fer'ro, mas agora que estamos sozinhos, percebo que sou uma covarde.

Observo enquanto ela cuida da minha mão, espalhando a geleia sobre a ferida. Ela rapidamente se transforma em uma espécie de gesso depois de alguns segundos, puxando minha pele machucada.

— Não consigo imaginar o quão incrível essa coisa é — diz ela.

Eu abro minha boca para finalmente perguntar a ela sobre seu relacionamento quando um movimento chama minha atenção.

O médico entra de repente.

— Oh, você já cuidou de Mina, já He'rox? — Adira nem se vira. Não sei como ela sabe que ele entrou na sala.

Os vullanos se movem tão silenciosamente. Tão furtivamente. Fluidamente. Metade do tempo, você não sabe que eles estão lá até ficar cara a cara com um deles.

O grande macho faz um som na garganta como um grunhido.

— Não. Eu trouxe isso para você.

Ele estende a mão em nossa direção. A princípio, não vejo o que ele está nos oferecendo até que Adira os tira de sua mão.

Dois discos transparentes.

Eles são do tamanho de moedas de um centavo, e Adira os vira entre os dedos.

— O que é isto?

Por alguns segundos, nenhum dos dois me responde, e então Adira se vira e olha para mim.

— Tem certeza que quer sair com a gente?

— Sim claro. — Não estou prestes a mudar de ideia.

— Bem, acho que não posso dizer não agora. — Ela faz uma pausa. — He'rox parece ter completado os dispositivos de camuflagem.

Capítulo Cinco

Ga'Var

San'ten me encara, um rosnado em seu rosto que puxa seus lábios para trás tanto que até posso ver suas presas.

— O que faz você pensar que não sou adequado para sair de casa?

— Isso é realmente uma pergunta? — Eu faço menção de passar por ele, mas ele entra no meu caminho.

Perto da entrada dos túneis, Fer'ro, sua fêmea e Sam estão de pé, se preparando para partir.

Minutos antes, vários de meus outros irmãos saíram primeiro.

Sentinelas.

Eles nos informarão se é seguro ir nesta missão.

Mas San'ten está sendo difícil.

Não tenho tempo para entrar em uma conversa sobre quem pode ou não sair na superfície.

— Posso me controlar mais do que você pensa — diz San'ten, como se estivesse lendo minha mente.

— Certo. — Passo por ele e ele se atreve a agarrar meu braço.

Meu ba'clan se contorce contra mim imediatamente.

Se ele quer lutar...

Mas eu me controlo.

O rosto de Sam aparece em minha mente. Como o medo surgiu dela quando ela viu minha reação ao ouvir o Scrit andando do lado de fora.

Não gostei do jeito que ela olhou para mim.

Não sei por que isso importa tanto para mim.

Então, encontro o olhar sombrio de San'ten com um olhar meu.

— Não é uma questão de saber se você pode se controlar, irmão. Precisamos de alguém aqui para administrar a base enquanto estivermos fora.

Seu olhar se desvia de mim então, e ele me solta. Independentemente disso, posso dizer que ele não está satisfeito.

— Assim seja — ele diz, antes de passar por Fi'rox e duas fêmeas humanas que estão por perto.

Seus olhos arregalados seguem-no enquanto ele desaparece no fundo da caverna e a sua inquietação transparece neles.

Mesmo quando não estamos sendo excessivamente agressivos, as fêmeas nos temem.

— Eu vou cuidar dele — Fi'rox clica e vai atrás de San'ten.

Eu os observo ir, minhas narinas se contorcendo.

San'ten fará algo estúpido um dia desses.

Tudo o que ele quer fazer é matar o Gryken. Todos nós queremos. Mas a abordagem dele só nos matará.

Ele precisa se lembrar... ele não é o único que perdeu tudo.

Pelo menos meu companheiro de útero encontrou algo novo.

Mais uma vez, meu olhar pousa no pequeno grupo esperando na entrada da caverna e sigo em sua direção.

A companheira de Fer'ro está ao seu lado, sua mão descansando protetoramente em seu braço como se ela não pudesse suportar a ideia de não tocá-lo.

É... enervante olhar para eles.

Estranho.

As fêmeas vullanas raramente desejam sentir o toque de um macho, a menos que estejam no cio, mas as fêmeas humanas parecem ser diferentes.

Meu olhar cai sobre o pequeno.

Sam.

Eu me pergunto se ela é mesmo.

Seus olhos são escuros como os de San'ten e encontram os meus quando me aproximo, como se ela pudesse me sentir. Mas sei que isso é impossível.

Sam não tem ba'clan.

Adee'ra foi a única mulher a atrair qualquer simbiote, e acontece que foi porque ela é a companheira do meu irmão.

Eu gostaria de entender por que... ou como.

Mas os ba'clan sempre foram capazes de evoluir rapidamente, muito mais rápido do que nós, e chegaram a este mundo muito antes de nós.

Até agora, nenhum dos outros humanos atraiu nem um pouco qualquer outro ba'clan.

Estive observando sinais de que meu ba'clan pode ter encontrado uma companheira para mim também... todos nós estamos observando.

Todos os dias, assistir Fer'ro e Adee'ra aumenta a necessidade.

Mas mesmo que uma dessas outras fêmeas seja uma de nossas companheiras, a chance do ba'clan encontrar tal união é pequena.

Vivemos juntos nos túneis, mas quase nunca estamos juntos.

As fêmeas nos temem.

Podemos sentir o cheiro do medo delas fedendo nos túneis todos os dias.

Então mantemos distância, com a maioria de nós indo mais fundo nos túneis, para que o cheiro do medo do humano não apele aos nossos instintos mais básicos.

Pois quando os cheiramos, queremos caçar.

E a única coisa para caçar por perto... são eles.

Entendo a impaciência de San'ten.

As tensões estão altas.

É um esforço genuíno para acalmar a contorção do meu ba'clan que a pequena agressão de San'ten causou e, quando me aproximo do grupo, os estranhos olhos brancos e pretos de Sam movem-se dos meus pés até o meu rosto.

Meus passos vacilam um pouco.

O ato é tão característico de uma mulher vullana que eu quero ficar mais alto e deixá-la ver que eu seria um companheiro digno se ela quisesse.

Mas, no fundo, sei que não é por isso que Sam está olhando para mim.

Quando os humanos olham para Vullan, eles não veem companheiros.

Eles veem demônios.

Eu os ouvi sussurrando isso entre si, sem saber que podemos ouvi-los tão claramente como se estivessem falando ao nosso lado.

— Você vem também? — A voz de Sam é igual à de Adee'ra. Como a música de uma pequena criatura voadora.

Estou surpreso que ela esteja se dirigindo a mim. Acho que nunca trocamos palavras.

— Isso te incomoda?

Ela me prende com o olhar antes de se virar em direção à entrada do túnel, seus ombros subindo e descendo.

— Por que isso me incomodaria?

Olho para a coisa pequena e me pergunto se estar dentro da escuridão da caverna está afetando seu estado mental.

Humanos não são como nós.

Eles gostam da luz.

É por isso que a estrela deles é tão brilhante.

Eles anseiam por seu calor e luz.

Talvez Sam esteja doente.

Talvez seja por isso que ela apontou a língua para mim.

A testa de Adee'ra franze um pouco enquanto seu olhar se move de mim para Sam.

— Sam, você ainda pode mudar de ideia, sabia?

Sam balança a cabeça.

— Não. Estou indo.

Adira abaixa o queixo e se vira para a entrada também.

— Acho que não vou mudar sua opinião.

— Não. Você não vai. Sam levanta o queixo. — Além disso, eu tenho essa coisa que o médico nos deu.

Ela levanta o pulso e há um pequeno círculo transparente nele.

— Se funcionar, aqueles alienígenas não vão me detectar se eu estiver lá fora, certo? Tenho a mesma vantagem que você tem agora.

Há silêncio entre nós.

Não, ela não.

E é claro que ela não tem ideia do que são os ba'clan ou que Adee'ra tem muito mais vantagem do que ela.

Mas não importa.

Se algo der errado lá fora, Sam não estará sozinha.

Estamos aqui.

Eu estou aqui.

— Tudo bem — diz Adee'ra — Vamos.

Ela e Sam avançam, deixando eu e Fer'ro para trás, e quando me movo para segui-los, sinto a mão de meu irmão em meu braço.

Seu olhar sangrento queima o meu.

— Eu confio que você pode se controlar — ele murmura. — Adee'ra...

Eu rosno para ele antes que eu possa me impedir.

Ele está se referindo à antes. Quando ele e Adee'ra estavam apenas começando seu vínculo... O ciúme que passou por mim...

Mas esses pensamentos morreram no momento em que ela se comprometeu com ele.

Agora, alguém chamou minha atenção.

Meu olhar desliza para a entrada da caverna no momento em que Sam e Adee'ra passam pela barreira.

Agarro a mão de Fer'ro, tirando-a de meu braço.

— Você não precisa se preocupar com isso, irmão.

Sam

A claridade do lado de fora me atinge com tanta força que eu semicerro os olhos.

O ar fresco enche minhas narinas e eu respiro fundo.

Por um momento, não percebo Adira ou os dois alienígenas conosco.

Estou fora.

O ar parece fresco. O toque do sol na minha pele me faz formigar, e meus lábios se contorcem em um sorriso.

Um genuíno.

O mundo parece tão intocado aqui, como se em algum lugar longe daqui, nas cidades e vilas, a vida continuasse como de costume.

— Lindo, não é? — Adira sussurra.

Eu concordo.

Ao nosso lado, há um clique, e eu olho para cima para ver olhos cor de vinho olhando por entre as árvores.

Ele clica novamente e eu quase perco, mas há uma resposta que vem pelo ar. Outro clique.

— Tudo limpo — diz ele, seu olhar pousando em mim. — Não há Scrirts por perto.

— Ótimo — diz Adira. Ela puxa o que parece ser uma fina folha de plástico que de repente se ilumina e mostra uma imagem.

Não preciso olhar muito antes de perceber que é uma visão aérea de onde estamos.

Adira aumenta o zoom.

— OK. Temos que descobrir em qual direção provavelmente haverá comida — ela sussurra enquanto seu olhar salta sobre a imagem. — Eu não sei muito sobre forrageamento, para ser honesta.

— Posso ajudar com isso.

As sobrancelhas de Adira se erguem, seus olhos passando da imagem para mim.

— Eu fiz horticultura na universidade. — Não é algo sobre o qual costume falar, mas de repente fico feliz por ser o campo de estudo que escolhi. — Eu sei um pouco sobre ervas daninhas e outras coisas. Forrageamento. Plantas selvagens. O que é seguro ingerir. — Eu me estico em direção à tela. — Aqui, deixe-me dar uma olhada.

Adira me entrega a tela e tento fazê-la funcionar. Em vez de tocá-la como uma tela sensível ao toque, a imagem se move dependendo de como eu movo minha mão sobre ela.

Por alguns segundos, estou tentando descobrir como fazê-lo funcionar e olho para cima, apenas para encontrar Ga'Var olhando para mim.

Não sei como quase esqueci que ele está ali.

Ele é imponente, mesmo em seu silêncio.

Seu traje está cobrindo toda a cabeça agora, cobrindo cada centímetro de sua pele cor de carvão, e sei que está protegendo sua assinatura de energia.

Eu olho para o pequeno disco no meu pulso.

Parece tão pequeno que só espero que esteja fazendo o mesmo por mim.

Finalmente coloco a máquina para funcionar e passo a mão sobre a imagem.

— Hmm — eu murmuro — Não consigo ver nada deste alto. Acho que teremos que entrar e procurar. Talvez separadamente.

Adira está balançando a cabeça imediatamente. — Perigoso demais. Se nos separarmos...

Eu encontro seu olhar. Ela está certa, mas não temos escolha.

— Não temos muito tempo aqui. Devemos aproveitar ao máximo. A boca de Adira aperta. Ela sabe que estou certo.

— Tudo bem — ela murmura. — Mas Ga'Var vai com você.

Eu endureço com isso.

Eu não esperava sair sozinha. Claro, eu teria companhia.

É só isso...

Olho para o alienígena imponente.

— Tudo bem por mim. Desde que ele não tenha problemas com isso.

O traje de Ga'Var... moveu-se.

Estou certa disso.

Na luz, eu vejo claramente, e minha boca se abre um pouco em choque.

Foi um arrepio tão discreto; Eu me pergunto se ele estava lá.

— Por que eu teria um problema com isso? — Sua voz profunda e baixa me faz piscar e percebo que estava olhando. De novo.

— Não sei. Esses seus grandes músculos não vão ter muito trabalho aqui colhendo amoras comigo. Eu apenas pensei que você preferiria estar nas minas ou algo assim...

Um som curioso vem da garganta de Ga'Var. Como um ronronar profundo. Ao lado, Fer'ro rosna para ele e fico olhando de Adira para Fer'ro e Ga'Var.

A realidade do elogio que acabei de dar a Ga'Var me atinge, e minhas bochechas queimam.

Estou apenas causando ótimas impressões com este, não estou?

— Terei prazer em carregar suas bagas ou qualquer outra coisa que você queira que eu carregue.

Seu inglês, falado com aquele sotaque estranho e grave do vullano, faz com que as palavras soem completamente diferentes do que ele pretende, e eu olho para longe dele.

— Bom. — Adira salva o dia e bate um hexágono contra seu peito. — Porque com sorte, você estará trazendo de volta muitas coisas. — Ela gesticula para o hexágono. — He'rox me deu isso. Ele disse que deveriam ser carrinhos ou algo assim?

Pelo canto dos olhos, vejo o alienígena sacudir o queixo, mas sei que ele está focado em mim.

— Sim. Eu sei como usá-los.

— Ótimo! — Adira diz, com muito entusiasmo. Sua mão repousa em meu ombro. — Boa sorte lá fora — ela abaixa a voz. — Manter a salvo.

Concordo com a cabeça e respiro fundo.

— Você também.

Capítulo Seis

Ga'Var

Sam caminha na minha frente, seus passos cautelosos, inseguros.

Eu posso sentir o medo cavalgando em seus ossos. Cheiro isso.

É tão forte que me pergunto como ela reuniu forças para deixar a base e sua segurança.

É preciso ser corajoso para deixar o conforto e a segurança para caçar para os outros, mesmo que seus instintos digam para fazer o contrário, e não posso deixar de observá-la enquanto ela caminha.

Estamos viajando por talvez uma hora terrestre inteira.

O tempo passa, mas Sam não encontrou nada.

Nada, exceto evidências de que seu planeta está sob novo controle.

A primeira clareira que encontramos a faz parar no meio do caminho e seu cheiro de medo aumenta tanto que mesmo com minhas narinas fechadas, eu ainda posso sentir o cheiro.

É preciso muito esforço para manter meu ba'clan sob controle. Para não rosnar.

Para não capturar a própria coisa que tem medo.

Ela é tão pequena diante de mim. Eu me elevo sobre ela.

Mas mesmo quando meu ba'clan espeta ao meu redor, eu não me movo... e rezo para as estrelas que ela não se vire para olhar para mim.

Mas Sam não está focado em mim. É como se ela tivesse esquecido que estou aqui.

Sua mão treme na bengala que carrega enquanto olha para a clareira.

Ainda sinto o cheiro da seiva das árvores que foram derrubadas. Isso é o que o Scrit mais recente deixou para trás.

A cabeça de Sam se inclina para o céu, olhando ao redor antes de olhar para trás, e seu olhar pousa em mim.

Ela estremece um pouco, seus olhos se arregalando em mim.

Eu tenho que lutar para puxar meu ba'clan de volta. Apertá-lo contra minha pele com tanta força é como amarrar minhas veias com uma corda.

— Não tenha medo — resmungo, e estendo a mão para ela.

Sua garganta se move e seus ombros enrijecem, mas sei que minhas palavras não ajudam.

Senti o mesmo medo que ela está sentindo agora.

Senti meu órgão sanguíneo apertar e apertar quando o Gryken destruiu Edooria.

Esse medo não é algo que ela possa controlar.

No entanto, seu queixo levanta quando ela encontra meu olhar e de repente eu esqueço tudo ao meu redor.

— Eu não tenho medo.

Mentiras.

Quero dizer a ela que posso sentir o cheiro de como ela está com medo, mas não digo.

Deixo-a manter seu orgulho.

— Devemos continuar — diz Sam. — Estou pensando em encontrar alguns cogumelos, pelo menos. Qualquer coisa.

Ela me dá um olhar cauteloso antes de se virar e começar a andar novamente.

É menos de um minuto antes que ela pare em seu caminho mais uma vez.

Um suspiro estrangulado sai de seus lábios antes que ela de repente se vira e tenta passar por mim.

O instinto me estende e eu a pego.

— Me deixe ir! — Ela luta contra mim, mas não consigo ouvir suas palavras.

Seu cheiro de medo está fora de escala, mas enquanto estendo meus sentidos ao nosso redor, não consigo pegar nada que a assustasse.

Não há criaturas por perto.

— O que é? O que te assustou tanto?

— Me deixe ir! Por favor! Apenas me deixe ir!

Quero fazer o que ela implora, mas temo que, se o fizer, ela correrá cegamente para o perigo.

É quando eu vejo.

À frente.

Alojado entre duas árvores caídas.

O corpo de um humano.

Ou... o que resta dele.

Está reduzido ao esqueleto, a pele pálida e tão fina que consigo ver os ossos por baixo.

Parece algo que está morto há muito, muito tempo, mas eu sei que não.

Este é o trabalho do Gryken.

De repente, fica claro por que Sam ficou assustada.

Ela esteve na barriga de um Scrit uma vez. Ela deve ter visto em primeira mão que as enormes máquinas têm dois compartimentos.

Um para as fêmeas infestadas por Gryken.

O segundo, o macho segurando o dreno Gryken de seu sangue vital.

Este cadáver à nossa frente é resultado do último.

Eu não a deixo ir.

Em vez disso, eu me afasto do cadáver ofensivo e protejo seu olhar dele.

Seu corpo é macio contra o meu, embora ela lute para se livrar de mim, mas quando a puxo contra mim, ela se acalma um pouco.

De repente, sou pego despreparado.

Eu sempre desejei uma mulher para mim, mas...

Não sei como confortar alguém.

Rek.

Eu sou um tolo Vullan.

Talvez seja por isso que os deuses abençoaram meu companheiro de útero e não a mim com uma união.

Engulo em seco e sinto meus simbioses se contorcendo contra mim, impacientes.

A aflição da fêmea os está afetando.

Eu preciso confortá-la.

O jovem vullano gosta de receber tapinhas na cabeça quando está com medo, então levanto minha mão e a coloco levemente na cabeça de Sam.

Seu cabelo é flutuante e empurro um pouco para trás quando minha mão se acomoda contra ele.

Quando ela não protesta, dou tapinhas em sua cabeça de novo e de novo.

Não tenho certeza do que dizer, mas enquanto seu corpo estremece com soluços, continuo acariciando sua cabeça e, como por algum milagre, ela relaxa contra mim.

Algo sobe dentro de mim e eu dou uma mordida.

Sam funga.

— Me desculpa — ela murmura.

— Desculpa pelo quê?

Ela se afasta um pouco de mim e eu relutantemente a solto, mas sua cabeça está abaixada. Os cachos negros flutuantes bloqueiam minha visão de seu rosto.

— Eu não quis exagerar. Eu vi o que isso faz com os homens... vivi enquanto estava trancado dentro dele. Eu acabei de...

— Nenhuma experiência nega a outra. Você teria que estar morto por dentro para não reagir e nesse ponto...

— Nesse ponto o quê?

— Não faria sentido lutar de forma alguma.

Ela me estuda um pouco com os olhos que agora estão vermelhos. Eu tento não mostrar meu choque. Parece que seus olhos estão sangrando por dentro.

Mas quando o alarme passa por mim, algo semelhante a um sorriso move seus lábios antes de seus ombros subirem e descerem.

— Vamos por aqui.

Sam se vira e continua se movendo pela clareira. Eu a observo ir, esperando que ela dê sinais de que está perdendo a visão.

Mas enquanto ela segue seu caminho, nada parece errado.

Eu a sigo, observando-a.

Fazemos um amplo arco ao redor do cadáver e quando finalmente alcançamos o outro lado, posso ver quando a tensão deixa seus ombros.

Ela olha para mim antes de examinar as árvores ao redor.

— Não tem muito por aqui. — Há derrota em seu tom e eu meio que espero que ela se vire e volte por onde viemos.

Em vez disso, seu queixo se ergue e ela respira fundo.

— Mas deve haver alguma coisa.

Não tenho certeza se ela está falando comigo ou consigo mesma, pois ela começa a andar novamente, com o olhar no chão.

Eu a observo, com cuidado para manter meus sentidos abertos para qualquer perigo ao nosso redor.

Enquanto ela procura sustento para sua tribo, meu trabalho é mantê-la segura e embora esteja quieto aqui, nós dois sabemos que o Gryken pode aparecer a qualquer momento.

Até o pensamento deles me deixa arrepiado, e eu lanço meu olhar para o céu.

Não sei por quanto tempo caminhamos.

Sam mexe a terra, usando a bengala que encontrou como auxílio para caminhar e uma extensão de seu braço.

De vez em quando, ela para e colhe punhados de flores pelo caule.

— Flores de trevo. — Ela sorri quando chama minha atenção. — Podemos fazer chá com eles.

Eu resmungo quando ela se vira e pega um pouco mais.

Eu não sabia que os humanos precisavam de flores para que pudessem fazer xixi.

— Ah, tem mais! — Ela sorri novamente, mas não há alegria.

Em vez disso, a tristeza persiste.

Isso não é o que ela quer ou espera.

Ela é pequena. Todos os humanos são. Mas duvido que possam sobreviver com flores murchas.

Caminhamos um pouco mais com Sam abrindo caminho entre os arbustos quando ela faz uma pausa.

— Oh meu Deus — ela sussurra, e eu me pergunto por que ela está orando.

Talvez ela chame os deuses para lhe dar uma caçada maior.

Não há nenhum sinal antes que seu ritmo aumente enquanto ela corre para o que quer que seja.

Eu olho para frente. Tudo o que posso ver é... floresta.

Sem comida.

Nenhuma dessas coisas que os humanos chamam de arbustos de bagas.

Mas Sam está correndo em direção a uma árvore morta com uma infestação nela.

Conforme me aproximo, a doença que brota da árvore faz meus lábios se curvarem, mas Sam tem a resposta oposta.

Uma risada borbulha de sua garganta.

— Não há nada ao nosso redor — ela diz — então você encontra uma mina de ouro como está .

Mina de ouro?

Claramente, minha tradução das palavras dela está errada.

Não há minerais à nossa frente.

Mas quando ela cai de joelhos, seus dedos trêmulos pairando sobre o cogumelo laranja, percebo que ela está se referindo a ele.

Eu espero que ela explique.

— Eu não posso acreditar. Eu estava quase perdendo as esperanças. — Ela olha para mim e a alegria absoluta em seu rosto faz algo suavizar dentro de mim.

Ela está animada com o fungo.

Eu me pergunto o que ela pretende fazer com isso.

Vimos aqui em busca de comida.

Certamente, isso não é...

— Mal posso esperar para cozinhar isso. Quero dizer, não temos temperos e tal, mas tenho certeza de que podemos pensar em algo.

Minha barriga revira, e não de um jeito bom.

— Humanos comem isso?

Ela olha para mim novamente, mostrando os dentes para mim desta vez.

Eu fico parado.

Ela não está sendo agressiva, eu me lembro enquanto meu ba'clan sobe em meus ombros.

É outra excentricidade humana que levará algum tempo para se acostumar.

— Ga'Var...

Eu pisco para ela. Ela disse meu nome.

— Ga'Var, este é o frango da floresta. Quero dizer, não é KFC, mas é comida.

— Fran... go... — Faço uma pausa — Sam?

Eu quero que ela diga meu nome novamente.

— Sim — ela responde, mas meu nome não sai de seus lábios.

Ela está de costas para mim agora, enquanto suas mãos pairam sobre o fungo.

— Um pássaro. Uma ave que cultivamos principalmente para alimentação.

Ela colhe o fungo, leva um pouco ao nariz para cheirar, e um gemido sai de sua garganta.

Eu a encaro, com as orelhas erguidas.

Isso é pior do que eu pensava.

Não posso acreditar no que estou vendo e, quando ela olha para mim, seu sorriso morre um pouco.

— O que?

— Esses são os restos de uma criatura emplumada que morreu nesta floresta?

Ela me encara por um segundo antes de abafar uma risada.

— Não! Esse é apenas o nome do cogumelo.

Seus olhos reviram e, pela primeira vez, vejo a pessoa que Sam era antes de Gryken tomar seu mundo.

Uma fêmea feliz, correndo por seu planeta, colhendo flores para comer e colhendo fungos para cheirar.

— Vamos, abra aquela coisa de carrinho. Estou levando o máximo que pudermos carregar.

Ativo o hexágono em minha mão e o jogo no chão. Ele rapidamente se reconstrói em um carrinho da altura de um jovem Vullan.

— Oh, isso é maior do que eu pensei que seria. Talvez possamos levar parte dessa tora de volta e começar nossa própria cultura desses cogumelos.

Ela começa a levantar o tronco quando eu me inclino, pego e faço o resto do caminho para ela.

Nossos corpos roçam um no outro e, embora eu a estivesse segurando contra meu peito, Sam estremece e suas bochechas ficam vermelhas.

Tronco depositado no carrinho e mais cogumelos colhidos, Sam limpa as mãos, com um sorriso genuíno no rosto enquanto examina a floresta.

— Acho que podemos encontrar mais comida. Isso é bom, mas não é o suficiente.

Minhas entranhas odeiam a ideia de comida humana, mas me abstenho de comentar. Os humanos comem separadamente de qualquer maneira.

Mas até agora, não fiquei impressionado com o que eles ingerem.

Os vermes Essora são muito mais deliciosos.

Eu a observo enquanto ela começa a andar mais uma vez quando um movimento no alto das árvores chama minha atenção.

Minha mão em seu ombro a detém imediatamente e aquele sorriso que estava em seu rosto congela.

— O que? — ela sussurra. — O que é?

Examino as árvores, meu olhar pousando na criatura marrom e cheia de pelos.

Ele nos encara com olhos negros como breu e eu me movo para ficar diante de Sam.

Criaturas com olhos assim são uma de duas coisas.

Jovem predador cruel. Ou um predador cruel adulto.

Mostro um pouco os dentes enquanto o animal continua a me observar.

— Seu olhar é imóvel...

Sinto quando Sam espreita ao meu redor, seu olhar procurando as árvores altas e rijas.

— Isso é... isso é um esquilo, Ga'Var.

O meu nome...

Ninguém chama meu nome com tanta delicadeza.

— Comida ou ameaça?

Sam dá de ombros.

— Ambos, às vezes?

Saio antes que ela possa me impedir e tudo que ouço é um suspiro saindo de seus lábios quando me lanço na árvore.

A criaturinha corre mais alto.

É rápido, mas não rápido o suficiente, e eu o tenho em minhas garras em questão de segundos.

Um trinado passa por mim, meus simbioses se contorcendo de prazer com a pequena caçada.

Há quanto tempo?

Há quanto tempo não caço na selva Edoorian?

Demasiado longo.

E... nunca mais farei isso.

Meu olhar encontra Sam e as grandes poças de seus olhos estão sobre mim enquanto ambas as mãos dela estão tapando a boca.

— O que você está fazendo?! — ela sibila, e minhas orelhas se contorcem.

Eu não sabia que os humanos podiam fazer tal som.

A pequena criatura luta em minhas mãos ao som de sua voz, como se de repente tivesse se recuperado do choque de ter sido pega e os guinchos de Sam a tivessem energizado.

— Você tem que deixá-lo ir! — Ela sibila de novo enquanto seus ombros sacodem com a energia que ela coloca em cada palavra. Tenho a sensação de que ela está tentando conter suas emoções e manter nossa localização escondida.

Sam não esqueceu onde estamos ou a ameaça de estar aqui.

— Por que devo libertar uma criatura que é tanto sustento quanto uma ameaça?

Sam pisca para mim.

Várias vezes ela faz isso.

— Porque ...

Espero que ela continue, mas ela não o faz.

Finalmente, ela fecha os olhos com força e aqueles lábios estranhamente flexíveis dela ficam finos.

— É um esquilo.

— E é sustento quando seu povo não tem nada.

Ela engole com isso, mas vejo quando seus ombros caem.

Enquanto desço pela árvore, mantenho meus olhos nela.

Ela não encontra meu olhar, ou possivelmente, ela está tentando não olhar para o esquilo na minha mão.

Não entendo por que ela está tão triste por matá-lo, mas, quando quebro seu pescoço, ela estremece.

Ela pode não gostar disso agora, mas a fome é uma coisa dolorosa.

Eu sei.

Eu experimentei isso antes.

— Venha — eu digo a ela e ela empurra o queixo em direção ao peito, finalmente levantando seu olhar taciturno enquanto eu deposito o esquilo no carrinho flutuante.

— Não devemos ficar aqui por muito tempo.

Capítulo Sete

Sam

Estou com vinte e poucos anos.

Eu já vi mortes antes.

Muito disso.

Tenho visto ainda mais desde que o fim do mundo começou.

Ainda assim, ouvir os ossos do esquilo estalarem me fez sentir uma profunda tristeza por dentro.

É um sobrevivente como eu.

Por que sou digno de tirar sua vida?

Tecnicamente, não o matei, mas também não impedi Ga'Var.

Eu me pergunto se ele teria mudado de ideia se eu tivesse pedido.

Mas... precisamos da comida.

Não é como antes, quando eu podia observar os esquilos brincando na minha vizinhança e não pensar neles como comida.

Nada é mais o mesmo.

E Ga'Var...

A maneira como ele escalou aquela árvore como se fosse um super-humano ou algo assim...

Uma respiração estremece através de mim enquanto abrimos caminho através das amoreiras.

Isso me lembrou que ele é diferente. De alguma forma, no pouco tempo que estamos juntos, eu esqueci isso.

Ele é muito mais fácil de estar por perto do que eu pensava. Sua presença reconfortante em vez de outra fonte de ansiedade.

Em um momento como este, ele me fez rir. Isso conta para alguma coisa.

Meus joelhos dobram enquanto ando, indo para um terreno mais alto.

Se a Base Zero era algum tipo de atração turística, então deve haver um centro de visitantes em algum lugar, e se eu encontrar isso, talvez possa encontrar comida lá.

Comida adequada, como feijão e lata de sopa enlatada.

Afasto o esquilo morto da minha mente e me concentro nisso.

Ga'Var não falou mais nada desde então, mas posso sentir seu olhar firme nas minhas costas.

Ele está sempre atrás de mim, me observando silenciosamente.

Não sei se ele sabe como isso é enervante. Toda vez que olho para trás, ele está olhando para mim como se fosse me atacar a qualquer momento.

No entanto... não estou com medo?

Não dele, pelo menos.

Não faz sentido.

Estamos longe da base agora, provavelmente mais longe do que deveríamos estar. Mas chegamos até aqui. Seria estúpido não tentar avaliar nossos arredores antes de voltar.

Além disso, eu tenho os cogumelos.

Só espero que Adira encontre algo melhor.

À medida que subimos a encosta da montanha, a extensão da subida está lentamente me afetando.

Meus passos vacilam um pouco. Minha respiração ficando mais difícil.

Estou suando e a cada passo parece que estou usando aquela máquina de step da academia.

Mas Ga'Var é uma presença constante e incansável e eu continuo.

Eu me pergunto se ele pensa que sou fraca, e isso me leva a me perguntar o que ele pensa sobre ajudar a nós, humanos.

Mesmo tentando me mover mais rápido não está me ajudando agora. Meus esforços são anulados na presença da gravidade.

Fico pensando em como Ga'Var escalou aquela árvore e percebo que, de verdade, os vullanos têm desacelerado propositalmente seus movimentos enquanto estão ao nosso redor.

É chocante ver o quão rápido eles se movem quando estão em seu elemento.

Respirando fundo, continuo caminhando quando sinto algo como uma pulsação em meu pulso.

Não percebo o que é até sentir o pulso novamente.

Olhando para minha mão, minhas sobrancelhas franzem quando meu olhar encontra o disco transparente que o médico me deu.

Ele pulsa novamente quando olho para ele, mudando para um azul escuro antes de voltar à sua cor transparente, e eu congelo.

Não estava fazendo isso antes.

Meu coração acelera antes mesmo de me virar para olhar para Ga'Var.

Ele parou vários metros atrás de mim e eu nem percebi.

O que vejo me empalidece.

Seus espinhos estão todos subindo ao redor dele, seus lábios se contraindo em um rosnado.

Parece que meu coração dá um baque enorme e o tempo fica mais lento para mim.

Eu não sei onde está.

Eu nem vejo, mas sei o que é antes mesmo de ouvir algo pesado batendo no chão.

O chão treme.

— Abaixa-se! — Ga'Var está correndo em minha direção enquanto eu volto em sua direção. Meu pé bate em uma pedra e eu tropeço, mas estou de joelhos, lutando em direção a ele em um instante.

O medo me atravessa. Meu batimento cardíaco bate em meus ouvidos.

Terror enche minhas veias.

Está chegando.

Temos que encontrar um esconderijo.

Mas não somos rápidos o suficiente.

O terror dispara através de mim quando algo grande e metálico bloqueia o sol e eu só ouço o rugido de Ga'Var enquanto a terra treme ao nosso redor.

Estou quase ao seu lado quando a própria terra muda.

Não sei onde procurar. Meu corpo não sabe o que fazer.

Estou caindo, caindo, tentando encontrar meu equilíbrio mesmo quando a terra treme ao nosso redor e tudo dentro de mim quer gritar.

De alguma forma, permaneço quieta, mordendo meus lábios com força enquanto caio.

Mas estou me movendo rápido demais, auxiliado por outra coisa que não é a gravidade.

Vagamente, percebo que a terra está se movendo como água e, ao mesmo tempo, algo duro atinge minha perna.

Meu tornozelo torce enquanto meu corpo gira.

Não sei o que me apavora mais.

Que eu provavelmente quebrei minha perna ou a visão que me cumprimenta quando me viro.

Atrás de mim, toda a encosta da montanha está desabando.

Um deslizamento de terra.

E atrás disso, acima, passa a enorme parte de baixo de um orbe.

Engulo outro grito assim que sinto braços poderosos me cercando.

Mas estamos descendo a ladeira rapidamente.

Não tenho certeza se Ga'Var pode nos impedir. Não tenho certeza se ele pode salvar a si mesmo.

A sujeira nos cobre e não consigo ver, mesmo enquanto tento ajudá-lo, ajudar a mim mesma, agarrando-me a algo, qualquer coisa, para impedir nossa descida.

Mas estamos nos movendo com o peso da própria terra nos empurrando e, por um segundo, me pergunto se é assim que vou morrer.

O tempo desacelera em um momento em que minha mente fica atordoada, mas tão rápido e tão repentinamente quanto começou, de repente paramos de nos mover.

O horror me enche quando percebo uma coisa.

Eu ainda não consigo ver.

Meus olhos estão fechados e não consigo abri-los. Há um peso sobre mim, ao meu redor, que parece muito familiar e assustador ao mesmo tempo.

E... não consigo respirar.

Solo.

Estamos embaixo dela. Toneladas disso.

Eu vi minha morte muitas vezes nas últimas semanas.

Mas a última coisa que pensei que aconteceria era que eu seria enterrado viva.

Ga'Var

Meu ba'clan ainda está no limite, exceto onde tenho Sam contra meu peito.

Quando finalmente paramos de nos mover, paro um momento para respirar.

Estamos vivos.

Mas não por muito.

Posso sentir Sam lutando contra mim enquanto ela tenta se livrar do peso acima de nós. Mas a terra é mole e pesada.

Quanto mais ela se move, mais afundamos.

Seu peito está arfando e tento dizer a ela que vou nos livrar disso, mas não tenho certeza se ela pode me ouvir.

Claro, ela não pode.

Ela não pode ouvir através da densidade deste solo e mesmo que eu a esteja segurando, seu corpo é muito mais baixo que o meu.

Ela não pode ouvir... e ela não pode respirar!

Pela primeira vez desde que estou neste planeta, um tipo diferente de medo dispara através de mim. Um não ligado a mim mesmo, mas ligado a outra pessoa.

Tenho que levá-la à superfície desta terra solta, mas não tenho certeza da rapidez com que meus esforços nos libertarão.

Ela pode sufocar antes que eu consiga nos salvar.

Eu não posso permitir isso.

Eu posso respirar. Eu posso até ver.

Meu ba'clan tem energia suficiente dentro deles para ficar sem ar por várias horas.

Eles estão protegendo todo o meu corpo deste solo problemático, mas Sam... as roupas humanas de Sam não oferecem proteção.

Ela é vulnerável.

Um estrondo começa na minha garganta.

Não deixarei uma fêmea morrer sob minha vigilância.

Sam está lutando contra mim, ainda tentando alcançar a superfície de nossa prisão, e tenho que me contorcer até que minha mão livre cubra seu rosto.

Ela não gostará do que estou prestes a fazer, mas não tenho escolha.

Ou eu faço isso, ou permito que ela morra.

Eu já decidi, antes mesmo de minha mão cobrir seu rosto, mas a sensação de minha mão sobre seus olhos, nariz e boca desencadeia mais luta.

Eu tenho que ignorar seus apelos silenciosos enquanto me concentro nos meus simbioses, enviando-os para ela.

O ba'clan ondula enquanto se move contra a minha pele, através do meu corpo, enquanto alguns deles migram para ela.

Sinto o momento em que eles saem de meus dedos para cobrir o rosto de Sam, empurrando o solo até formar uma barreira entre sua pele e o próprio solo.

Ela fica imóvel contra mim, e me pergunto se ela também sente.

Eu me acostumei tanto com eles que não os sinto mais conscientemente contra o meu ser, a menos que me concentre e me concentre apenas neles.

Eles têm sido meus companheiros constantes desde o meu nascimento até agora, e fazem parte de mim tanto quanto cada um dos meus membros.

Há um momento de silêncio em que Sam não se mexe e então, de repente, seu corpo se move contra o meu quando ela respira pela primeira vez.

Alívio inunda através de mim.

Funcionou.

Meu ba'clan puxará o ar através do solo, permitindo que ela respire... permitindo que ela veja.

Os simbioses que enviei para ela deixam meu braço nu até o cotovelo, e a sensação demora alguns instantes para se acostumar.

Posso senti-los se comunicando comigo... aprendendo sobre Sam.

Os outros se contorcem contra mim.

Eles gostam dessa fêmea.

O pensamento me faz parar, quase esquecendo onde estou, mas quando **Sam** se empurra contra mim novamente, seus braços se movendo para fora enquanto ela tenta cavar para cima, sou trazido de volta à realidade.

Isso é um pensamento para outra hora.

Vou pensar mais nisso quando estiver sozinho.

Capítulo Oito

Sam

Meus braços e pernas se cansam rapidamente, mas tento cavar, me puxar para fora da confusão em que estamos quando um pensamento me atinge.

Não sei em que direção estou cavando.

E se eu estiver cavando da maneira errada? Me afundando mais no subsolo em vez de subir para onde eu quero ir?

É quando o alienígena atrás de mim se move.

Ga'Var se move com tanta força que toda a sujeira solta ao nosso redor se move.

Ele vai nos tirar daqui.

Eu só tenho que confiar nele.

Eu confio nele.

A estranha máscara que ele de alguma forma colocou no meu rosto me permite respirar.

Posso até abrir os olhos, embora não consiga ver nada debaixo dessa sujeira.

Mas, embora meu coração esteja batendo forte no peito, não estou mais com tanto medo.

Posso respirar agora, o que significa que a morte não está pairando sobre mim.

...o que significa que ainda posso sair vivo desta merda.

Enquanto meu coração bate contra meu peito, o mundo ao meu redor está escuro. Não por falta de luz ou pelo fato de meu corpo estar sobrecarregado, mas meus sentidos... não posso usar todos eles.

Parece que estou em um tanque de isolamento. Só consigo me concentrar no único sentido que funciona agora, meu tato, e tudo que consigo sentir é o peso da sujeira... e dele.

Atrás de mim, há uma vibração profunda.

Apesar de todo o meu pânico, nunca o senti até este momento, e isso me faz congelar.

Meu coração martela contra meu peito com tanta força que é difícil respirar, mas consigo, concentrando-me na vibração atrás de mim.

— Ga'Var — sussurro.

Seu peito está contra minhas costas, e um de seus braços ainda me envolve.

Durante tudo isso, desde o primeiro momento em que ele me pegou, ele me segurou.

Ao longo de tudo isso, e eu não percebi, muito focado em ficar acima do solo.

A vibração profunda vem dele, e assim que a sinto, é tudo em que consigo me concentrar.

Isso me atrai, obscurecendo o problema ao nosso redor. Atenuando o terror que corre em minhas veias.

Parece que ele estava esperando por essa calma, porque Ga'Var de repente se move mais uma vez.

Não sei como ele faz isso, empurra-se para cima com tanta força quando não há nada contra o que se apoiar, mas a ação de seu movimento me leva com ele.

Eu só posso agarrar o braço que está sobre mim enquanto ele se move, rezando para que ele saiba o que está fazendo, rezando para que ele possa nos tirar dessa.

Quando minha cabeça se rompe e o ar fresco atinge meu rosto, há um momento em que uma onda de tensão se libera de mim e, se eu estivesse de pé, teria desmaiado.

— Oh meu Deus. — Meu peito está arfando, meu corpo inteiro está tremendo.

Respiro fundo, ainda sem acreditar que não estamos mais no subsolo.

— Conseguimos!

Descrença passa por mim.

— Claro que sim, pequenina.

A voz profunda de Ga'Var soa distante enquanto ele puxa a parte superior do meu corpo pelo solo e minhas mãos finalmente ficam livres.

Eu me esforço para sair da terra enquanto ele me ajuda no resto do caminho, e quando nossos corpos estão finalmente livres, nós afastamos para longe do buraco que fizemos para cair no topo do que restou da encosta da montanha.

Meu tornozelo é uma bola de nervos latejante, e eu não quero nem olhar para baixo.

Eu sei que está torcido, ou pior, quebrado.

— Merda ... — Eu respiro, olhando para o céu acima de nós. Já está ficando cinza.

A noite está chegando.

— Merda!

Não consigo respirar o suficiente, como se o ar de repente estivesse escasso, e demoro alguns longos momentos até que meus pulmões se acalmem.

Há um véu quase transparente sobre meus olhos, atrapalhando minha visão, e levanto minha mão, passando-a sobre meus olhos, meu nariz, minha boca.

Parece que a máscara se move, da mesma forma que a senti se mover sobre minha pele quando ele a colocou em mim pela primeira vez - como se eu estivesse passando minha mão por um fluido ligeiramente mais espesso que água.

Ga'Var está de repente acima de mim, seus olhos ardentes procurando os meus.

— Como você está se sentindo?

Que merda, eu quero dizer, mas considerando tudo, as coisas poderiam ter sido muito pior.

— Vou viver mais um dia. — Eu teria sorrido depois de dizer essas palavras, mas minha boca não vai cooperar.

A respiração ainda estremece em mim, estou quase tendo uma parada cardíaca, e o choque de tudo isso ainda não passou.

— Você está ferida — o alienígena diz e sua mão roça meu tornozelo.

A dor dispara através de mim mesmo com aquele leve toque e eu estremeço.

Ga'Var clica em algo em seu idioma.

— Temos que encontrar abrigo — ele murmura. — Rapidamente.

Eu me levanto com meus cotovelos antes de me empurrar para uma posição sentada.

Meu tornozelo parece que não consegue decidir qual cor quer ser. Está lentamente se transformando em uma mistura de vermelho e roxo.

Merda.

Parece ainda mais doloroso do que é.

— Não tenho certeza de quão rápido posso ir, para ser honesta. Juntamente com a dor na minha perna, estou coberto de arranhões e hematomas.

Este meu corpo já passou por muita coisa.

Estou surpresa por estar consciente.

— Bem, pequena, temos que nos mover.

Pela primeira vez desde que cheguei à superfície, sinto algo no tom de voz de Ga'Var, e os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Quando meu olhar encontra o dele, há um momento em que eu sei que ele está prestes a transmitir más notícias.

— Nós não estamos sozinhos.

As palavras do alienígena enviam um raio de gelo na minha espinha e eu enrijeço. Meus pulmões param de funcionar.

Não ousa respirar, pois de repente estou ciente de tudo ao meu redor.

Mas estamos debaixo das árvores. O deslizamento de terra nos levou quase ao sopé da montanha, e as árvores remanescentes aqui que interromperam o fluxo de terra bloqueiam a maior parte do que posso ver.

Engulo em seco quando meu olhar se volta para o alienígena.

— O que você quer dizer? — Eu sussurro.

Tão envolvido em realmente sair disso vivo, eu nem percebi as lâminas ainda apontando para fora ao longo de seus braços e costas.

Sob o escudo de seu traje, seus olhos brilham.

Seus dentes estão à mostra e seus músculos tensos.

Se eu não soubesse o que acabou de passar por nós, teria pensado que ele estava prestes a me atacar.

— Eles estão entre nós.

Suas palavras me arrepiam ainda mais.

Eu não tenho que perguntar.

Eu sei exatamente a quem ele está se referindo.

A que ele se refere.

Meu olhar se volta para a área ao redor, tentando localizar os alienígenas, nosso inimigo nas sombras crescentes.

Eu só vi um vivo uma vez.

A coisa que controla as máquinas que andam por nosso mundo, drenando nossos lagos, destruindo a civilização... nos fazendo prisioneiros.

Lembro-me de quando o médico abriu o estômago de Mina. Quando o alienígena rastejou para fora.

De membros longos. Cabeça cinza carnuda. Um cruzamento entre um polvo e uma aranha.

Estremeço só de pensar que alguém está em algum lugar da floresta conosco.

— Onde? — Não sei como digo a palavra com tanta calma quando tudo dentro de mim está gritando.

— Acima — diz ele.

Eu levanto meu olhar para o céu, procurando através das folhas acima, meu coração martelando num ritmo que é rápido demais para manter.

Levo um tempo para percebê-lo, mas quando o faço, minha respiração para no meu nariz.

Lá.

Ao longe, por entre as árvores, vejo a luz refletida nela como um mau presságio.

Uma esfera.

Está parada.

— O que isso está fazendo?

— Nada de bom — Ga'Var rosna as palavras, e percebo que, embora pareça que ele poderia rasgar alguma coisa agora, ele está se controlando, provavelmente para meu benefício.

Eu tento me levantar, mas imediatamente desmorono.

A dor dispara pelo meu tornozelo.

Minha perna não funcionará.

Meu tornozelo está machucado.

Eu mordo meu lábio inferior com a dor, meus olhos lacrimejando.

A dor não pode me parar, no entanto. Isso não vai me parar.

Eu posso pular.

Isso é bom o suficiente.

De alguma forma, vou voltar para a base.

Como se Ga'Var lesse minha mente, ele diz palavras que não quero ouvir.

— Não podemos voltar para a base.

— O Scrit está no caminho e temos um problema muito maior.

Eu quero perguntar a ele que problema poderia ser maior do que isso - literalmente - quando ele olha para mim. No meu pulso.

A pequena mancha transparente que está na minha mão oscila entre uma luz azul e uma vermelha.

— Sua assinatura de energia não está mais camuflada.

Não.

Abro a boca para falar, mas as palavras não saem.

Eu não posso nem olhar para ele quando a realidade da situação cai sobre mim.

— O que? — Eu nem ouço meu sussurro. É como se tudo que eu pudesse ouvir fossem os gongos da desgraça.

As palavras de Ga'Var soam em meus ouvidos, ecoando.

— O Scrit está muito longe de você para sentir você agora. Mas assim que nos aproximarmos...

Assim que nos aproximarmos... ele vai me sentir.

Eu olho para a coisa na minha mão e acaricio levemente... pressiono na minha pele... balanço meu braço.

Eu preciso que funcione!

Mas as luzes não param de alternar.

— Deve haver algo que eu possa fazer. — Eu olho para o alienígena diante de mim. — Eu tenho que levar a comida de volta para a base.

Os rostos vullanos são inexpressivos, mas as pupilas estreitas de Ga'Var se estreitam.

— Isso é o que te preocupa?

Eu sei. É a coisa mais idiota. Mas é provavelmente um daqueles casos em que sua mente está tão superprocessada que você diz ou se concentra nas coisas mais aleatórias.

Mas mesmo assim, percebo uma coisa.

O carrinho que transporta a comida não está à vista.

A comida.

Deve estar enterrado em algum lugar sob toda essa sujeira solta.

Olho para mim mesma.

Sobre meu peito arfante estão os fios do que sobrou do meu vestido.

Está rasgado em tantos lugares que é quase irreconhecível.

Agarrando um pouco, rasgo uma longa tira e começo a enfaixar meu tornozelo, meu olhar piscando através das árvores para a máquina que está perto demais para ser confortável.

Ga'Var me observa.

— Temos que encontrar a comida — eu ofego. — E nós temos que sair daqui.

Eu estremeço quando puxo o pano mais apertado, amarrando as últimas partes em volta do meu tornozelo.

— Eu não vou atrasá-lo. Você não precisa se preocupar comigo.

Lanço um olhar para ele, mas não permito que ele diga uma palavra.

— Vou te acompanhar.

Porque... se Ga'Var quiser me deixar aqui, agora mesmo, e passar por aquela máquina, ele pode.

Eu sou a razão pela qual ele não pode voltar para a base.

Eu sou a responsabilidade.

Ele não diz uma palavra, piorando meus medos, e um nó se forma em minha garganta.

Não posso deixá-lo me deixar aqui. Então, eu tento subir.

A dor dispara pela minha perna imediatamente e meus joelhos dobram.

— Não é tão ruim quanto parece. — Dou um sorriso pouco convincente para ele e tento me levantar novamente.

Quase caio mais uma vez, mas Ga'Var me agarra.

— Não proteste — é tudo o que ele diz enquanto me levanta por cima do ombro em uma espécie de aperto de bombeiro.

Mesmo que eu quisesse gritar, não conseguiria.

Meu corpo inteiro está rígido de choque... e medo.

Ga'Var começa a caminhar na direção oposta de onde deveríamos estar indo, e sei que ele está se afastando da Base Zero.

Longe do Scrit.

Longe do que conhecemos e em direção a... o quê?

Eu não faço ideia.

Mas estou ferida e minha própria existência é como agitar uma bandeira vermelha para um touro furioso.

Não podemos seguir em direção à segurança... então temos que ir para o desconhecido?

Parece que a máscara sobre meu rosto pulsa e eu movo minha mão para cima para tocá-la.

Juro que se move contra meus dedos.

Já não há necessidade e tento descobrir onde se junta à minha pele.

Estou balançando enquanto Ga'Var me carrega, mas não é por isso que estou achando difícil encontrar o delineamento entre minha pele e a própria máscara.

Por minutos, talvez uma hora, ele caminha, e cada passo para longe da enorme máquina é um passo para longe da segurança da base.

Olho fixamente na sua direção e, de vez em quando, vislumbro o metal refletor.

Não é por muito tempo até que eu não possa mais vê-lo, mas ainda há um nó na minha garganta.

Sem o visual, começo a me preocupar com outras coisas e tenho que me forçar a me concentrar em outra coisa, como a máscara em meu rosto.

Ainda estou tentando removê-lo, mas não está se movendo.

Estou prestes a pedir a Ga'Var para tirá-lo quando de repente ele para de andar.

Meu coração bate contra o meu peito.

E se ele avistou outro inimigo.

Mas não.

Ga'Var está simplesmente me colocando na base de uma grande árvore.

— Espere aqui — é tudo o que ele diz, e eu não tenho a chance de dizer uma palavra antes que ele desapareça.

Capítulo Nove

Ga'Var

O Scrit está de pé no meio da clareira que criou.

Mesmo quando me dirijo para onde Sam e eu caímos na terra, o meu ba'clan contorce-se desconfortavelmente.

Estou no limite.

Tudo dentro de mim quer ir em direção à enorme máquina e derrubá-la.

Mas não tenho bombas de energia.

E as armas que trabalhamos para criar... o minério que extraímos... nada disso está pronto também.

Mesmo que fosse, estou sem nem um protótipo.

A única coisa que posso fazer... é me esconder... e esperar.

O que é pior, Sam está apavorado.

Eu podia sentir o cheiro de seu medo mesmo quando me afastei dela.

Eu tive que deixá-la por esse motivo.

Para voltar para onde caímos.

Para encontrar aquela caixa com a comida que ela trabalhou tanto para reunir.

Ainda tenho o rastreador dele. Encontrá-lo não é minha preocupação. O que me preocupa é a forma como meu ba'clan está reagindo.

Mesmo agora, meus pelos estão subindo conforme eu me movo e eu tenho que inalar profundamente para clarear minha cabeça.

É o cheiro do medo de Sam, não apenas a presença do perigo em nosso meio.

Seu cheiro de medo me faz querer caçar.

Rasgar algo.

Isso me faz querer... reivindicar.

Eu reprimo um rosnado.

Eu tenho que me acalmar antes de voltar para ela.

E então eu corro, movendo-me por entre as árvores como se elas não estivessem no meu caminho.

Eu alcanço o local onde a terra desabou sobre nós em um piscar de olhos, meu olhar se movendo através dos galhos acima de mim para localizar o Scrit.

Ainda está lá.

Acho que nunca vi um parado e me pergunto se está escaneando.

Por que um Gryken faria uma pausa em sua busca implacável para colher toda a água e vida senciente neste planeta?

Meus lábios puxam para trás enquanto eu rosno.

Tenho certeza de que as sentinelas devem vê-lo.

Só posso esperar que meu companheiro de útero e sua fêmea também estejam seguros, porque o inimigo está entre nós.

Não posso ir até eles e eles não podem vir até mim.

Concentrando-me na terra macia, não demoro muito para localizar o carrinho enterrado embaixo dela.

É pesado, cheio de terra e leva algum tempo para se erguer.

Quando finalmente aparece, eu cavo o máximo que posso do solo e volto para Sam.

Eu nem sequer chego perto dela antes de sentir o cheiro de seu medo.

Há uma contorção contra mim também, meu ba'clan ficando ainda mais tenso, e eu paro no meio do caminho.

Meu ba'clan puxa contra mim de uma forma que nunca fizeram antes e sou incapaz de me mover enquanto meus pensamentos se acumulam.

Eu estava errada.

Eles não estão nervosos apenas por causa do perigo. Não no limite por causa do cheiro de medo de Sam.

Há um pânico que dispara através deles enquanto se estendem em sua direção antes de voltar contra a minha pele.

Uma onda de surpresa passa por mim.

Eles nunca fizeram nada assim antes.

Eles se contorcem mais uma vez, pulsam e se espreguiçam na direção de Sam antes de voltarem para mim, como se estivessem tentando chegar a Sam, mas não pudessem me deixar para trás.

Isso envia uma lasca de medo através de mim.

Ela está em perigo?

Eu estendo meus sentidos. Mas não consigo ouvir nada.

Não sinto nenhuma outra criatura ao redor da floresta.

Ainda assim, corro de volta para onde deixei a pequena fêmea.

— Sam?

Seu peito está arfando com tanta força que, por um momento, acho que seu órgão vital está passando por algum tipo de parada.

— Ga'Var?! — Por baixo do véu do ba'clan que emprestei a ela, seus grandes olhos brancos me encaram.

— Não consigo tirar.

Seu cheiro de medo é tão forte que eu fecho minhas narinas e coloco minha mão sobre meu nariz para garantir.

Mas mesmo que eu não consiga sentir o cheiro, ainda posso ver em seus olhos quando me aproximo.

Ela quer o ba'clan fora.

Sem problemas. Vou simplesmente chamá-los de volta para mim. Eles fizeram o trabalho de ajudá-la a respirar.

Agora é hora deles voltarem.

Mas quando toco minha mão em sua pele, quando dou a ordem mental para que voltem para mim... nada acontece.

Pisco enquanto os observo.

Eu posso senti-los, me conectar a eles. Eles ainda são uma extensão de mim, mas não estão obedecendo.

Por sua própria vontade, eles se recusam a retornar.

Algo em meu olhar deve ter alertado Sam de que algo está errado porque seus olhos se arregalam ainda mais.

— Ga'Var? ela sussurra. — O que está errado?

Eu não respondo.

Não tenho certeza do que há de errado.

Isso é novo até para mim.

— Diga-me.

Eu encontro o olhar do humano, procurando-o como se fosse encontrar alguma confirmação ali de que ela está estável o suficiente para ouvir o que estou prestes a dizer.

Mas um estremecimento passa por ela enquanto ela engole.

— Você não pode tirá-lo... você pode.

Uma afirmação. Não é uma pergunta. E eu me pergunto o quanto ela sabe sobre o ba'clan.

— Não.

Sam engole novamente.

— Ga'Var... este não é um traje alienígena normal, é. — Seu olhar se move para baixo de mim. Os pelos ainda se estendiam ao meu redor.

— É isso?

Eu não sei como responder a isso.

Não soa como uma pergunta, embora seja formulada como uma.

— ... não — eu finalmente digo.

Ela engole novamente, sua respiração ficando profunda e longa enquanto ela desvia o olhar.

— Está preso em mim?

Vullan não mente... mas não sei como responder a ela.

— Talvez se eu esperar um pouco, saia sozinho?

Olhos arregalados e esperançosos procuram os meus, mas não posso fornecer ao pequeno humano a resposta que ela procura, porque a verdade é...

Não sei.

Sam

Tudo está fervilhando em minha mente e, enquanto balanço suavemente para frente e para trás no ombro de Ga'Var, tudo o que posso fazer é pensar.

Parece que o mundo está lentamente se fechando ao meu redor novamente.

Como se a esperança fosse uma vela acesa que está se apagando.

E tudo que posso fazer é olhar para trás, na direção do orbe, uma parte de mim esperando o pior.

Que a máquina começará a se mover novamente.

Que ele vai virar e seguir nessa direção.

Que isso vai nos esmagar.

Ou pior, que matará Ga'Var e me capturará mais uma vez.

O medo me deixa rígido.

Mas Ga'Var se move rapidamente.

Ele está se mantendo entre as árvores, evitando as áreas planas e se mantendo fora de vista.

Não sei para onde ele está indo ou a que distância do que pretende ir, mas não o impeço.

O mais longe possível daquela coisa.

Eu não me oponho.

Estou tão concentrado no que está atrás de nós que nem percebo o carrinho flutuando ao lado de Ga'Var até que seja tarde demais.

Eu pisco para isso, algo estremecendo através de mim.

Foi para isso que ele saiu?

Como ele viajou tão longe em ambos os sentidos tão rapidamente?

Eu não estava esperando perto da árvore por tanto tempo.

E... ele voltou para buscar a comida, embora não precisasse?

Os vullanos têm estoques de comida em sua nave.

Ele fez isso por nós.

Para mim.

Engasgo com a emoção crescendo em minha garganta e quando abro a boca para agradecer ao grande alienígena que me carrega, tudo o que sai é um soluço estrangulado.

Sinto-me despreparada e, mais uma vez, penso na minha irmãzinha.

Ela teria sido muito melhor nessa coisa de sobrevivência do que eu.

Uma parte de mim espera que ela ainda esteja viva por aí.

Em algum lugar.

Tento afastar os pensamentos dela. Pensamentos de família.

Pensamentos da velha vida.

Eles são intrusivos e me deixam fraco.

Por tudo que sinto quando penso em antes , é que...

Eu perdi tudo.

A máscara sobre meu rosto pulsa e eu engulo.

Algo está errado com ela.

O silêncio de Ga'Var me diz isso e não sei se devo ficar preocupado ou feliz por ele não conseguir tirá-lo.

Ajudou-me quando quase sufoquei. Quase fui enterrado vivo.

Passo meus dedos sobre ele e o sinto... interagindo comigo.

É leve, o movimento, mas juro que se estende em direção aos meus dedos antes de voltar ao meu rosto.

Minha respiração acelera e eu tento me acalmar.

Não está parando minha respiração.

Repito esse pensamento para me acalmar, porque se estivesse com defeito, poderia me matar agora, e não está.

Talvez o médico possa removê-lo quando eu voltar para a base.

É o mesmo material estranho que cobre Ga'Var e só posso presumir que seja algum tipo de IA de alta tecnologia.

De repente, o fato de que Adira está sempre vestindo o traje me vem à mente.

Nunca a vi sem ele desde o primeiro dia em que ela começou a usá-lo.

Provavelmente ela também não pode tirá-lo.

Engulo em seco quando penso nela.

Ela também está por aí em algum lugar. Ou talvez ela e Fer'ro tenham voltado à base a tempo.

Só espero que seja o último.

Minha mão se move pela fina camada sobre a minha pele novamente, e ela pulsa.

Isso e o escudo fino que está sobre minha visão são as duas únicas coisas que me dizem que algo está sobre meu rosto.

Paro de passar a mão no rosto quando Ga'Var para de repente.

Não consigo ver a razão pela qual ele para, mas as lâminas ao longo de sua coluna ou braços não estão subindo.

— Abrigo — diz ele, e picos de esperança dentro de mim.

Talvez ele tenha encontrado o centro de visitantes?

Mas enquanto ele se dirige para o que quer que veja, ele não está acelerando o passo e tenho a sensação de que não está longe de nossa localização atual.

Ainda estamos entre as árvores, longe do que poderia ser uma estrada principal ou qualquer coisa do tipo, e espero que tenhamos encontrado o centro de visitantes lentamente morrendo dentro de mim.

A noite está se aproximando agora.

A visibilidade é baixa e quando Ga'Var para e começa a me abaixar de seus ombros, eu finalmente tenho a chance de olhar ao redor.

Ele me descansa na base de uma grande rocha enquanto fareja o ar.

— Espere aqui.

Eu não estava planejando fugir, acredite em mim.

Mas enquanto o enorme alienígena se move em direção ao que chamou sua atenção, eu finalmente vejo o abrigo que ele encontrou.

Meu coração bate forte no meu peito.

É um velho Volkswagen Camper.

Um camping.

Outros humanos.

Meus olhos se arregalam enquanto vejo Ga'Var se aproximar do trailer lentamente.

Se houver outros humanos lá, ele sentirá o cheiro deles, certo?

Ele cheira novamente, as lâminas subindo um pouco em seus ombros, e quanto mais longe de mim ele anda, mais ele parece sobrenatural, lentamente se misturando à escuridão que está nos invadindo.

Ele para de repente e inclina a cabeça enquanto observa o trailer.

Meu coração continua a bater.

Prendo a respiração, esperando ouvir se os donos do veículo ainda estão por perto.

Nada.

E quando Ga'Var se move novamente, percebo ao mesmo tempo que o trailer foi abandonado.

Eu não deveria ter esperado mais.

Antes de tudo isso, eu estava na barriga da máquina. Antes que Ga'Var e seu povo nos resgatassem.

Em todo esse tempo, nunca vi nenhum humano no chão abaixo. Tudo o que vi foi como somos pequenos. Quão facilmente podemos ser esmagados.

O trailer é de um amarelo pálido, que parece quase branco à luz do crepúsculo.

Flores pintadas à mão decoram seu lado.

Uma das luzes dianteiras está quebrada e seus dois pneus dianteiros estão furados.

Não que eu estivesse pensando que poderíamos sair daqui com ele, mas... isso só me diz que essa coisa está parada aqui há muito tempo.

Há um leve som que ecoa na escuridão. Um rangido quando Ga'Var força a abertura da porta.

Ou ele a puxou das dobradiças ou a porta não estava trancada em primeiro lugar, mas ela cede às suas exigências e se abre.

Eu não posso ver seus olhos enquanto ele olha em minha direção.

Ele é apenas um tom de breu enquanto se move, entrando no trailer e desaparecendo de vista.

Prendo a respiração enquanto espero que ele volte, e quando sua cabeça escura aparece de volta, percebo que meu ombro está flácido.

Ele se dirige de volta para mim, seus passos medidos e seguros até que ele está agachado diante de mim.

— É um abrigo. Mas... é... pequeno.

Seu olhar passa por mim.

— Você caberá.

Ga'Var estende a mão para mim e permito que seu braço rodeie minha cintura enquanto coloco toda a pressão na minha perna boa.

Eu tento pular alguns passos com a ajuda dele, mas ele envia um clique agudo na minha direção antes de me pegar em seus braços e ir em direção ao trailer.

A luz fraca é suficiente para me deixar ver o interior quando entramos.

Uma leve camada de poeira está em tudo, mas o interior é muito melhor do que eu jamais poderia esperar.

— Uau. — Eu realmente não posso acreditar na nossa sorte. — Estou surpresa que você tenha encontrado algo assim.

Um clique de desaprovação sai de sua garganta, mas Ga'Var me coloca no que imagino ser a mesa e olha em volta.

— Dificilmente é adequado, mas é o melhor que posso fazer por enquanto.

Eu me viro para ele, oferecendo-lhe um sorriso.

Ele está fazendo mais por mim do que precisa e a gratidão aumenta por dentro.

— Está perfeito.

Ele olha para mim, seu olhar perfurando o meu com uma intensidade que me deixa sem palavras.

Há algo que ele não está me contando.

Eu posso sentir isso, e meu sorriso desaparece lentamente.

Sei que estamos em uma situação complicada, mas abro a boca para perguntar o que o está incomodando, de qualquer maneira.

Ga'Var fala primeiro.

— Sam — ele diz. — Podemos ficar aqui por um tempo.

Capítulo Dez

Sam

Ga'Var desaparece logo depois e fico sozinho enquanto o sol se põe sobre nós.

Não sei se ele saiu do trailer ou se ele... sumiu.

O pensamento de que posso estar sozinha neste deserto envia uma pontada de medo através de mim, mas eu o engulo.

Se for esse o caso, posso sobreviver.

Nada vai me impedir de sobreviver.

Minha perna lateja como se dissesse que é um grande espinho no meu plano, mas luto para ignorar a dor enquanto olho ao meu redor.

As janelas do trailer estavam fechadas, então parecia que não entrava muita coisa.

Descendo da mesa, coloco o peso na minha perna boa enquanto me seguro nas paredes da van e sigo para a parte de trás.

Há uma pequena pia, uma mesa e um banquinho. Na parte de trás, há até um espaço aberto grande o suficiente.

Há uma engenhoca dobrada na lateral da van e minha respiração falha quando meu olhar pousa nela.

Se for o que eu estou pensando...

Eu manco para a frente, apoio-me no meu pé bom e puxo a alavanca da coisa.

Ele não se move.

Engolindo minha frustração, eu tento novamente.

E de novo.

E de novo, até que haja um rangido e a coisa toda desabe de repente.

Uma cama que é tão larga quanto a própria van se abre, quase me atingindo quando ela se acomoda no lugar.

O efeito é um estrondo alto e eu congelo, meus ouvidos atentos a qualquer som do lado de fora.

Por alguns momentos, fico imóvel, apenas ouvindo, mas quando não ouço nada depois de alguns momentos, solto a respiração que estava segurando.

Algo aperta em meu peito.

Talvez Ga'Var tenha me deixado.

Certamente, ele teria investigado o som.

Há uma nuvem de poeira que se forma ao meu redor, mas não consigo senti-la, e com a — máscara — sobre meu rosto, isso não me incomoda nem um pouco.

Ainda assim, espero a poeira baixar antes de dar mais alguns tapinhas no colchão.

A luz natural do lado de fora é fraca, mas o colchão parece limpo o suficiente.

Não é como se eu tivesse muita escolha, de qualquer maneira.

Não estou em situação de exigir nada.

Meu olhar se volta para a porta aberta do trailer e outro nó se forma na minha garganta.

Eu manco de volta para lá e coloco minha cabeça para fora.

Tudo o que posso ver é a escuridão, e com as árvores ao redor, é uma escuridão sinistra que me deixa no limite.

Estendendo a mão, eu puxo a porta em minha direção. Mas já não fecha totalmente.

Eu mordo meu lábio inferior, meu olhar ainda procurando o lado de fora.

Não vejo nenhum sinal de Ga'Var e uma parte de mim se sente estúpida só de olhar.

Ele não me deve nada.

Nenhum dos vullanos deve.

Mancando de volta para a cama, eu me levanto e puxo meu tornozelo em minha direção.

A dor é tão forte que meus olhos lacrimejam.

Não preciso de uma luz ofuscante para ver que está inchado.

Eu posso senti-lo bem debaixo da minha mão. Inchado e quente.

Enquanto estico minha perna e deito de costas, olhando para o teto do trailer, sei que há uma chance muito boa de não conseguir voltar vivo para a base.

Um pensamento como esse deveria me deixar com medo.

Mas...

Não.

Ga'Var

Termino de explorar a área muito mais tarde do que gostaria e quando volto para o estranho abrigo, não ouço nenhum som lá dentro.

Por um momento, algo dentro de mim aperta e eu rastejo em direção a ele, meus sentidos no limite.

Puxando um pouco de ar pelo nariz, cheiro a fêmea, mas não a vejo onde a deixei no abrigo.

Se ela partiu sozinha, não poderia ter ido longe. Não com seu ferimento.

Caminhando em direção ao abrigo, eu abro a porta, meu olhar procurando o interior quando um suspiro agudo chega ao meu ouvido.

Meu olhar encontra Sam imediatamente.

Ela está deitada em uma superfície ligeiramente elevada.

Parece uma cama estranha.

— Ga'Var? Há um tremor em sua voz e percebo que ela não pode me ver bem.

— Sou eu.

Uma respiração corre por ela que faz seu corpo cair e ela relaxa em seus cotovelos para olhar de soslaio para mim.

— Eu pensei que você... — Ela para e seu olhar abaixa. — Onde você foi?

Há algo em sua voz e eu arquivoo para mais tarde.

— Reconhecimento. A área está livre. Segura — Por agora. Mas eu não adiciono essa parte.

Eu não preciso que ela tenha medo agora. Ela precisa de descanso. Comida.

Ela precisa se curar.

Ela semicerra os olhos para mim, seus olhos se estreitando tanto que me pergunto se ela consegue enxergar.

Quando ela tenta se agachar, ela estremece com o esforço, e eu me movo em sua direção.

Sam estremece um pouco, seus olhos se arregalam enquanto seu olhar procura a escuridão do abrigo.

Eu sei que os olhos de humanos são ruins, a julgar pela cautela com que eles se movem dentro dos túneis, mas nunca percebi o quão ruins eles são.

— Você não pode me ver, pode?

Seu olhar pousa onde estou na escuridão, e ela balança a cabeça de um lado para o outro.

Não sei o que isso significa, mas posso adivinhar, a julgar pela vulnerabilidade em seu olhar.

— Isso deixaria você mais à vontade se pudesse?

Ela engole em seco e move a cabeça para cima e para baixo.

— Sim, deixaria.

Um leve arrepio passa por mim.

— Eu posso remover meu ba'clan.

Eu espero que ela responda. Para ela me dar permissão para me despir para ela, mas Sam não responde.

Foi estúpido sugerir isso.

Sam não é minha companheira.

Sam não quer acasalar, e Sam, como os outros humanos, exceto Adee'ra, não quer nada com a minha espécie.

— Você removeu? Ainda não consigo ver você.

Suas palavras fazem aquele arrepio passar por mim novamente.

— Você quer que eu o remova?

A língua de Sam passa por seus lábios. A mesma língua que ela apontou para mim no que parece ser um passado distante agora.

— Sim. Se... se isso não te incomodar, quero dizer.

— Não me incomoda remover meu ba'clan para você.

Na verdade, está criando um trinado dentro de mim que não deveria estar lá.

O cenário está todo errado.

As circunstâncias.

— Você provavelmente deveria fechar a porta primeiro, no entanto — ela sussurra.

Eu pisco para ela.

— Você deseja que eu compartilhe este espaço com você?

Eu vejo a confusão passar por seu rosto expressivo.

— Esse era o plano, não era?

O humor faz meus lábios tremerem sobre minhas presas. Acho que a pequena fêmea superestimou isso. Quase não há espaço suficiente para ela sozinha, mas prefiro ficar apertado dentro deste pequeno abrigo com ela do que ficar lá fora sozinho.

Então eu me viro em direção à porta e a fecho com um puxão firme antes de caminhar em direção a Sam.

Meu ba'clan ondula antes de afundar sob minha pele e os olhos de Sam se arregalam quando sua cabeça se inclina para trás.

— Eu ainda mal posso ver você, mas... uau. Eu não sabia que você podia fazer isso.

Seu olhar se move sobre meu corpo com tanta admiração que paro de me mover quando estou parado na frente dela.

Nenhuma mulher jamais olhou para mim do jeito que Sam está olhando para mim agora.

Nenhuma mulher jamais se importou o suficiente, e as atenções de Sam fazem algo vibrar dentro de mim que eu nunca senti antes.

— Porra... você é grande.

Eu pisco para ela, todo o meu corpo enrijecendo.

Ela acabou de...

Rek.

Eu deveria ter perguntado mais a Fer'ro sobre seu acasalamento com Adee'ra.

Como foi e como começou.

Puxando um pouco de ar em minhas narinas, minha confusão aumenta.

Conheço o perfume de acasalamento humano. Já cheirei muitas vezes. Dispara de Adee'ra toda vez que ela vê meu irmão.

Não há nada no ar aqui. Não sinto o cheiro da excitação de Sam. Além disso, ela está ferida.

Mas... ela apenas comunicou que desejava que eu acasalasse com ela.

— Porra?

— Sim, quero dizer... olhe para você. — E então seus olhos se arregalam. — Ah porra. Merda. Quero dizer... Ela levanta a mão em minha direção. — Eu não estou propondo a você nem nada. Essa palavra às vezes significa, hum, às vezes apenas só mostrando surpresa.

Estou desapontado e aliviado.

Não tenho certeza de como poderia honrar seus desejos quando tenho três vezes o tamanho dela.

Só por esse motivo, sei que não somos compatíveis, mas ainda espero que Sam não me rejeite como amigo.

Um aliado.

— Vá para trás.

Ela olha para trás e faz o que eu digo. Mas quando minha mão roça seu pé agora inchado, ela estremece e endurece.

O pequeno curativo que ela fez não está ajudando.

Não tenho certeza se adiantará.

Eu poderia ajudá-la com meu ba'clan, mas tenho a sensação de que ela não gostará mais de nenhum dos meus simbiontes em seu ser.

Ainda não sei como tirar os do rosto dela e parecem que se instalaram ali.

Então, terei que ir com a próxima melhor opção.

— Deite-se. Eu aliviarei sua ferida.

Sam está me observando de sua posição, apoiada nos cotovelos.

— Aliviar isso? Você tem pomadas?

Um pequeno raio de prazer me percorre antes que eu possa matá-lo.

— Não... eu tenho algo ainda melhor do que isso.

Capítulo Onze

Sam

Quando a língua de Ga'Var sai de sua boca, não recebo nenhum aviso antes de atingir minha pele.

Minha primeira reação é afastar minha perna, mas a dor latejante em meu tornozelo irradia para cima e qualquer movimento brusco vai me machucar mais do que qualquer coisa.

Tudo o que posso fazer é assobiar para ele.

— Que diabos está fazendo?!

Ele faz uma pausa apenas por um segundo para me responder antes de sua língua quente se mover sobre meu tornozelo novamente.

— Acalmando você.

Minha boca se abre enquanto eu o observo.

Eu nem sei quando ele descartou o curativo improvisado que eu fiz, e no crescente luar, vejo restos dele abaixo da minha perna.

Ele rasgou?

Com sua garra?

Sua língua se move contra a minha pele e eu mordo meu lábio com força.

Não deveria ser tão bom.

Abaixo da dor latejante do meu tornozelo, a língua de Ga'Var é como uma compressa quente, pesada e ondulante, e quando ele a envolve inteira em volta do meu tornozelo, eu estremeço com tanta força que quase me mijo.

— Muito áspero? — sua voz profunda envia uma vibração pela minha perna e eu balanço minha cabeça.

Não confio em mim mesma para respondê-lo, então o encaro, me perguntando o que diabos ele está fazendo.

— Minha saliva tem enzimas suficientes para curar a maioria das feridas menores. — Ga'Var dá uma longa lambida em meu tornozelo antes de murmurar outra coisa.

Não sei se é porque estou focada no movimento de sua língua ou no fato de ele estar resmungando porque não ouço uma palavra do que ele diz.

— R...repita isso. — Minha voz sai muito mais ofegante do que eu gostaria e engulo o arrepio que de repente percorre minha espinha.

Ele não sabe o quão erótico é esse tipo de coisa. Ele é um alienígena. Não humano. Não um homem.

Estrangeiro.

Um macho alienígena .

Engulo outra bola de ar com esse pensamento no momento em que Ga'Var passa a língua em meu tornozelo mais uma vez.

Sua língua é mais grossa que a de um humano. Mais pesado. Mais grosso.

Mais longo.

Mal consigo ver na penumbra, mas Deus, posso sentir isso.

Meus dedos se agarram ao colchão enquanto me forço a ficar imóvel.

Isso não é sexual.

Nada sobre isso é sexual.

Ele não quer nada de mim .

Ele está simplesmente tentando me ajudar.

Repito essas palavras na minha cabeça. Dizê-los repetidamente me ajudam a focar em tudo, exceto na língua alienígena esfregando contra minha pele.

Ainda assim... há uma vibração em minha barriga que não consigo controlar.

Quando Ga'Var finalmente levanta a cabeça, acho que ele terminou e uma respiração forte estremece meu peito, mas ele só se move mais para cima, sua língua entrando em contato com minha perna.

Eu inalo profundamente.

Mesmo com o traje não cobrindo mais a pele, mal consigo vê-lo

— Mais algumas feridas — ele murmura.

Graças aos deuses ele não demora. Dois golpes de sua língua e ele terminou.

Tenho a sensação de que ele levanta a cabeça e está olhando para mim.

— Mais pequenas feridas, por todo o seu corpo. — Sua voz é baixa e no silêncio do trailer, parece que suas palavras viajam pelo ar, acariciando minha pele. — Sua pele é muito... frágil.

Eu não me mexo.

Se ele está pensando em colocar a língua em qualquer outro lugar em mim...

— Eu poderia lamber isso para você também.

Estou balançando a cabeça quando sinto movimento.

— Não. Tudo bem. Você já me ajudou.

E essa é a verdade.

Agora, em vez da dor latejante, parece que adicionei aloe-vera e óleo de melaleuca sobre minha pele, resfriando-a.

Ele está se inclinando sobre mim.

Conforme meus olhos se ajustam ao tom de sua pele, posso vê-lo com mais clareza, e um suspiro se aloja em minha garganta.

Ga'Var é...

Os vullanos nunca andam por aí sem que seus trajes cubram cada centímetro de seus corpos. Às vezes, Fer'ro tira o traje do rosto e da cabeça, mas é só. Os outros não.

Mas Ga'Var...

As bordas de suas cristas são de uma cor ligeiramente mais clara do que o resto de sua pele e, como divisas, criam padrões em seu corpo.

Eu me pego demorando nas que descem pelas maçãs do rosto para seguir a linha afiada de sua mandíbula.

Cumes. Cumes em todos os lugares.

Eu me pergunto como eles são. Se eles são tão duros quanto parecem ou mais como couro.

Eu certamente não os senti quando estava em seu ombro, embora eles corressem em linhas por todo o seu corpo.

Não sei quanto tempo fico olhando maravilhado para o alienígena diante de mim, mas de repente me dou conta de que ele não está se movendo.

Não consigo ver seus olhos, mas sei que ele está focado em mim e me contorço um pouco sob seu olhar.

— Melhorou?

Eu empurro meu queixo em direção ao meu peito.

— Sim... Obrigado.

Outra batida passa e minhas bochechas ficam quentes, mas Ga'Var não se mexe.

Ainda pairando sobre mim, me pergunto o que ele vê quando olha para mim.

Há uma forte ingestão de ar quando ele inala e há um som suave que escapa de seu peito antes de ser subitamente interrompido.

Soa como o trinado de uma toutinegra de pinheiro (pássaro) ... mas diferente.

Mais profundo

O colchão treme de repente quando Ga'Var levanta e se afasta.

— Descanse agora. — Sua voz se move no escuro como se ele estivesse em todos os lugares do pequeno trailer ao mesmo tempo. — Eu ficarei de guarda.

Eu não sei como ele espera que eu durma depois de tudo o que aconteceu hoje, mas eu aceno de qualquer maneira e volto para o beliche.

Descansando minha cabeça em meu braço, eu olho para a escuridão em sua direção.

— Sam...

— Sim?

— Eu me mostrei a você nu, mas não vou tentar acasalar com você.

Suas palavras me deixam sem palavras.

Eu nunca sugeri que nós - oh Deus...

Talvez ele ainda esteja preso a esse mal-entendido sobre a palavra — foda-se.

— Você não está...

— Você é muito pequena. Acho que a experiência não seria boa.

Minha boca se abre enquanto meus olhos se arregalam e eu olho em sua direção.

O que...

O...

Eu bato minha boca fechada.

Não sei o que dizer, então não digo nada.

A vergonha me enche de onde meus pensamentos estavam indo antes.

— Então não há necessidade de você se preocupar...

— OK! Entendi. — Falo tão apressadamente que quase mordo a língua. — Estou feliz que esteja resolvido então. Agora podemos nos concentrar em dar o fora daqui e voltar para a Base Zero.

Ga'Var não responde e não sei se ele faz um daqueles cliques em seu idioma ou se de repente ficou em silêncio.

Talvez seja o melhor.

Mas agora eu tenho um problema.

Enquanto o silêncio se instala ao nosso redor, tudo que consigo pensar é no fato de que ele estava pensando em acasalar comigo...

Não consigo parar de pensar nisso e na sensação de sua língua contra a minha pele.

Capítulo Doze

Sam

Meus olhos se abrem lentamente e então estou totalmente acordada, a respiração trovejando em meu peito quando o pânico inicial se instala.

Mas estou bem.

Eu estou viva.

Estou... segura.

Ainda no trailer.

Ainda no local onde adormeci na cama.

À medida que minha respiração se equilibra, levanto meu olhar sonolento para a frente, esperando ver o grande alienígena pairando ali.

Mas só sou recebido pelo interior escuro do trailer.

Ga'Var não está aqui.

Levanto-me um pouco mais, esfregando as mãos nos olhos para me livrar do sono.

É manhã. A luz do dia entra no trailer em pequenos raios de sol da manhã, iluminando as partículas de poeira que nadam na minha frente.

Estou saindo da cama antes de me lembrar da minha perna inchada e acabo colocando algum peso sobre ela enquanto me levanto.

Um silvo automático e um estremecimento deixam meus lábios antes que eu congele.

A dor... não veio.

Olhando para baixo, uma lasca de choque, ou talvez medo, corre através de mim.

Meu tornozelo... não... minha perna inteira .

Está... coberta.

Minha mão sobe para o meu rosto. Eu estava tão acostumada a não sentir a — máscara — ali que não foi a primeira coisa que pensei em checar quando acordei.

Mas agora que meus dedos estão se movendo sobre minha pele, posso sentir que meu rosto está claro.

Ga'Var o moveu enquanto eu dormia?

Engolindo em seco, eu olho para a minha perna mais uma vez.

Está coberto com a mesma tinta preta que reveste todo o corpo de Ga'Var.

Eu movo minha perna, testando-a.

Não parece pesada e não posso dizer que a tinta está lá.

Só para ter certeza, porém, dou um passo hesitante em direção à caixa de armazenamento na lateral do trailer.

Na escuridão, pensei que fosse uma mesa, mas presumo que o dono disso antes a usou para ambos.

Meus passos são cautelosos, desajeitados, enquanto tento não colocar peso na minha perna ruim, mas o que é surpreendente é que minha perna não está doendo tanto quanto deveria.

Parece meio... entorpecida.

Alcanço a caixa de armazenamento e a abro com as duas mãos.

O cheiro de poeira e vida antiga sobe e eu viro um pouco a cabeça, parando minha respiração quando o cheiro passa.

Dentro estão algumas coisas.

Cobertores. Uma chaleira.

Livros.

Livros!

Pego um sem nem pensar e assim que agarro a lombada e viro a capa de frente para mim, minhas bochechas ficam quentes.

É um... romance... eu acho.

Dois seres estão entrelaçados apenas na capa... a fêmea é humana e o macho é... só posso descrevê-lo como um monstro.

Não humano.

Algo diferente.

Eu o encaro por alguns momentos.

Eu definitivamente estou lendo isso... mas talvez não para que qualquer outra mulher possa ver... ou qualquer vullano.

Não quero que tenham ideias.

Não que isso importe de qualquer maneira.

Ga'Var não fala muito, mas certamente falou muito ontem à noite.

Eu não sou o tipo do Vullan. Não que eu quisesse ser.

Eu coloco o livro para baixo e meus olhos se estreitam enquanto eu olho para o resto do conteúdo da caixa de armazenamento, com uma irritação subindo pela minha nuca.

Como ele ousa, afinal?

Eu nunca disse que queria transar com ele nem nada.

Minha carranca se aprofunda enquanto eu tiro um enorme cobertor do caminho e continuo cavando.

Há uma faca aqui e outro livro. Este menos interessante. Parece um livro de biologia e eu o empurro para fora do caminho.

Mas o que me chama a atenção é a pequena Polaroid que escapa dela e cai no fundo da caixa de armazenamento.

Meus dedos tremem quando levanto a foto.

Os rostos felizes de um casal me encaram. Sorrisos em seus rostos enquanto eles estão na frente deste trailer.

Algo se aperta dentro de mim e as lágrimas ameaçam sair de meus olhos quando avisto, a seus pés, um pequeno berço.

Eles dataram a foto.

Apenas três meses antes de eles chegarem.

Eles partiram para acampar apenas três meses antes do fim do mundo.

E agora...

Eu tenho que desviar meu olhar e engolir minhas emoções.

Deslizando para o chão, levo alguns momentos para permitir que minhas lágrimas não caiam.

Não quero pensar no que aconteceu com aquela família... ou com aquele pobre bebê inocente.

Rezo para que, se eles não tiverem sorte e forem pegos, as máquinas lhes proporcionem uma morte fácil.

Mas eu sei que é apenas uma ilusão.

Aqueles que tiveram morte instantânea foram apenas aqueles que morreram naqueles primeiros momentos.

Todos os outros...

Eles foram torturados.

Soltando uma respiração profunda, eu me abaixo para enfiar a foto no bolso do meu vestido quando percebo que meu vestido está tão rasgado que está pendurado em farrapos.

Eu não tenho bolsos.

A cintura da minha calcinha terá que servir.

Eu guardo a foto e me levanto, mergulhando minha mão na caixa novamente.

Há um espelho ali e eu o pego, enxugando meus olhos ainda úmidos enquanto o levanto para olhar meu rosto.

Meu reflexo me encara como um estranho.

Minhas bochechas estão afundadas, meus olhos arregalados com olheiras ao redor deles.

Meus cachos estão emaranhados e sujos em volta da minha cabeça, e meus lábios estão rachados e secos.

Passo minha língua sobre eles enquanto olho para mim mesma, minha mão livre se movendo para tocar minha pele.

Bem... pelo menos a máscara não está mais lá.

É como se nunca tivesse existido.

Isso me leva a olhar para minha perna novamente.

Estou apenas esticando minha mão em direção a ela quando a porta do trailer se abre de repente.

Ga'Var

Sam está acordada e saiu de seu local de descanso.

Senti o momento em que ela acordou de seu sono, mas esperei que ela saísse do abrigo sozinha.

Só que ela não o fez.

Quando abro a porta, pronto para entrar no pequeno espaço e encontrá-la, meu olhar cai sobre ela.

Ela está sentada no chão, bem na minha frente.

— Sam?

Há fluido cobrindo seus olhos, mas ela parece menos dolorida do que na noite anterior.

Sam olha para mim, sua mão parando no meio do movimento e isso faz com que meu olhar caia para onde ela estava se estendendo.

Não consigo me mover quando percebo meus simbioses cobrindo sua perna.

Eu não ordenei que a curassem lá.

Desde que tentei fazer com que eles voltassem para mim, não comuniquei mais com eles.

Isso é independente de mim.

Não deveria ser possível.

— Ga'Var. Você está aqui. — Sua mão faz uma pausa e ela não toca a perna.

Estou agradecido por tal.

Não quero assustá-la, mas não sei o que esperar.

Meus simbioses nunca agiram por conta própria antes.

Somos uma unidade.

— Parece que dormi a noite toda. Não era minha intenção, de jeito nenhum — Sam continua, e ela faz menção de se levantar.

Estendo a mão para ela, mas ela já está fazendo isso sozinha.

Não posso deixar de fixar meu olhar em sua perna.

Tinha inchado na noite anterior. Agora, o inchaço é visivelmente menor.

Meu ba'clan está... curando-a.

— Obrigado por fazer isso também. — Ela gesticula para a perna. — Parece melhor. Já não dói tanto.

Encontro o olhar de Sam, feliz por ela ainda não saber como interpretar os maneirismos vullanos.

— Desde que você esteja melhorando.

Qual é a verdade. O único problema é que não tenho parte nisso. Isso não é obra minha.

Minhas orelhas se movem enquanto meu ba'clan pulsa contra mim.

Um tom reconfortante, mas ao contrário de antes, mal consigo sentir a parte de mim que está em Sam.

Ainda há uma conexão, mas não é tão forte quanto deveria ser.

De repente, desejo que meu companheiro de útero estivesse por perto.

Eu poderia fazer perguntas a ele.

Adee'ra poderia me dizer o que esperar também.

Pois, meu ba'clan está fazendo algo impossível.

A mesma coisa que fizeram por meu companheiro de útero e Ade'e'ra.

Sam está se tornando hospedeira de uma nova colônia... o que a torna... minha companheira.

Só... ela não pode ser minha companheira.

O ba'clan deve juntar você a uma mulher que será mais adequada para você.

Sam nem chega ao meu ombro.

Como ela deveria me levar, muito menos gerar meus filhotes?

Cada pensamento envia raios de medo através de mim e meu ba'clan fica agitado.

Os olhos de Sam ficam ainda maiores quando seu olhar pousa em mim.

— O que é? — ela sussurra, seu olhar correndo para fora do abrigo, ao redor da floresta e, finalmente, acima de nós.

Seu cheiro de medo começa a aumentar, conforme o movimento de seu olhar se torna cada vez mais frenético.

— Precisamos correr?

Estendo a mão para ela e agarro seu ombro, firmando-a.

— Não.

Essa única palavra parece acalmá-la um pouco e o arfar de seu peito diminui um pouco.

— Então, o que é? Suas lâminas parecem estar subindo. Isso só acontece quando você está prestes a lutar.

Minhas orelhas se achatam contra o lado da minha cabeça, e eu afasto meu olhar dela.

Nunca cheirei a excitação de Sam, embora tenha certeza de que ela é uma mulher adulta, embora pequena.

Isso pode ser simplesmente porque ela não se sente atraída por mim - ou por qualquer outro vullano.

O que é compreensível. Seus instintos de acasalamento podem desaparecer em momentos como este.

— O que é Ga'Var?

Eu não posso encontrar seu olhar.

Eu quero... mas como...

Como posso dizer a uma mulher cujo mundo está sendo dilacerado que estou aqui para virá-lo de cabeça para baixo ainda mais?

Capítulo Treze

Sam

Ga'Var ficou em silêncio novamente e sinto que há algo que ele quer me dizer, mas... não pode?

Eu não forço. Ele me dirá quando estiver pronto. No entanto, tenho um mau pressentimento sobre isso.

Ele me leva para fora do trailer e percebo que ele puxou um tronco na frente.

Há também um buraco de fogo que ele fez. Aquele em que o fogo é colocado em um buraco na terra.

Eu não pergunto como ele conseguiu fazer um. Não tenho a menor ideia de como fazer fogo do nada, mas o que me chama a atenção é a coisa assando em cima dele.

Quase engasgo quando meu olhar pousa no que só pode ser o esquilo capturado no dia anterior.

— Bom? — ele pergunta. Eu olho para ele.

Ele está vestindo seu traje de novo, por todo o corpo e eu gostaria que ele o tirasse para que eu pudesse ver pelo menos seu rosto.

Já passamos por muita coisa juntos, não me importo de vê-lo.

Mas não sei se ele está usando a cobertura de corpo inteiro para esconder sua assinatura de energia ou não.

Isso me leva a olhar para o círculo transparente em meu pulso.

Ainda piscando em vermelho e azul.

Eu limpo minha garganta, olhando para o esquilo assado.

— Fiz do jeito que vi você fazer a criatura do mar.

Eu não entendo o que ele quer dizer até que ele continue.

— Você abre e tira suas entranhas. Então você raspa sua pele.

A maneira como ele diz as palavras me pega entre ficar horrorizada e quase rir de como ele soa enojado.

— Você fez como eu faço com o peixe. — Eu quase sorrio com a engenhosidade disso. — Eu não sabia que você estava me observando tão atentamente.

— Eu sempre observo você, Sam.

Eu pisco para ele, o riso morrendo na minha garganta enquanto ele se move ao redor do fogo.

— Já acabou? Acho que passou por uma segunda morte apropriada.

Ele cutuca o esquilo e olha para mim.

Eu tenho que piscar várias vezes para limpar minha mente.

— S...sim, acho que sim.

Apesar de não querer comer a criaturinha, o cheiro da carne me dá água na boca.

Ga'Var o tira do fogo e o estende para mim.

Mas não aguento. Está muito quente.

— Um segundo — digo a ele enquanto corro de volta para o trailer.

Tenho certeza de que eles tinham pratos ou algo do tipo lá. O que eu não faria por um garfo também.

Eu manco um pouco enquanto ando, mas com esse tipo de gesso, meu tornozelo não protesta muito.

No entanto, quando encontro uma velha tigela de cerâmica e um garfo, a carne de esquilo não está tão quente quanto antes.

Ga'Var coloca na minha tigela de qualquer maneira, olhando para os utensílios como se fossem algumas estranhas armas alienígenas.

— Chama-se garfo — eu digo a ele enquanto enfio na carne, me odiando por antecipar o quão bom será o sabor.

Me odiando por comer a coitada.

O primeiro pedaço que coloco na boca derrete na minha língua e tenho que fazer uma pequena pausa.

Ga'Var olha para mim com expectativa. — A segunda morte valeu a pena?

Eu quase engasgo com uma risada. — Por que você continua chamando assim?

— Vocês humanos matam sua comida duas vezes. É um ato bárbaro. — Seu olhar desliza sobre mim. — Mesmo que você não seja um bárbaro.

— Bem, temos que cozinhar ou ficaremos doentes. Podemos nem conseguir mastigar se não estiver cozido.

O sol da manhã está totalmente fora agora. Um leve vento farfalha nas árvores. E no momento de silêncio entre nós, eu olho para cima e encaro o céu azul claro.

Neste segundo, meu mundo está em paz. Eu não quero estragá-lo.

E se eu pensar em qualquer outra coisa, exceto neste momento, eu vou.

Dou um tapinha no tronco ao meu lado.

— Por que você não se senta comigo?

O traje de Ga'Var está um pouco eriçado e acho que posso tê-lo ofendido, mas mesmo assim ele se move e se senta ao meu lado.

Meu coração dá um grande baque contra minhas costelas.

Eu subestimo seu tamanho sempre que não estou diretamente ao lado dele.

De repente, o que ele disse na noite anterior volta para mim.

Eu empurro meu aborrecimento para o garfo e esfaqueio a carne novamente.

— E agora você tenta matá-lo três vezes — Ga'Var murmura.

Desta vez, uma risada irrompe da minha garganta e mostro a língua para ele antes mesmo de perceber o que estou fazendo.

Ele enrijece ao meu lado, as fendas de seus olhos se estreitando um pouco, e ele funga.

Talvez ele queira um pouco.

É justo.

Eu sei que eles não gostam da nossa comida, mas foi ele quem pegou.

Ele merece um pedaço.

Então eu enfio o garfo e tiro um pedaço considerável.

— Aqui — empurro o garfo em sua direção e, desta vez, suas orelhas pontudas se destacam do lado de sua cabeça, fazendo-o parecer uma espécie de elfo negro.

Ga'Var hesita, seu olhar procurando o meu e, por um momento, acho que ele não aceitará o pedaço.

— Tem certeza?

A forma como ele pergunta... a forma como ele pronuncia as palavras como se tivessem um significado muito mais profundo, me faz parar.

— Sim. Tenho certeza. — Não tenho? — Foi você quem pegou, afinal.

Suas orelhas abaixam um pouco e ele me estuda um pouco mais.

Ele não presta atenção ao garfo estendido para ele.

— Então... você está oferecendo porque eu peguei o animal.
Cacei.

Há uma nota de algo em sua voz. Algo que vai muito além de seu estranho sotaque grave.

E então eu me lembro.

Lembro-me do que Adira disse a Lori no dia anterior.

Oferecer comida a um Vullano é como convidá-lo a tirar sua calcinha.

Minhas bochechas queimam imediatamente e eu tento puxar meu braço para trás, mas Ga'Var de repente mergulha sua cabeça e enfia o garfo em sua boca.

Ele congela assim que seus lábios se fecham em torno dele e, por um momento, estamos apenas olhando um para o outro.

Eu me perguntando o que diabos estou fazendo e ele apenas... olhando para mim.

Eu quero perguntar a ele como é quando suas narinas se dilatam de repente.

Mas ele está olhando para mim, o fogo colorido de seus olhos queimando os meus, e eu não consigo desviar o olhar.

É muito íntimo, quando não deveria ser, e enquanto Ga'Var lentamente se afasta, o garfo escorregando lentamente de seus lábios, eu quase fico boquiaberta com ele.

Sua garganta se move enquanto ele engole.

— Bom — ele rosna e eu engasgo com uma risada.

— Mentiroso.

— Se eu falasse a verdade, isso a ofenderia.

— Ei! — Eu empurro o garfo em sua direção. — Eu vi aqueles vermes que vocês comem. Você pode ficar com seu espaguete proibido e nós ficaremos com nossa comida humana 'ofensiva'.

Os lábios de Ga'Var se contorcem.

Acho que nunca vi um vullano sorrir.

— Justo.

Enquanto o silêncio desce sobre nós, eu olho em sua direção de vez em quando.

Cada vez, aqueles olhos profundos estão em mim.

— Você acha que podemos voltar em breve?

— Não.

Concordo com a cabeça, mas esperava que pudéssemos.

— O Scrit ainda está por aí. Eu não sei por que ou o que está fazendo. Os Gryken não costumam parar suas grandes máquinas.

Meus ouvidos se animam com isso.

— Então... isso é diferente? Eles estão se comportando de maneira diferente?

— Afirmativo.

Eu não gosto do som disso. No mínimo, quero que eles se comportem exatamente como no planeta Vullan.

Assim, temos mais chances de vencê-los.

O fato de estarem fazendo algo diferente...

— Não tenha medo.

Minha cabeça se volta para Ga'Var.

— Eu não tenho medo.

Ele cheira alto.

— Eu posso sentir o cheiro.

Meus olhos se arregalam.

— Espere ... o que?

— Agora está desaparecendo...

Eu pisco para ele várias vezes e descanso o garfo na tigela agora vazia.

— Você pode sentir o cheiro do meu medo?

Não sei como isso é possível.

— Não só o seu. A sua e de todas as outras formas de vida neste planeta.

Oh?

Oh.

Oh!

Agora tudo faz sentido.

A maneira como eles farejam e fogem quando se aproximam de nós nas cavernas.

A maioria de nós pensava que apenas fedia.

Isso me faz pensar o que mais eu não sei sobre eles.

— O que mais você pode cheirar?

Seu olhar cai imediatamente para o meu colo e eu franzo a testa, sem entender o que ele quer dizer.

Quando seu olhar encontra o meu mais uma vez, há um brilho inegável em seus olhos que não existia antes.

— Outras coisas.

Eu junto as minhas pernas com o pensamento que está lentamente se intrometendo.

Sem chance.

Eu não posso deixar de olhar para ele agora.

Cada vez que fico um pouco confortável perto dele, lembro-me de como ele é estranho.

Não entendo como uma espécie tão mais avançada perdeu todo o seu planeta para o flagelo que agora rasteja sobre o meu.

— Como você perdeu a guerra?

Assim que faço a pergunta, desejo não ter feito.

Ga'Var de repente se senta e percebo que ele estava com os ombros caídos o tempo todo, então parecia menor.

Suas orelhas caem para trás contra sua cabeça, o brilho que havia em seus olhos desaparece e seus lábios se contraem um pouco, mostrando os dentes.

— Perdemos porque estávamos despreparados... Fracos.

Eu continuo olhando para ele, suas palavras iniciando mais perguntas em minha mente.

Se ele se considera fraco, como diabos ele me vê?

Capítulo Quatorze

Ga'Var

Sam está olhando para mim com uma expressão no rosto, nos olhos, que não consigo decifrar.

Parece que ela quer que eu continue.

Para dizer a ela como falhamos com nosso povo. Nosso planeta.

Nossas fêmeas.

Nossa espécie.

Não quero contar a ela sobre as horríveis batalhas com o Gryken.

Como lutamos e perdemos.

Como sangramos.

Como, foi apenas uma criança que, pelo destino, desbloqueou a própria capacidade de camuflagem de energia que todos nós temos agora.

Não quero dizer a ela que, se isso não tivesse acontecido, minha espécie teria sido exterminada.

Não quero dizer a ela que o flagelo nesta terra é um inimigo muito maior do que parece.

Mas aqueles enormes olhos escuros e brancos estão sobre mim.

Não posso negar à pequena flor.

Então eu abro minha boca e começo.

Conto a ela sobre o primeiro dia em que os Scricts caíram sobre Edooria, da mesma forma que caíram sobre a Terra.

Como eles começaram a atacar imediatamente. Nivelando edifícios, casas, mercados.

Conto a ela como lutamos, derrubando as máquinas e os olhos de Sam brilham de interesse.

Posso ver a esperança em sua inocência, mas agora que comecei, tenho que continuar.

Então eu continuo.

Digo a ela que pensamos que a vitória seria nossa. Que parecia.

— Eu não entendo. — O olhar de Sam procura o meu. — O que te fez perder?

Deixei escapar um suspiro, meus ombros estremecendo com o peso de tudo isso.

Não falamos mais sobre isso.

Nenhum de nós sabe.

A dor é muito grande.

Mas Sam está olhando para mim em busca de uma resposta e descubro que não posso negá-la.

— Perdemos... porque nenhum de nós esperava o que viria a seguir.

Ela empalidece.

Eu não sabia que ela podia ficar mais pálida do que já está.

— O que você quer dizer? — Quase inaudível, seu sussurro.

— O Gryken não precisava de suas enormes máquinas para nos derrubar.

Sam pisca para mim, seus olhos ficando ainda mais arregalados.

— Derrotamos os Scrits pensando que estávamos ganhando a guerra. — Tenho que me afastar dela e me concentrar no verde da floresta. As folhas balançando me lembram que ainda há vida neste planeta. Que o que estou dizendo a Sam agora não acontecerá aqui. Recuso-me a deixar que a história se repita.

— Os Gryken são ainda mais formidáveis do que suas enormes máquinas.

O silêncio cai sobre nós enquanto **Sam** se vira e também olha para frente.

Não gosto dela nesse estado de espírito. Sombrio.

Momentos antes, eu a vi expressar alegria. Sua risada é um som gracioso que faz algo crescer dentro de mim.

Eu quero ouvi-la rir novamente.

Preciso.

— Eu os vi, no entanto. Então, como? Como pode... — Seu olhar pousa em mim, a preocupação enchendo seus olhos. — Como eles podem resistir a você? Você é maior. Mais forte. Mais rápido. Como?

— Porque eles não precisam lutar contra nós sozinhos.

Sua testa franze, a pele se curvando de uma forma que a torna tão estranha.

— O que quer dizer com eles não precisam lutar contra você por conta própria?

Porque, minha querida Sam ...

— Eles nos fazem lutar contra nós mesmos.

Sam

Ga'Var explica isso para mim, e ainda não acredito.

Controle mental.

O Gryken pode acessar e possuir as mentes daqueles ao seu redor.

Todo esse tempo eu pensei que simplesmente tínhamos que destruir aquelas máquinas enormes...

Mas isso foi apenas o começo.

Não é de admirar que eles estejam esperando.

Não é de admirar que os vullanos não tenham simplesmente avançado, com as armas em punho.

Porque, se eles cometerem algum erro, o Gryken pode escapar da máquina antes que eles consigam matá-la e o inferno se abrirá.

Meus pensamentos enlouquecem, imaginando-os possuindo humanos. Nos controlando mais do que já estão.

Imaginar-me sendo forçado a procriar com ele. Para carregar seus filhos, meu corpo usado enquanto eu nem estou ciente de que está acontecendo comigo.

Não sei qual é o maior horror.

— A Adira sabe? — Eu sussurro.

Ga'Var não responde.

Ele não precisa.

Claro, ela sabe.

Ela simplesmente não contou ao resto de nós.

Já estamos em pânico sem saber todos os detalhes.

— Merda — murmuro.

Ga'Var se levanta tão de repente que o tronco em que estamos sentados treme um pouco e preciso estender os braços para recuperar o equilíbrio.

Ele se abaixa e me firma com uma mão grande.

— Você deveria descansar dentro do trailer. Vou explorar o perímetro novamente. Ele olha para minha tigela vazia. — E eu vou

caçar. — Meu coração aperta com o pensamento de ter que comer outro esquilincho bonitinho, mas eu aceno para ele de qualquer maneira.

Não é como se eu pudesse comer os cogumelos sem cozinhá-los e ele não precisasse comer todos os dias.

Enquanto ele estiver fora, posso reservar um tempo para examinar o resto do trailer, ver o que mais posso encontrar para levar conosco.

Enquanto ele sai, manco de volta para o trailer.

Cada passo é mais fácil do que o próximo, e eu olho para a minha perna.

Ainda não é cem por cento - nunca esperei que fosse -, mas parece muito melhor do que deveria.

Talvez a língua milagrosa de Ga'Var fizesse mais mágica do que eu pensava.

A lembrança disso só faz minhas bochechas esquentarem e meu coração bater em uma batida desconfortável.

Ele não me quer.

Ele disse isso claramente.

E eu não o quero.

Eu não.

Eu limpo minha garganta e deslizo para dentro do trailer, empurrando a parte superior do meu corpo entre os dois bancos da frente.

Há documentos empilhados na frente, um mapa e não muito mais, mas ao meu lado há uma pia na qual eu realmente não vi até me virar.

Se houver uma pia, talvez haja água?

Abro o armário embaixo, nem mesmo prendendo a respiração, quando sou recebido com uma garrafa de cinco galões que ainda está pela metade.

O choque faz minha boca cair e eu puxo a garrafa, abro e cheiro.

— Não cheira como se tivesse estragado para mim.

Eu não posso acreditar na minha sorte.

Levantando-o, tomo alguns goles e sacio minha sede antes de meu olhar vagar de volta para a pia.

Ainda estou suja, imunda na verdade, por causa da nossa queda na montanha.

Ga'Var não reclama, mas, novamente, ele provavelmente não reclamaria.

Eu provavelmente poderia tomar um banho rápido de esponja.

Certamente não há esperança de limpar meu cabelo até voltarmos, então isso terá que esperar.

Decidida, rasgo outro pedaço do meu vestido e enfio na pia, bloqueando o buraco o melhor que posso.

Depois adiciono um pouco de água, o suficiente para eu lavar.

Agora é trabalhar.

Capítulo Quinze

Ga'Var

Pele rosada e a curva da espinha de Sam.

Isso é tudo que vejo quando me aproximo de onde ela está, mas é o suficiente para eu parar no meio do caminho.

Eu quase derrubo minha caça por acidente.

O que ela está fazendo?

Enquanto suas mãos se movem sobre sua pele, essa pergunta é respondida rapidamente, mas não consigo desviar meu olhar dela.

Eu sei que os humanos preferem ser discretos enquanto se lavam.

Eles nunca vão para a piscina enquanto estamos nos níveis superiores dos túneis e, quando vão, vão em grupos.

Portanto, não é apenas surpreendente ver Sam fazendo isso aqui... o inesperado disso....

Conforme me aproximo, mais de sua pele rosa é revelada para mim e um tamborilar começa no fundo do meu peito.

Tenho que pará-lo antes de deixá-lo vibrar através de mim, mas isso não impede que meu sazi lateje dentro de minha bolsa.

Meu olhar se move para baixo em seu corpo pequeno, mas perfeito, e não consigo desviar os olhos.

A maneira como suas costas se arqueiam na curva de suas nádegas redondas e flexíveis e como seus quadris se abrem.

Ela se vira, de frente para minha direção e eu me camufo automaticamente.

Palavras... pensamentos... tudo sai da minha mente.

Pequenos montes redondos sentam-se em seu peito, os botões duros e esticados.

Eles parecem pequenos bolsões de bondade em que quero envolver minha língua, e meu sazi lateja novamente ... forte .

Abaixo, mais abaixo, meu olhar cai e de repente estou olhando para um ninho grosso de cachos da mesma cor dos filamentos que caem de sua cabeça.

Não preciso de um mapa para me dizer o que é isso.

O corpo de Sam é tão diferente do corpo de uma mulher Vullan...

Suave... talvez em todos os lugares.

Rek.

Meu sazi lateja insistentemente, incitando-me a me envolver.

Ele pulsa tão forte que perco minha camuflagem por um momento e de repente estou olhando diretamente nos olhos de Sam.

Ela engasga, seus olhos se arregalam e, por um momento, ela congela. Mas o momento passa e ela agarra o peito, escondendo seus lindos montes de mim.

— Ga'Var — ela sussurra.

Eu não sei o que dizer.

Sim sou eu?

Aqui estou eu, pulsando e desejando o que não posso ter?

Nada parece apropriado, mas Sam salva o dia.

— Eu não vi você lá. — Ela se abaixa e há uma confusão.

Quando ela se levanta novamente, ela se cobriu, ombro a pé, com um grande pedaço de pano que eu preferia que ela não tivesse.

— Desculpe, este é o seu espaço também. Estarei atento da próxima vez.

Eu quero perguntar a ela 'cuidado com o quê?' mas a única coisa que funciona é o meu sazi, e ainda é tentado a sair.

— Você pegou alguma coisa. — Seu olhar cai para a minha mão e eu me lembro, vagamente, que eu estava carregando minha caça de volta para ela.

— Isso é... isso é uma cobra?

Eu olho para a coisa. Longo. Carnuda.

Foi chato para pegar, mas parece que tem muita carne, o que será bom para a minha Sam.

Minha Sam?

Sam faz um som como se estivesse tentando expelir o conteúdo do estômago, mas consegue cobrir a boca antes que isso aconteça.

Minhas orelhas caem para trás contra os lados da minha cabeça imediatamente.

— Posso encontrar outra coisa para você.

Ela balança a cabeça. — Não. Não. Vai ficar tudo bem. Eu posso comê-lo.

Ela quase vomita de novo.

— Eu não acho que você pode. — Seu corpo está obviamente rejeitando até mesmo o pensamento disso.

Ela balança a cabeça um pouco mais. — Eu posso. Não vou morrer de fome por algum motivo bobo, além disso, você se deu ao trabalho de pegá-lo para mim. Seu estômago levanta mais uma vez. — Há uma primeira vez para tudo.

Sim...

Há.

Eu olho para ela, não tenho certeza se devo deixar meus pensamentos seguirem o caminho que eles querem seguir.

Mas há uma insistência aí. Uma necessidade que está começando a queimar.

— Está morto, certo? — Ela olha para a criatura pendurada na minha mão.

Não, Sam. Acho que o que está acontecendo aqui é algo que está ganhando vida.

Sam

O dia passa rápido.

Ga'Var sai a cada hora para explorar o perímetro e checar o Scrit que ainda não parece estar se movendo. Enquanto ele está fora, fico perto do trailer.

Minha perna ainda não está boa o suficiente para eu explorar e não quero ir para a floresta apenas para ter problemas lá fora, especialmente enquanto Ga'Var estiver fora.

Então eu fico por perto, planejo e monitoro meu entorno geral.

Em algum momento, deito-me na cama e pego aquele romance que encontrei - aquele com o monstro na capa. Presumo que será algo como uma história de amor da Bela e a Fera.

Algo doce para tirar minha mente das coisas.

Então, começo a ler.

De vez em quando, há um som na floresta que envia um raio de medo através de mim, mas quando faço uma pausa, meus ouvidos atentos, tudo volta ao silêncio.

É como um lembrete constante de que não estou realmente seguro, não importa o quanto possa parecer agora.

Então me concentro no livro.

A cada palavra que leio, o calor percorre todo o meu ser.

Isso não é apenas um conto de fadas, ou se for, eles mudaram muito desde que eu era criança.

O livro é selvagem e quente, contando sobre um romance, amor, entre dois seres muito diferentes.

Fico absorto nas páginas, permitindo-me um momento para ser livre novamente.

A primeira cena de sexo acende um fogo dentro de mim e estou tão envolvida nela que não ouço quando Ga'Var retorna. Eu só sei que ele está lá quando uma sombra aparece na janela ao meu lado, parando meu coração no processo.

A próxima coisa que faço é jogar o livro fora tão rápido que sei que ele deve pensar que algo está errado.

Mas há um latejar entre minhas pernas que eu não quero que ele perceba - um que começou no momento em que me virei e o encontrei olhando para mim enquanto eu me banhava - e esse latejar está ficando mais insistente quanto mais eu leio e quanto mais estou perto dele.

— Está tudo bem? — Seu olhar cai para onde o livro pousou.

— U...-huh.

Ele me olha, e há uma inteligência por trás de seu olhar que eu não gosto neste momento.

— Você encontrou arquivos.

Eu limpo minha garganta. — Se você quiser chamá-lo assim.

— Sobre que assunto?

Eu olho para longe dele. Eu nunca fui a melhor mentirosa e mesmo agora, no fim do mundo, pode vir a morder minha bunda.

— Biologia.

Bemm... não é inteiramente uma mentira.

Mas também não é a verdade.

As orelhas de Ga'Var se contorcem um pouco.

— Arquivos de humanos sobre biologia — ele murmura, seu olhar passando rapidamente pelo meu corpo e ele se move um pouco, virando-se para que eu não possa ver a frente dele.

Eu franzo minha testa, e é a minha vez de olhar para ele neste momento.

Ga'Var tem desaparecido cada vez mais durante o dia para fazer reconhecimento.

Agora estou me perguntando se ele está saindo por outro motivo.

— A escuridão já vem — diz ele. — Devemos preparar sua refeição e nos acomodar.

Ele está certo, claro.

Já posso ver as sombras se aproximando.

Levantando-me da cama, coloco o cobertor em volta de mim como um oficial romano nos tempos anteriores a Cristo e saio do trailer.

Tenho medo de esfolar a cobra e olho para ela, de pé no chão sobre o galho que Ga'Var enfiou em sua garganta.

Mas comida é comida.

Com a ajuda de Ga'Var, esfolo a cobra - algo que é muito mais fácil do que deveria ser.

Ele corta a cabeça e o rabo, depois me entrega a carne.

Engolindo em seco, eu pego, usando a faca que encontrei no trailer para cortá-lo em pedaços menores.

Quando termino, não parece mais uma cobra.

Agora parece apenas uma salsicha carnuda.

Enquanto me sento perto do fogo para assar os pedaços, Ga'Var se senta ao meu lado.

Ele está ocupado observando o que estou fazendo, mas de vez em quando seu olhar desliza para os pedaços não torrados.

— Você quer um pedaço?

Seu olhar se volta para o meu.

Mais uma vez, suas orelhas se levantam do lado de sua cabeça.

Meu elfo negro voltou.

— Você está oferecendo — diz ele, e suas palavras me fazem fechar os olhos com força.

Eu sou ruim nisso.

Muito ruim nisso.

Já fiz duas vezes a única coisa que sugere que o quero na minha cama.

E talvez seja a influência daquele maldito livro... mas meu centro lateja.

Quando Ga'Var fareja de repente, quase caio no fogo e morro.

Mas se ele cheira alguma coisa. Ele não comenta isso.

Talvez ele também possa sentir o cheiro do meu constrangimento.

Com um dedo, ele enfia uma garra na carne crua e a leva ao nariz.

Ele cheira de novo e olha duvidosamente.

— Não há sangue suficiente. Esta carne está seca — Ele olha para mim. — Deixei de fora por muito tempo?

A princípio, não entendo o que ele quer dizer, mas depois me lembro que aqueles vermes que os vullanos comem literalmente estouram quando as veias estouram em suas bocas.

— Não, é assim mesmo.

Ele rosna um pouco e enfia a coisa na boca.

Com um movimento, sua garganta se move enquanto ele engole.

— Você deveria... — meus olhos se arregalam quando sua língua emerge, sacudindo sobre seus lábios — ... mastigar.

Eu desvio o olhar imediatamente, optando por me concentrar em assar o resto da carne.

Quando termino, evito não olhar para ele por tanto tempo que, quando finalmente o faço, dou um pulo.

Em algum momento, ele virou-se no tronco para me encarar totalmente. Sua — máscara — está abaixada e posso ver seu rosto.

Seu queixo esculpido, maçãs do rosto salientes, queixo firme e aquelas saliências que destacam cada belo traço.

Na luz moribunda ao nosso redor, só posso olhar, pois Ga'Var é o homem mais bonito que já vi.

E essa percepção me faz temer algo por dentro.

Capítulo Dezesseis

Ga'Var

Meu sazi lateja enquanto observo Sam puxar o lábio para dentro da boca.

É tão flexível... tão macio.

Cada coisa rekking sobre ela está começando a me deixar louco.

Eu sei agora que o destino sempre quis para mim. Estar perto de Sam é a receita para o meu fim.

É a primeira vez que passo tanto tempo sozinho na presença dela...

Agora estou me perguntando como vou me virar quando finalmente chegarmos à base.

Ela vai voltar para o ninho de dormir humano com as outras fêmeas enquanto eu vou voltar para os níveis mais baixos para cavar. Para mina.

Ela é esperta. Persistente. Fácil de estar por perto.

Não gosto que as coisas voltem ao normal.

Mas eu deveria. Eu não deveria?

Sua garganta se move e ela olha para longe de mim, pegando seus pedaços queimados e empilhando-os em um estranho pote de transporte oco.

— Eu deveria guardar isso para mais tarde. Vou embrulhar bem para não atrair nenhum predador durante a noite. Ela olha ao nosso redor. — Embora eu não tenha tanta certeza de que algo viva na

floresta por aqui com aquela coisa a menos de alguns quilômetros de distância.

Observo-a se levantar, a estranha cobertura balançando conforme ela se move, e fecho os olhos com força.

Eu cheirei sua excitação.

Eu cheirei.

Tenho certeza de que estou certo sobre esse perfume porque no momento em que tocou minhas narinas, todo o meu ser se iluminou por dentro.

Não é nada parecido com o de Adee'ra.

O de Sam é doce. Tão doce que me dá vontade de prová-la.

Mesmo agora, meu ba'clan pulsa com o pensamento.

Sem querer, eu rosno o nome dela.

— Sam.

— Sim? — ela me responde do que parece ser a entrada do trailer.

E meu sazi palpita ao som de sua voz.

Não me viro para olhar, pois se o fizer, certamente irei atrás dela.

Passei o dia todo fugindo para liberar a tensão que continua crescendo.

Isso me faz querer correr e uivar. Dá vontade de caçar.

Reivindicar.

Dá vontade de pegar a pequena flor que está no meio de mim.

Mas fazer isso certamente a quebraria em duas.

A última coisa que quero fazer é machucá-la.

...Eu tenho que lutar contra isso.

Pelo menos, até que eu a coloque em segurança.

De volta à Base Zero, posso descontar minhas frustrações em San'ten. Ele está querendo uma luta faz algum tempo.

— Você não entrará?

Sei que o convite dela é inocente, mas meus pensamentos vão para o outro lado.

Se ela fosse uma fêmea vullana me convidando para seu ninho, me oferecendo comida duas vezes, eu a teria colocado sobre o tronco e a reivindicado já.

Mas Sam é humana.

Ela não sabe dessas coisas.

Eu tenho que me lembrar disso a cada instante.

Minha mente sabe, mas meu sazi não.

Mesmo agora, pulsa com insistência.

Sam

Ga'Var demora um pouco para entrar no trailer e eu levanto minhas sobrancelhas para ele. À luz do crepúsculo, mal consigo vê-lo de novo, mas ele tira o traje como num passe de mágica. Ele simplesmente desaparece e então ele está caminhando em minha direção.

Engulo em seco quando o vejo se aproximar.

Os músculos de seu peito são apenas mais definidos por suas saliências.

Meu olhar desliza para baixo e para baixo, mais e mais.

Ele está nu.

Eu acho que eu já deveria ter esperado isso com um traje colante e tudo, mas minhas bochechas esquentam porque eu não consigo tirar meu olhar dele.

A curiosidade faz meu olhar cair ainda mais baixo e então...

Não sei o que esperava ver entre suas pernas. Um pênis, talvez?

Mas não há um.

Em vez disso, há uma protuberância óbvia sob sua pele, e a maneira como suas saliências se unem ali, como duas placas se encostando, me dá a impressão de que ele tem algum tipo de pau escondido.

E eu ainda estou olhando.

Ele se encosta na parede perto da cama e olha para mim.

— Descanse — diz ele. — Você precisa se curar.

Certo.

Minha perna tem sido o que menos me preocupa. Dificilmente posso sentir qualquer dor nele, a menos que tente colocar todo o meu peso sobre ele.

— Você não dormirá?

As orelhas de Ga'Var se contorcem. — Eu não preciso.

Isso faz minhas sobrancelhas se erguerem. — Você quer dizer como em tudo ou apenas não agora?

— Agora, devo vigiar as criaturas noturnas.

Certo.

Concordo com a cabeça, meu olhar ainda achando difícil deixá-lo.

Engulo em seco, sabendo o que estou prestes a dizer e tentando me desencorajar antes que as palavras saiam da minha boca.

Eles fazem de qualquer maneira.

— Você pode se deitar aqui. — Eu corro para o canto. — Eu não gosto da ideia de você ficar aí parado a noite toda.

Ele olha para o espaço antes de seu olhar voltar para mim.

— Sam.

Porra.

A maneira como ele diz meu nome, fala assim, faz soar erótico naquela voz profunda. Realmente não está ajudando agora.

— Sim? — E aquela vozinha fina não é minha. Que porra há de errado comigo?

— Nós somos? Simplesmente... aliados?

A pergunta dele é estranha e me faz franzir a testa, tentando entender o significado por trás dela.

— Eu... não diria isso. Não simplesmente. Eu o estudo, as sobancelhas ainda franzidas. — Eu gostaria de pensar em você como meu amigo.

— Amigo. — É óbvio que ele está pensando nesse título e de repente fico nervosa que ele vá mijar nele e me dizer que não quer me foder, definitivamente, e também não quer ser meu amigo.

— Amigos dormem juntos no mesmo ninho?

— Hum... — Eu ainda não entendo o que ele quer dizer. — Sim? Sim, eles fazem. Bem, eles podem.

Ele me estuda por um momento antes de se inclinar na parede e sobre a cama.

De repente ele está maior que tudo e eu só posso olhar para ele.

— Este é um ninho pequeno.

— E você é um cara grande.

Eu me pergunto se isso poderia ser classificado como flerte.

Eu certamente não estou tentando.

— Você não será capaz de se mover.

— Eu sei. Isso me fará sentir mais segura sentindo você ao meu lado. Nós, humanos, gostamos de... tocar.

Juro que suas orelhas se contorcem e ele se inclina para trás.

Eu tomo isso como um sinal de que ele não vai se juntar a mim quando de repente ele relaxa na cama, ficando de quatro antes de se virar para cair de costas.

A pequena cama range com o peso, mas aguenta.

E sim, de repente estou pressionada contra o interior de couro do trailer, mas posso sentir o calor de Ga'Var do meu outro lado... e isso me faz sorrir.

Capítulo Dezessete

Ga'Var

Leva uma eternidade para a respiração de Sam se estabilizar, e eu finalmente deixo um pouco da tensão sair de mim.

Esta foi uma má ideia.

Eu posso sentir seu cheiro doce e a suavidade de seu corpo ao meu lado. Não é algo que eu possa ignorar e meu sazi ... meu sazi certamente não está ignorando isso.

Preciso me aliviar de novo, mas tenho certeza de que, se eu me mexer, Sam vai acordar, pois de alguma forma ela se enrolou em meu braço.

Eu não ousa me mover.

Eu não quero.

Meu sazi lateja novamente. Difícil.

Quando retornarmos à base, se algum dos meus irmãos olhar na direção de Sam...

Eu os vi observando os humanos, esperando que uma fêmea os favorecesse como Adee'ra favoreceu Fer'ro.

Eu não posso mentir...

Eu tenho desejado o mesmo.

Mas Sam... o pensamento de um deles a reivindicando... isso faz a raiva crescer dentro de mim.

Eu quero reivindicá-la eu mesmo.

Meu sazi se projeta, como se estivesse feliz com o pensamento que finalmente pousou na minha cabeça.

Um pouco de sêmen brilha na ponta.

Rek.

Olho para Sam. Ela ainda está dormindo.

Farei isso rapidamente e espero que ela não acorde.

Quando minha mão entra em contato com meu sazi, uma respiração sibila em minha garganta.

Sam ...

Seus olhos arregalados... a pequena língua rosa que ela gosta de apontar na minha direção.

Imagino como deve ser ter a língua dela na minha pele e gemo, incapaz de me conter.

Meu sazi lateja sob minha garra.

Sam ... e o jeito que ela sorri quando está feliz, o som trinado de sua risada... a determinação em seus olhos mesmo quando eles estão quase vazando.

Eu aperto minha mão a cada pensamento que passa pela minha cabeça, pouco antes da imagem dela se limpando tomar o centro da minha mente.

Ao contrário de mim, Sam é tão, tão suave.

Flexível.

Perfeita.

Meu sazi estremece, derramando sobre meus dedos e eu mordo com força, tentando não rugir do jeito que eu realmente quero.

Os espasmos passam por mim e minha mão para.

Agora... agora posso descansar.

Nesse exato momento, Sam se move durante o sono.

Sua boca se abre e ela solta um gemido suave que faz meus sentidos dispararem.

Meu sazi pulsa novamente e eu gemo.

Rek.

Quero ouvi-la gritar meu nome.

Sam

Não sei o que me acorda, mas algo desperta.

Eu gemo e me aconchego mais perto do calor que está ao meu redor antes de meus olhos se abrirem e eu congelar.

Não sei quando fiz isso, mas de alguma forma me aconcheguei bem ao lado de Ga'Var.

Seu peito musculoso está contra o meu rosto, e eu coloquei minha perna sobre a dele.

A vergonha toma conta de mim imediatamente e quase me afasto, pensando que posso fugir enquanto ele dorme quando o resto da minha consciência fica online.

O peito contra minha bochecha estremece e algo se move na escuridão.

Aperto os olhos e o luar o atinge no momento certo.

Tudo dentro de mim se esvazia e esqueço que preciso respirar enquanto observo a mão de Ga'Var se mover.

Eu pisco, pega entre choque e... mais choque porque não posso acreditar no que estou vendo.

Mas enquanto suas mãos se movem, não há como esconder o que ele está fazendo.

Há um som deliciosamente erótico quando sua mão se move sobre seu pau e minha boca se abre um pouco.

Eu não sabia que ele fazia isso... eu não sabia que alienígenas se masturbam...

Mas claro, eles fazem!

Eu sabia que ele também tinha um pau, mas...

Porra.

Vendo isso.

Agradeço pelas sombras, pelo fato de não poder ver muito bem, porque não sei como reagir.

Estou boquiaberto, o sono esquecido.

Eu não deveria estar aqui.

Eu não deveria estar olhando do jeito que estou.

O que ele está fazendo é normal...

No entanto, estou olhando por uma razão totalmente diferente.

Minhas coxas apertam e eu inspiro profundamente.

A mão de Ga'Var para e eu fecho os olhos com força.

Merda.

Ele não diz uma palavra. Na verdade, ele nem se mexe.

Porra.

Não há como fingir que ainda estou dormindo. Ele claramente sabe que eu não sou, e eu fico me sentindo um idiota ao vê-lo dar prazer a si mesmo.

Mas quando estou prestes a abrir a boca e me desculpar, sua mão começa a se mover novamente e minhas coxas se contraem sozinhas.

Eu me movo um pouco, afastando-me para poder olhar para ele, mas o braço de Ga'Var me aperta mais.

— Ga'Var?

Há uma vibração em seu peito e um ronronar estrondoso quando ele abre a boca.

Minha própria respiração está acelerada enquanto o ouço socar a si mesmo e, mais uma vez, eu aperto.

— Sam ...

A maneira como ele diz meu nome, puxa cada sílaba, então grunhe enquanto seu pau estremece...

Todo o meu corpo está formigando, como se cada respiração dele estivesse fluindo sobre a minha pele.

Eu nunca imaginei que ver um homem se masturbar poderia ser assim.

Mas Ga'Var não é um homem... E está claro que ele não está apenas se masturbando pensando em alguém...

— Sam ...

Ele está pensando em mim.

Confusão, nervosismo e calor passam por mim de uma só vez e eu inclino minha cabeça o suficiente para poder olhar para ele.

O fogo fraco de seus olhos é iluminado pelo luar, criando uma chama ardente.

— Sam — diz ele novamente, e minha boceta lateja como se em resposta.

— Sam. — Sua mão se move mais rápido com cada chamada do meu nome.

— Ga'Var? Seu nome deixa meus lábios e Ga'Var geme, seu queixo se inclinando para cima enquanto ele pressiona a cabeça para trás.

Um estrondo profundo o deixa enquanto seu corpo se contrai.

Put a merda.

Eu nunca vi nada parecido.

Fico paralisada ao vê-lo ter espasmos, vagamente ciente de que seu esperma está cobrindo seus dedos.

Quando ele finalmente se acalma, seu corpo relaxa e ele olha para mim novamente.

Minha boca ainda está parcialmente aberta enquanto olho em seus olhos.

Eu não sei o que dizer.

Não sei se devo dizer alguma coisa.

— Sam — ele diz, sua voz mais normal do que antes.

Eu lambo meus lábios. — Sim?

— Você não deveria ter visto isso.

— Eu sei — eu sussurro.

Sinto que ele quer dizer algo mais, mas não tem certeza de como fazê-lo, então descanso meu rosto contra seu lado mais uma vez.

— Não precisamos falar sobre isso.

Também não sei se quero.

Já está levantando tantas questões dentro de mim. Minha mente está totalmente desperta e quer respostas que não tenho certeza se quero enfrentar.

Capítulo Dezoito

Sam

Ao amanhecer, sinto quando Ga'Var se transforma e levanta. Não abro os olhos e, quando a cama range quando ele sai, meu coração dá um salto.

A porta do trailer abre e fecha e espero mais alguns momentos.

Quando tenho certeza de que ele provavelmente foi embora, abro um olho e libero o ar.

Merda.

O que diabos está acontecendo comigo?

Minha pele está quente e há uma necessidade ardente entre minhas coxas que tentei ignorar a noite toda.

Continuo ouvindo sua voz, a maneira como Ga'Var gemeu meu nome, o fogo que havia em seus olhos quando ele se tocou.

Porra!

Há um doce mel queimando entre minhas dobras, implorando para que eu me toque também.

Viro na cama, meu olhar focado no teto do trailer.

Isso é ruim, mas sei por experiência que ignorá-lo só vai piorar.

Então eu abro o cobertor que ainda está preso em volta de mim e libero outra respiração enquanto passo minha mão sobre minha coxa.

Outra respiração estremece através de mim enquanto meus olhos se fecham.

Eu vejo o rosto de Ga'Var.

Eu vejo a necessidade em seus olhos quando ele se tocou e meu clitóris lateja quando passo meu dedo sobre ele.

É o primeiro prazer físico que tenho desde o fim do mundo, e isso faz meu corpo estremecer.

Eu tenho que morder com força para me impedir de choramingar.

Achatando minha palma, eu me seguro enquanto chego ao meu centro.

Se eu vou fazer isso, tenho que me apressar.

Não há como dizer o quão longe ele foi e, ao contrário dele, não acho que poderia viver se ele me pegasse com meus dedos enfiados na boceta.

Por uma razão que não entendo, o pensamento me faz palpitar e engulo em seco.

Eu mantenho meus olhos fechados, revivendo o que aconteceu ontem à noite.

Seu cheiro, a sensação de seu corpo contraindo ao lado do meu...

Como seria com alguém como ele?

Estou desapontado agora por não ter coragem de perguntar a Adira sobre seu relacionamento com Fer'ro.

Mas posso imaginar.

Posso imaginar isso com Ga'Var.

Os gemidos de Ga'Var acenderam um fogo em mim.

Imagino o estrondo em seu peito, aquela batida profunda vibrando por todo o seu corpo enquanto ele empurra profundamente em mim, e o pensamento me faz conter outro gemido.

A imagem é tão vívida que quase posso ouvi-lo ao meu lado. Aquele mesmo ronronar profundo quando ele olha nos meus olhos, me deixando louca enquanto ele me perfura profundamente.

— Sam...

E sua voz, sua voz em meus ouvidos enquanto ele...

Meus olhos se abrem.

Eu não apenas imaginei isso, e sei que não estou sozinha assim que meus olhos se abrem para a figura que se eleva dentro do trailer.

Minha respiração falha, minha mão congela, meu corpo inteiro cora enquanto eu encaro Ga'Var.

Merda!

Quando ele voltou?

Minhas bochechas queimam de vergonha que poderia durar mil anos enquanto eu gaguejo, tentando encontrar algo para dizer.

Ga'Var dá um passo à frente.

Ele está de traje, mas ele desaparece por cima de sua cabeça e aqueles olhos semicerrados dele encontram os meus.

— Sam?

Desta vez, é uma pergunta, mas não tenho certeza do que ele está perguntando ou do que preciso dizer.

Então fecho minhas coxas com a mão ainda entre elas e uso a outra mão para puxar o cobertor sobre mim.

Ga'Var dá mais um passo em minha direção. Então outro.

Três passos e ele está bem na frente da cama.

— Você é linda... Por que você se esconde?

Suas palavras me deixam perplexo. Mesmo se eu pudesse falar, minha garganta parece ter um caroço e tenho certeza que minhas palavras sairão distorcidas e sem sentido.

Seu olhar desliza para o que ele pode ver do meu corpo, e fica aquecido a cada centímetro.

— Eu...

— Mostre-me.

Eu... o quê ?

Acho que não o ouvi direito.

— Mostre-me — ele repete.

— Te mostrar o que? — Minha voz é quase inaudível. Um mero guincho.

— Eu quero ver você se dar prazer. — Seu olhar encontra o meu.
— É justo.

Eu posso sentir minhas bochechas esquentarem, mas ele não está recuando.

— Você me observou ontem à noite. — As fendas de seus olhos se estreitam e um estrondo vibra através dele como se a memória estivesse lhe dando grande prazer.

— Eu fiz. — Eu lambo meus lábios. Está fresco em minha mente também... e ainda mais fresco agora que eu estava me tocando enquanto pensava exatamente nisso.

O único problema é que ele estava fazendo isso sob o manto da escuridão.

Não há como esfregar meu clitóris e olhar para ele em plena luz do dia como se estivesse fazendo algo tão simples quanto lavar roupa.

Eu balanço minha cabeça.

— Não posso.

As orelhas de Ga'Var se contorcem e se achatam nas laterais de sua cabeça. Uma respiração estremece através dele e quando eu puxo a mão que eu tinha aprisionado entre as minhas pernas, seu olhar segue o meu movimento.

— Eu deveria me levantar — eu digo enquanto me levanto.

Ga'Var estende a mão e me segura. Logo estou de pé ao lado dele, meu olhar desviado para fora do trailer enquanto procuro algo, qualquer coisa, para discutir, exceto a tensão criada pelo que eu estava fazendo.

— Minha perna está muito melhor. — Eu olho para ele. Posso colocar muito mais pressão sobre ela hoje e sei disso... a tecnologia que cobre minha perna está me ajudando a curar. — Poderíamos tentar voltar para a base.

Eu olho para o meu pulso onde está o adesivo, mas ele ainda está piscando em vermelho e azul escuro.

— Isto é... se aquela máquina ainda não estiver estacionada em algum lugar. — Pensar nisso envia um arrepio através de mim, dissipando quaisquer outros sentimentos que estivessem ocorrendo.

Como eu poderia esquecer? Como eu poderia me permitir... me sentir vivo?

Eu não sei qual é o certo.

Só sei que uma parte de mim se sente culpada pela pouca segurança que sinto, enquanto outra parte se sente... grata.

Eu gostaria que cada dia fosse como o último dia.

Eu posso ver como um futuro como esse funcionaria... mas não um futuro como este. Aquele que pertence à realidade em que estou agora.

— Você acha que ainda está por aí? — Volto meu olhar para Ga'Var e minha respiração para na minha garganta.

Ele está tão perto. Mais perto do que eu percebi e seu traje...

Meus olhos se arregalam enquanto observo as fibras se estendendo em minha direção. Afastando dele com tanta força que posso ver sua pele natural por baixo.

— Ga'Var? Minha respiração deixa meu corpo enquanto eu olho.

É como gotas de tinta grossa atraídas por um campo magnético - e eu sou o ímã.

Ga'Var dá um passo à frente e eu dou um passo para trás, minhas costas encontrando a parede enquanto minha cabeça se inclina para que eu possa encontrar seu olhar.

Ele está curvado quando fica de pé no trailer, mas percebo que ele está curvado em minha direção.

Seu olhar é puro vinho. Eu não posso nem ver mais as fendas de suas pupilas, e seu traje ainda está se estendendo em minha direção.

— Sam — ele diz.

Eu não sei o que diabos está acontecendo.

Eu nunca vi nenhum dos outros vullanos fazer algo assim antes.

Meus olhos se arregalam um pouco mais quando estendo a mão e pressiono minhas mãos contra seu peito, em parte para segurá-lo e em parte porque ele está tão perto agora, preciso de algum apoio para poder olhar para ele.

Seu traje envolve minhas mãos como um abraço caloroso e o efeito deveria me assustar. Caramba, isso deveria me fazer gritar.

Em vez disso, isso me deixa sem palavras.

Sinto uma pulsação contra minha perna e a parte do traje que cobre minhas mãos também pulsa ao mesmo tempo.

Talvez ele finalmente tenha descoberto como chamá-lo de volta, mas essa explicação lógica não parece certa.

— O que está acontecendo? — Eu sussurro, e Ga'Var chega ainda mais perto.

Estamos tão perto agora que posso sentir seu calor.

Aquele mesmo calor que me manteve quente ontem à noite.

— Seu cheiro — ele resmunga. — Sinto seu cheiro...

Sua cabeça afunda, sua testa enrugada roçando a minha, e eu só posso olhar em seus olhos, suas palavras não registrando até muito tarde.

Meu cheiro.

Meu cheiro.

Ele quer dizer meu...

A percepção surge ao mesmo tempo em que ele rosna e não deveria, realmente não deveria, mas o som me faz apertar.

Eu não sei o que diabos está acontecendo entre mim e ele.

Não sei quando começou.

Não sei como diabos isso acabará.

E isso... me assusta um pouco.

— Vá — ele rosna. — Vá, Sam. Agora. Afaste-se de mim. — Ele faz uma pausa e sua voz se transforma em um rosnado profundo que soa mais como um animal do que como um homem. — Vá devagar.

Meu olhar arregalado percorre seu rosto, meu peito arfando a cada respiração.

— Por que?

Eu assisto com admiração que deveria ser horror quando os lábios de Ga'Var se afastam o suficiente para eu ver suas presas.

E elas pingam.

— Porque eu posso sentir seu cheiro. Eu posso sentir o cheiro de sua excitação. E posso sentir o cheiro do seu medo.

Suas palavras me deixam incapaz de me mover.

Suas garras se estendem e cravam na lateral do trailer, fazendo minha respiração parar na minha garganta.

— Vá — Sua voz é tão profunda agora, a palavra é quase irreconhecível. — Porque se eu me mexer...

Meu olhar dispara sobre seu rosto. Na minha visão periférica, ele encurvou os ombros enquanto se inclina sobre mim, cada músculo tenso e pronto.

— Você está com medo de me despedaçar?

Ga'Var rosna e, desta vez, eu estremeço.

— Não. — Há uma pausa. Um momento onde o tempo para. — Tenho medo de virar você e reivindicá-lo aqui e agora.

Eu engulo. Duro.

Suas palavras deveriam me fazer correr.

Ele está me dando uma maneira de sair dessa.

Afastar-se e sair do trailer até que seja seguro retornar.

Então, por que diabos minhas pernas não se movem?!

Capítulo Dezenove

Ga'Var

Aqueles olhos grandes, escuros e brancos olham para mim, procurando meu olhar como se quisessem respostas, mas eu não ousa nem me mexer.

Eu posso sentir o cheiro dela, e ela é tão, tão doce.

Mal consigo controlar meus impulsos.

A única coisa que me mantém com os pés no chão é o cheiro de seu medo que está misturado.

Sam está com medo agora. Eu tenho que permanecer no controle.

Mas o medo dela... também está criando outra resposta. Outro instinto com o qual prefiro não ter que lutar agora.

Eu fecho minhas narinas, mas ainda posso sentir o cheiro dela.

Doce, doce Sam.

— Vá, Sam. Devagar. — Pois se ela sair do abrigo agora, eu vou persegui-la.

Eu vou caçá-la.

E eu vou pegá-la.

O cheiro de seu medo aumenta, crescendo com o cheiro de sua excitação.

Ela não quer isso.

Estou dando a ela a chance de ficar longe de mim.

No entanto, ela não se move.

Minhas mãos apertam a parede atrás dela, rasgando-a um pouco mais e ela, sua garganta se movendo, mas ela não se vira para ver o que eu fiz.

Ela focou seu olhar no meu.

E então cai.

Passando pelas saliências ao longo das minhas maçãs do rosto, meu maxilar, para pousar na minha boca.

Eu sei que minhas presas estão à mostra. Posso sentir a saliva se acumulando em suas pontas.

Passo a língua por eles, limpando-os, e a respiração de Sam falha.

Seu peito arfa quando sua respiração acelera, e me pergunto se ela está simplesmente congelada de medo.

Algumas presas fazem isso.

Eles param de repente à vista do perigo.

Sua garganta se move novamente quando ela encontra meu olhar e estou vagamente ciente de que suas mãos se movem também, deslizando pelo meu peito em uma subida lenta.

A sensação de sua mão macia envia ondas através de mim e meus músculos se contraem em meus braços, rasgando a parede atrás dela ainda mais.

Ela não vacila.

Em vez disso, seu cheiro de medo diminui e sua excitação aumenta.

— Corra, Sam.

Ela faz uma pausa e desvia o olhar como se contemplasse o que está prestes a fazer ou dizer antes de seu olhar cair sobre mim novamente.

Aquela pequena língua rosa dela corre sobre seus lábios e meu sazi lateja, doendo para sair.

— E se eu não correr?

O que ela não faz?

Grandes Deuses da Missus...

Este humana não percebe o que ela despertou dentro de mim?

Meus simbiontes não estão mais no meu ser. Eles estão se estendendo lentamente sobre ela. Perdi o controle deles e estou tão perto de perder o controle...

Sam se levanta de repente, ficando na ponta dos pés, e pressiona seus lábios contra os meus.

O mundo ao nosso redor desaparece e eu vibro com tanta força que ele vibra entre nós enquanto me atravessa.

Eu sinto a umidade de sua língua, um movimento hesitante quando ela toca minha boca e eu gemo.

Seus braços sobem, circulando meu pescoço, e outra respiração estremece através de mim enquanto permaneço rígido.

Não sei o que ela está fazendo. Eu ainda não ousa me mover. Mas quando sua língua estala contra mim novamente, não consigo ficar parado.

Em um movimento, eu solto a parede e a agarro a mim.

Sam solta um gemido contra meus lábios, mas seu cheiro de medo está longe de ser encontrado. Tudo o que posso sentir é o cheiro de sua crescente excitação.

Doce e picante, assim como a fêmea em meus braços.

Eu giro, ainda segurando-a para mim enquanto eu nos coloco na almofada de dormir.

A boca de Sam se separa da minha e seu peito arfa com grandes respirações, mas não por muito tempo.

Eu não quero o espaço.

Eu quero sentir seus lábios contra mim novamente.

Então eu empurro minha boca na dela, com cuidado para não mostrar minhas presas em sua pele macia, e outro rosnado sai de mim.

Ela é tão macia. Ela se derrete contra mim enquanto geme, seus braços apertando meu pescoço enquanto ela abre a boca e chupa meu lábio.

Todas as estrelas...

Um ato tão simples que parece tão incrível.

— Ga'Var — Sam sussurra — abra a boca. Eu quero te beijar.

Me beijar?

Então é isso que os humanos chamam de comer na boca?

Abro um pouco a boca e Sam sorri contra meus lábios.

Felicidade.

Isso está dando prazer a ela.

Rek.

Isso me faz desejá-la ainda mais, e quase esqueço que estou tentando manter o controle. Para levar isso devagar. Para deixá-la liderar. Para deixá-la me dar qualquer quantidade de si mesma que ela queira dar.

Minha sazi está pulsando tão forte, a necessidade singular de querer perfurá-la com meu comprimento bate na vanguarda da minha mente.

Mas quando a língua de Sam bate na minha, tudo isso é esquecido.

Tudo o que posso pensar é o som de seu prazer. O leve gemido que sai de seus lábios. Como ela treme debaixo de mim com o gosto da minha língua.

Eu abro minha boca um pouco mais, permitindo seu acesso enquanto estendo minha língua para frente, roçando a dela.

Sam...

Estou em transe quando sinto o gosto dela pela primeira vez. Eu nunca quis outra mulher tanto quanto eu quero este humano agora, bem aqui.

Sam choraminga enquanto eu imito seus golpes e logo ela está tirando os braços do meu pescoço. Ela agarra os lados do meu rosto, suas mãos segurando meu queixo enquanto nossas línguas se movem, e eu não aguento mais.

Meu sazi expulsa, pré-sêmen pingando entre nós.

Cada golpe da minha língua contra a dela envia um latejar através do meu eixo até que eu mergulho minha língua na boca de Sam.

Ela geme, seu corpo estremecendo sob o meu.

Com uma garra, eu me equilibro sobre ela enquanto a outra segura sua cabeça da mesma forma que ela está segurando a minha. Quando seus olhos se abrem, fico paralisado.

— Você ainda pode correr...

Eu digo as palavras, esperando que ela não dê atenção a elas agora.

Mas Sam encontra meu olhar, um fogo começando naqueles olhos profundos dela.

— Por que você está com tanto medo? — ela sussurra, e suas palavras me congelam.

Eu? Com medo?

Nenhum ser jamais poderia me acusar de tal coisa... ainda...

Sam está certo.

Estou apavorado.

— O que eu quero fazer com você agora... não quero te machucar.

Estou vendo a loucura de tudo isso. Eu fui estúpido por deixar isso chegar tão longe.

— Nada que eu não possa resol... — Ela olha para baixo e eu sei o que ela vê. — ...ver

Seus olhos se arregalam e, com a atenção de seu olhar, meu sazi lateja, empurrando em direção a ela.

— Foda-se — ela murmura.

Espero farejar o medo...

Espero que ela se afaste de mim agora.

Uma união entre nós é biologicamente impossível.

Mas medo não é o que sinto.

O que sinto é o desejo .

— Você é grande. — Ela passa a língua sobre os lábios novamente, seu olhar não se levantando. — E... diferente.

Meu sazi pulsa novamente, sacudindo entre nós.

— Se você está preocupado sobre como você se encaixará... — Suas sobrancelhas franzem de um jeito que eu nunca vi antes. — Merda... também estou preocupada, mas as mulheres têm bebês de cinco quilos. Estiramento da vagina. Só temos que ir devagar... ok?

Seu olhar encontra o meu mais uma vez e novamente não sinto medo.

Isso me assusta.

Ela está realmente... ela está considerando isso .

O pensamento faz outra onda passar por mim.

Sam abre um pouco mais as pernas, envolvendo-as em volta de mim, e seus braços envolvem meu pescoço mais uma vez.

Meu ba'clan se acomodou ao redor dela, cobrindo-a, mas acho que ela não percebeu.

Desta vez, quando eu os chamo de volta, eles reagem e obedecem, passando dela para mim e se acomodando sob minha pele.

Os olhos de Sam estão arregalados enquanto ela observa, mas ela não se mexe. Ela não diz uma palavra, e ela não se afasta.

Ela se mexe um pouco, seu corpo fica tenso quando ela encontra meu olhar, esperando.

— Ainda não. — O rosnado é profundo, perturbando o ar entre nós, e Sam pisca.

— Ainda não? — Seus braços em volta do meu pescoço relaxam um pouco. — Agora não?

Oh, definitivamente agora. Não há nenhuma maneira que eu quero voltar agora. Mas...

— Eu quero provar você primeiro.

Sam pisca para mim novamente, seu olhar caindo enquanto ela revira minhas palavras em sua cabeça.

Então ela faz algo que eu não esperava. Ela descobre o pescoço para mim.

— Hmm, acho que está tudo bem, contanto que você não morda com força.

Eu quase rio.

— Não aí, pequena flor — eu rosno enquanto saio debaixo de seus braços e desço.

Um suspiro é tudo que ouço, a respiração sibilando por entre os dentes enquanto suas pernas se fecham em volta da minha cabeça.

Mas eu sou muito rápido. Minha língua já está entre aquele pequeno tapete de cachos.

Um zumbido irrompe de mim quando seu gosto explode em minha língua.

Pelos Deuses...

É isso.

Acho que encontrei o centro do universo.

Capítulo Vinte

Sam

Não espero o que ele fará a seguir, mas o grande alienígena me surpreende.

Eu só tenho um momento de realização antes que ele mergulhe, sua língua saindo de sua boca para mergulhar direto em minhas dobras.

Meu clitóris pulsa no momento em que sua língua grossa corre sobre ele e minhas pernas se fecham.

Ga'Var estende a mão e os agarra. Ele aperta minhas coxas com mais força, mantendo a cabeça presa entre elas, e eu tenho que abafar um grito de prazer quando sua língua mergulha novamente.

Oh porra...

Meus quadris sacodem e eu sinto que já estou indo para o orgasmo.

Sua língua está molhada e larga. Grossa o suficiente para parecer uma arma por conta própria. A ponta afunilada desliza sobre meu clitóris como se o filho da puta tivesse percebido que é isso que está fazendo meus quadris saltarem e, quando estremeço de novo, sinto-o ronronar.

Ele passa a língua sobre meu clitóris, lambendo, sacudindo, vibrando como um prazer motorizado – como um vibrador e minhas coxas tremem.

Mas Ga'Var não vai me deixar ir.

Ele mantém minhas coxas fechadas contra os lados de sua cabeça e, pela primeira vez, eu me permito sentir.

Não me preocupo em sufocá-lo. Ele não parece se importar.

Ele ruge novamente, como se estivesse sentindo o prazer que estou sentindo, e me ocorre que... talvez ele esteja.

Talvez ele esteja gostando.

O pensamento me faz estremecer quando uma nova onda de desejo corre por mim.

A cada movimento dos meus quadris, Ga'Var geme mais alto até eu tremer como uma pilha de folhas.

Acho que não aguento mais.

Parece que estou prestes a perder o controle do meu corpo... e então Ga'Var para.

Ele geme quando me dá uma longa e lenta lambida final em minhas dobras, e eu grito seu nome.

— Ga'Var — eu ofego.

Eu acho que ele acabou, mas então ele simplesmente se ajusta.

Algo duro pressiona meu clitóris.

Mal consigo ver através da minha visão turva, mas olho para baixo.

O nariz dele. As saliências se esfregam contra mim e eu gemo com a sensação desconhecida, enquanto outro raio de prazer corre por mim.

Sinto o pico crescendo dentro de mim, prestes a explodir como um gêiser quando a língua de Ga'Var me perfura.

Tão densa, quente e úmida - minha visão fica branca.

O orgasmo me atinge com força, meus quadris empurrando, fazendo meu clitóris esfregar ao longo de seu nariz enquanto sua língua puxa para trás e entra em mim de novo e de novo e de novo.

— Ga'Var!

— Haa...

Ele resmunga contra mim, mesmo quando meus quadris continuam a resistir.

É quase como se eu pudesse sentir meu orgasmo se infiltrando em sua língua, e ele rosna profundamente enquanto os tremores desaparecem do meu corpo.

Estou ofegante quando Ga'Var finalmente afrouxa seu aperto em minhas coxas e minhas pernas se abrem.

Ele olha para mim e minhas bochechas queimam quando sinto sua língua ainda se movendo dentro de mim.

Mas ele não desvia o olhar.

A ousadia em seu olhar é como observar um leão olhando para a presa, sabendo que você é sua próxima refeição.

Eu nunca sobreviveria no Serengeti sozinho... porque esse olhar não me faz querer correr.

Eu me abaixo, minha mão acariciando os locais no topo de sua cabeça.

Os fios são grossos, como sua língua... como seu pênis... e outra onda passa por mim com os pensamentos sujos.

Ga'Var geme, seu olhar ainda fixo no meu enquanto ele empurra sua língua mais fundo dentro de mim.

Meus quadris saltam novamente assim que sua língua desliza para fora do meu canal.

Porra...

Isso é muito quente.

Ele é muito gostoso.

Ele passa a língua sobre minhas dobras novamente, sobre meu clitóris, e eu juro que vejo os cantos de seus lábios se contorcerem quando eu gemo.

Merda.

Como ainda estou com tesão?

Eu nunca tive tesão depois de gozar.

Esse sentimento geralmente morre.

Mas olhando para Ga'Var... não há nada que eu queira mais do que senti-lo dentro de mim agora.

Quem sabe...

Esta pode ser a última vez que estaremos sozinhos juntos.

Esta pode ser a última vez que faremos isso.

Ga'Var ergue-se sobre mim, seu olhar procurando o meu.

Ele passa a língua sobre os lábios, lambendo meus sucos.

— Linda Sam...

O jeito que ele está olhando para mim...

Ninguém... ninguém nunca olhou para mim assim antes.

Como se nunca tivessem visto nada melhor. Como se eu fosse uma estrela no céu que eles pudessem contemplar todos os dias e todas as noites.

Minhas pernas se abrem um pouco mais quando ele vem entre elas, e logo estamos cara a cara.

A cabeça de Ga'Var abaixa e ele inala a pele do meu pescoço.

— Você me ofereceu seu pescoço mais cedo...

— Mmhm... — Minha voz é um sussurro que não reconheço. — Suas presas. Achei que você queria provar meu sangue.

Ga'Var geme tão alto que sinto em seu peito.

— Sam... você será a minha morte.

Ele levanta a cabeça e eu encontro seu olhar mais uma vez. Meu clitóris está latejando de novo, como se eu não estivesse saciada.

Eu nunca tive esse nível de atração por ninguém antes.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

Ga'Var rosna.

— Bom — diz ele. — Muito bom. Se eu tiver que morrer, desejo que a última coisa de que me lembre seja este tempo que passo com você.

Suas palavras me surpreendem mesmo quando sua mão agarra meus quadris.

O vullano não parecia ser do tipo romântico.

Eu estava errada.

O olhar de Ga'Var percorre meu corpo agora nu, sem o cobertor há muito tempo, e ele agarra um dos meus seios, a ponta de seu dedo roçando levemente o mamilo.

Minha respiração engata e ele olha na minha direção.

— Tantas áreas para desfrutar... — ele murmura, então encontra meu olhar novamente. — Sinto muito. Nós Vullanos só temos uma coisa para te dar prazer. Meu sazi é o único ponto de prazer que posso lhe dar.

Hum... claramente, ele não sabe o que acabou de fazer comigo com sua língua.

— Sah-zi?

Ele se afasta um pouco de mim e meu olhar cai.

Grande, avermelhado com uma linha escura de veias na parte de baixo, seu enorme pau balançando no ar, totalmente duro e pingando pré-sêmen.

A visão disso faz meu coração pular uma batida.

Ele é grande, muito maior do que eu percebi na escuridão da noite.

Ele é afilado na ponta, mas com uma circunferência como essa...

Ga'Var muda de posição novamente e se acomoda nas pernas, olhando para mim.

Seu pênis balança na vertical e eu vejo uma pulsação literal passar por ele.

Ele está tão excitado quanto eu, se não mais.

Não entendo por que ele não está se tentando entrar em mim o mais rápido que pode.

A maioria dos homens com quem estive...

Mas é só isso.

Ga'Var não é um homem.

Não posso compará-lo a eles.

Ele é algo completamente diferente.

O controle que ele está exercendo agora, mesmo depois de me fazer gozar com tanta força enquanto ele ainda anseia pela liberação, faz meu respeito por ele aumentar um pouco.

Seu olhar se move sobre mim e de alguma forma eu não me contorço.

A maneira como ele olha para mim não é desconfiada ou desconfortável.

Ele olha para mim como se eu fosse dele... como se eu sempre tivesse sido dele.

Esse olhar apenas para e se torna um fogo ardente enquanto seu olhar pousa no espesso tapete de cachos entre minhas coxas.

Posso sentir por que ele está esperando, inseguro.

Eu posso ver o poder nesses músculos. Estou ciente do que ele poderia fazer comigo se quisesse. Mas o fato de que ele não está... o fato de que ele está se segurando... me dá confiança de que ele não vai me machucar.

Em algum lugar, encontro coragem para sentar e me mover em direção a ele.

As fendas dos olhos de Ga'Var se alargam e se contraem quando eu me aproximo e um zumbido ressoa por ele quando passo meus braços em volta de seu pescoço.

Ele agarra minha bunda, me puxando para seu colo, e eu instintivamente envolvo minhas pernas em torno dele antes que ele consiga me acomodar.

— Sam. O que você está fazendo? — Seu pênis lateja entre nós.

— Shh. Não fale. Porque estou tão perto de repensar isso e fugir.

Eu agarro seu pênis e Ga'Var fica imóvel, seu peito subindo enquanto ele prende a respiração.

Suas fendas oculares desaparecem e tudo o que vejo é bordô quando eu o seguro, ou tento...

Mas o movimento da minha mão em seu eixo envia um arrepio de prazer através dele e ele mostra suas presas um pouco.

Ele agarra meus quadris com mais força, tão apertado que mal consigo me levantar para posicioná-lo embaixo de mim, mas ao primeiro roçar de sua ponta contra minhas dobras, ele congela novamente.

Eu congelo, quando um choque de prazer para o qual eu não estava preparado passa direto por mim.

Seu pau lateja, roçando forte contra meu clitóris enquanto eu o movo para baixo em direção ao meu centro, a ponta deslizando um pouco em um movimento que nos deixa ofegantes.

— Não — ele geme, e seus músculos ficam tensos contra mim. — Machucar você não é meu objetivo.

Mal consigo pensar na sensação de sua ponta dentro de mim. Formular pensamentos sobrecarrega meu cérebro. Mas consigo gemer algo inidentificável.

— Sam — Ga'Var geme.

— Mais profundo — eu tento novamente, e eu o sinto reagir desta vez.

Seu peito se expande enquanto ele respira fundo.

— Tem certeza?

— Sim.

Há um estrondo em sua garganta.

— Só um pouco então — ele sussurra. — Apenas um pouquinho.

Ga'Var rosna e meus olhos reviram e ele assume o controle, me puxando para mais perto dele.

Ele é tudo que eu imaginei e mais, a sensação de sua espessura me estendendo por dentro, criando uma dor deliciosa que eu nunca senti antes.

Só um pouco?

Acho que um pouco não vai satisfazer nenhum de nós.

Ga'Var rosna novamente enquanto me levanta apenas o suficiente sem quebrar nosso contato. Quando ele me abaixa novamente, a ponta cônica de seu pênis entra mais fundo, a parte grossa de seu eixo esticando minha entrada.

Eu agarro seus ombros e tento relaxar enquanto ele repete o movimento.

Mas com cada pulsação de seu pau, eu fico ainda mais molhada, e logo, aquele alongamento apertado não é mais um obstáculo.

A cada investida lenta, Ga'Var trabalha dentro de mim e eu me perco, flutuando em uma nuvem muito acima de nós até que levanto a cabeça para olhá-lo.

O tormento absoluto em seu rosto me deixa sem palavras.

Seus dentes estão cerrados, suas presas à mostra, os músculos em sua mandíbula e ombros tensos e esticados.

Ele está se segurando.

Com medo de que ele me machuque.

Algo dentro de mim aperta com o pensamento e eu o agarro com mais força, colando meus lábios nos dele.

Ele ronca algo que eu não entendo enquanto ele empurra, trabalhando-se profundamente dentro de mim até que estejamos encostados um no outro.

A pressão é quase demais, como se eu fosse me dividir em dois, mas a sensação final de tudo isso...

— Ga'Var — eu choramingo e ele me puxa contra seu peito enquanto ele empurra para cima.

Estou tão apertada contra ele que nem mesmo um fio de cabelo pode passar entre nós.

Há saliências de onde sai o pau dele, e essas saliências se conectam com meu clitóris, enviando novas ondas de choque através de mim.

— Ga'Var! — Eu ofego seu nome pouco antes de outro orgasmo me atingir e eu enrijeço, meu corpo arfando com a extensão do puxão.

Ouço um grunhido e de repente estou de costas quando Ga'Var dá um golpe final e forte que me empurra de volta para a cama.

Um rosnado ressoa em sua garganta antes que ele incline a cabeça para trás e ruge.

E quando ele olha para mim...

Quando aqueles olhos ardentes pousam nos meus...

Eu sei que esta não pode ser a última vez.

Porque eu não quero que isso acabe.

Capítulo Vinte e Um

Ga'Var

Estou preso na terra onde nasci.

Eu vejo as naves navegando no céu. Eu me vejo correndo pelas planícies rochosas perseguindo kuurga.

Essa foi a última vez que fui feliz.

Mas essa memória está sendo substituída pelo que estou vivenciando agora.

Sam está flácida em meus braços enquanto olha para mim com olhos vidrados.

E eu imagino...

Como não vi antes?

Sam... é minha.

Meu ba'clan vibra dentro de mim como se dissesse que eles estão tentando me dizer isso o tempo todo.

Mas o pensamento é... uma alienígena.

Foi assim que Fer'ro se sentiu?

Foi isso que meu irmão passou quando percebeu que Adee'ra era dele?

Meu olhar se move sobre a forma natural da minha mulher.

Pequena. Rosa. Perfeita.

Mas, oh, tão vulnerável.

E uma onda de emoções que nunca esperei invade minha cabeça.

A necessidade de protegê-la com a minha vida surge como um fogo dentro de mim.

Meu sazi pulsa em concordância. Ainda aninhada no fundo de seu suu'ci, suas paredes se contraem ao meu redor, e uma vibração passa por mim que eu não contive.

— Você... não veio? — Seus olhos estão arregalados quando ela olha para mim. — Achei que você tinha...

Ir...

A maneira como ela está olhando para mim, com admiração e desapontamento em seu rosto expressivo, me faz parar.

Ela se pergunta por que meu sazi ainda está pronto para ela. Por que ainda estou duro?

— Você não gostou? — Ela procura meu olhar. — EU...

Eu inclino minha cabeça para a dela, interrompendo-a.

Como ela pode pensar que não me agradou?

— Estarei sempre pronta para você, minha flor.

— Mas você ainda está... duro e... — Suas bochechas ficam quentes enquanto meu sazi lateja novamente.

— Está sempre duro. Mesmo quando meu esperma é liberado.

— Oh. — Ela não encontra meu olhar desta vez, e eu coloco um dedo sob seu queixo e a forço a olhar para mim.

Sam é... exatamente o que eu nunca soube que precisava.

Estou perdido olhando para ela quando ouço um rosnado.

Parece um animal pequeno, e meu ba'clan rasteja sobre minha pele em uma fração de segundo enquanto deslizo para fora de Sam, bloqueando-a com meu corpo enquanto olho ao redor do abrigo.

Meu sazi desliza de volta para sua bolsa quando me agacho, mas não vejo nenhum animal pequeno que possa ter entrado.

Aborrecimento cresce dentro de mim.

Como pude baixar a guarda quando minha companheira, tão vulnerável, descansa aqui?

Ouçó o som de novo, desta vez atrás de mim, e me viro para ver Sam segurando a barriga.

Eu fungo, o cheiro do nosso acasalamento enchendo minhas narinas enquanto ela se senta.

— Estou com fome — diz ela e meus ouvidos se contorcem.

O som veio dela?

Ela rosna de novo e eu pisco, minha membrana nictitante deslizando sobre meus olhos apenas uma vez.

A vergonha me enche, afastando o aborrecimento.

Eu deveria tê-la alimentado antes de perfurá-la com meu eixo.

— Eu vou caçar para você. — Eu pulo da almofada de dormir em um movimento, mas a sensação do toque de Sam me faz parar.

— Espere. — Ela desliza as pernas para fora da almofada de dormir. — Eu tenho comida, lembre-se. A cobra.

Ela se levanta e caminha em movimentos estranhos enquanto se dirige para onde escondeu a comida do dia anterior.

Eu posso sentir o cheiro.

Não tem cheiro de comestível, mas ela o pega, cheira e sorri.

— Ainda bom.

Não sei como ela ingere comida que não é morta na hora.

Ela caminha com aqueles empurrões estranhos de volta para a almofada de dormir e meu olhar cai para sua perna inchada.

Assim que ela se senta, eu me agacho e pego a perna em minha mão, examinando-a.

— Oh, parece muito melhor agora. Eu não posso acreditar, mas seu traje... o que quer que esteja fazendo, está ajudando.

Minhas orelhas se contorcem um pouco enquanto a vejo afundar os dentes na carne.

— Se é assim, por que você está andando como se estivesse sentindo desconforto?

Ela para de mastigar e suas bochechas ficam quentes.

Estou começando a entender o que significa essa mudança de cor.

Ela está envergonhada por alguma coisa.

Mas o que...?

— Não é minha perna. — Há um sorriso em seus lábios antes que ela continua comendo e demoro mais do que alguns momentos para perceber exatamente onde está o desconforto.

Minhas orelhas se erguem da minha cabeça enquanto meu olhar cai para o centro dela, assim como Sam se contorce.

— Estou bem. Apenas um pouco dolorida. Isso vai embora.

Eu não acredito nela.

Fiz o que nenhum Vullano deveria fazer.

Eu machuquei minha fêmea.

— Deite-se. Eu vou curá-lo para você.

Suas sobrancelhas se erguem, causando rugas em sua testa lisa.

— Curar? Com o seu traje?

Eu balanço minha cabeça.

— Não. Com minha língua.

Sam

Eu derrubo a comida, uma risadinha nervosa irrompendo de mim enquanto eu corro para trás.

Não há como eu aguentar outro ataque violento da língua de Ga'Var sem me colocar em coma.

— Tudo bem. É apenas o meu corpo documentando o que aconteceu entre nós.

Ele me estuda por um momento.

— Eu ainda poderia acalmá-lo. — Com suas palavras, sua língua sai de sua boca, correndo sobre seus lábios como se ele já pudesse me provar lá.

Engulo em seco e forço meu olhar para longe, minha boceta apertando como a prostituta que ela é.

— Não, realmente, está tudo bem. — Minhas bochechas estão tão quentes que parece que estou ligando uma fôrnalha.

Ga'Var me estuda um pouco.

Enquanto pego a comida que derramei, sinto quando ele relaxa e quando meu olhar finalmente encontra o dele, vejo que ele colocou seu traje até mesmo sobre a cabeça novamente.

— Não verifiquei o perímetro. Eu vou fazer isso agora.

Eu o encaro enquanto ele se vira para sair do trailer. — E o Scrit? Você vai checar também?

Na minha visão periférica, posso ver que a coisinha no meu pulso ainda está piscando em vermelho e azul.

Não há esperança de retornarmos à base se alguma dessas situações não mudar.

E a comida que eu coletei... eu preciso pegar os cogumelos de volta e qualquer outra coisa que eu puder encontrar.

Talvez alguns animais selvagens que tenham sobrevivido, como mais algumas cobras e esquilos também.

Ga'Var é tão bom na caça que podemos usar suas habilidades.

— Se eu checar o inimigo... ficarei fora por um tempo... muito mais do que gostaria.

Ele está de costas para mim, mas ele olha por cima do ombro com um olhar para trás que me diz que não é algo que ele queira fazer.

Também não quero que ele vá.

Em um mundo perfeito, eu gostaria que ele ficasse comigo neste trailer.

Poderíamos viver na selva, só eu e ele para sempre.

Mas contos de fadas como esse não existem.

Temos que voltar à realidade mais cedo ou mais tarde.

— É melhor você ir. — Eu abaixo o pedaço de carne que estou segurando entre meus dedos, meu olhar se desviando para olhar para o nada. — Temos que verificar se ainda está lá.

E se for, temos que fazer um plano para voltar à base.

Não estou mais ferida o suficiente para justificar permanecer aqui.

Mas eu não digo isso.

Eu não preciso.

Eu sei que o grande alienígena antes de mim já sabe.

A maneira como ele olha para mim me diz isso.

Antes de sair, Ga'Var se vira.

— Fique no abrigo — diz ele, e eu aceno.

Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa e dá um passo em minha direção antes de parar.

— Eu serei rápido.

Capítulo Vinte e Dois

Ga'Var

Saio do abrigo com um último olhar para Sam antes de entrar nos arbustos.

Meu ba'clan de volta no lugar, eles pulsam contra mim quando eu saio.

Tenho que ir, digo a eles, e eles pulsam de novo, quase puxando minha pele para ir na direção de Sam.

Eles se uniram a ela.

Eu me relacionei com ela.

No momento em que meu sazi deslizou para dentro dela, senti com uma certeza que nunca senti antes.

Sam é minha... e não há como negar.

Eu não sei como dizer isso a ela, no entanto.

Ela não tem um ba'clan próprio.

Ela não pode sentir uma atração constante por mim que diria a ela que ela é minha companheira.

E os ba'clan que migraram para a perna dela, não são dela.

Ela não os mencionou, como se eles não se comunicassem com ela.

Isso só pode significar que eles voltarão para mim depois que ela estiver curada.

Mas minha companheira não ficará sem meu ba'clan. Eu não vou permitir isso.

Ela já está vulnerável do jeito que está.

Olho para trás, para o abrigo em que ela se esconde, e respiro fundo.

Ainda posso sentir o cheiro dela em meus lábios... o gosto dela em minha língua.

Meu sazi lateja insistentemente com o pensamento, querendo mais.

Se Sam não estivesse completamente exausta, eu teria continuado a levá-la até que ela me implorasse para parar.

Mas ela está fraca por tudo que passou.

Ainda mais razão pela qual eu preciso protegê-la.

Cada instinto em mim está gritando para virar e voltar para o abrigo.

Para puxá-la em meus braços e mantê-la lá.

Mas devo verificar o perímetro.

Eu me movo pela estranha folhagem verde, meus ouvidos atentos ao menor som.

Está quieto nesta floresta.

Muito quieto, e eu me pergunto se as pequenas criaturas sentiram minha aproximação ou se é a maior ameaça à distância da qual eles se escondem.

Meu ba'clan se arrepia com o pensamento do Scrit.

Mas Sam está certa.

Tenho que verificar se ainda está lá.

E se for...

Isso é um problema por si só.

Eu circulo o amplo perímetro invisível que marquei com facilidade.

A terra neste planeta é macia e cheia de pequenos galhos caídos e folhas mortas.

Que afundam sob meus pés a cada passo e, embora minha mente esteja em Sam, não perco nada ao meu redor.

Eu paro de repente quando um cheiro passa pelas minhas narinas, meus pelos se arrepiando.

Eu me viro, procurando por entre as árvores o menor movimento. Mas não há som.

Há o cheiro, no entanto. Fraco, mas lá.

Humano...mas...diferente.

Eu cheiro novamente.

Não é o cheiro do meu Sam ou de qualquer um dos outros humanos na base, tenho certeza.

Eu cheiro de novo, puxando um fluxo profundo de ar em meus pulmões.

O cheiro se foi.

Eu me viro um pouco, meu olhar deslizando pelos arbustos.

Tenho certeza de que não estou enganado.

Por precaução, volto para onde deixei Sam, cortando as árvores tão silenciosamente quanto o próprio vento suave.

Vejo o abrigo de Sam logo depois e cheiro novamente.

Nada. Apenas Sam.

Do ponto elevado onde estou, vejo-a sentada na almofada de dormir.

Há um sorriso em seu rosto, um sorriso que nunca existiu nos túneis, e me pergunto se eu sou o motivo... se o que acabamos de compartilhar é o motivo de sua felicidade.

Eu me agacho enquanto a observo por alguns momentos.

O cheiro que eu cheirei... se foi.
Mas geralmente não estou errado sobre essas coisas.
E por isso meu olhar percorre a floresta.
Vou verificar o perímetro novamente.

Eu faço três viagens ao redor do perímetro.
O cheiro se foi.

Se não me engano... havia um humano por perto, ele já se foi há muito tempo.

Ainda muito perto de onde Sam está, meu ba'clan puxa contra mim novamente, tentando me fazer ir até ela.

Mas ainda tenho que investigar o motivo de estarmos presos aqui.
O Scrit que parou de andar.

Sabendo o que sei sobre nosso inimigo, não consigo imaginar que ele tenha parado por um bom motivo.

Os Gryken não fazem coisas para o bem dos outros.

Então sigo em direção à enorme máquina, tomando cuidado para me manter nas árvores.

O vento aumenta contra mim enquanto corro, causado pela minha velocidade, e não demora muito para que eu veja as enormes pernas de metal se erguendo do chão.

Paro longe o suficiente da máquina para poder vê-la por completo.

Parece o mesmo que quando parou pela primeira vez.

Gigante.

Impecável.

O metal do orbe brilhando à luz da estrela.

Meu ba'clan se eriça, meus pelos ameaçam arrepiar ao ver a coisa, mas sei que eles ainda estão me protegendo, escondendo minha assinatura energética.

Se houver um Gryken lá, ele não pode me sentir, mesmo que esteja escaneando agora.

Eu encaro a coisa por um tempo, perguntas surgindo em minha mente.

Por que parou?

Um pequeno fio de esperança passa por mim que pode ter parado porque seu piloto não está mais nele.

Morto... talvez.

Mas eu sei que é uma ilusão.

Os Gryken não morrem tão facilmente.

Não... parou por algum outro motivo.

Estou prestes a me virar e voltar para Sam quando todo o meu ser estremece, ou melhor, meu ba'clan reage a algo que ainda não estou ciente.

Mas então eu vejo.

No alto do Scrit, no próprio orbe, uma escotilha se abre.

O medo dispara através de mim quando vejo uma perna longa e multi articulada apontar para fora da abertura.

Meu órgão de sangue apreende...

Um Gryken.

Acho que nunca vi um fazer o que esse Gryken está fazendo agora... saindo de sua máquina.

É um esforço consciente controlar meu ba'clan enquanto eles pulsam contra mim, me dizendo para fugir.

Mas ainda não posso ir.

Não posso sair até descobrir o que o Gryken está fazendo...

Porque isso não é normal e o que quer que esteja fazendo com certeza afetará a guerra que estamos prestes a travar.

Capítulo Vinte e Três

Sam

Ga'Var foi embora por um tempo.

Lá fora está quieto.

Encontro-me apenas enrolado na cama, olhando para a parede com um sorriso bobo no rosto.

Não acredito que acabamos de fazer sexo.

Sinto um formigamento no estômago enquanto as borboletas voam e esvoaçam e continuo espiando pelas janelas do trailer, esperando ver a faixa preta saindo dos arbustos quando ele voltar.

Até agora nada.

Eu gostaria de ter um relógio ou algo assim. Um relógio talvez.

Qualquer coisa para me ajudar a saber quanto tempo se passou, porque parece muito tempo desde que ele partiu.

Quando olho pela janela uma última vez, o sol parece ter se movido no céu.

Não é apenas o nervosismo e a novidade do que acabamos de compartilhar.

Não estou apenas ansiosa para que ele volte. Ele se foi por um tempo.

Eu tento me lembrar se as outras vezes que ele saiu foram tão longas, mas é uma coisa difícil de julgar.

Então eu tento me concentrar em outra coisa.

Meu olhar pousa na minha perna, aquela coberta de preto, e passo um dedo sobre ela.

Ele pulsa sob meu toque e eu sorrio.

É como um lembrete de que não imaginei tudo isso.

Eu coloco um pouco de pressão na minha perna, pressionando-a contra o catre, mas não sinto nenhuma dor.

Parece já ter cicatrizado...

Isso é impossível.

No entanto, estou olhando bem para ele.

— Muito legal... — eu sussurro, e a tinta escura pulsa novamente, quase como se reagisse às minhas palavras.

— Realmente legal? — Repito, e há outro pulso.

Minha testa franze quando olho para minha perna.

Ele está reagindo às minhas palavras. Tenho certeza. Não pode ser apenas uma coincidência.

O pensamento de que ele pode reagir às palavras que eu digo...

Estou prestes a abrir a boca para dizer mais alguma coisa para tentar provocar uma reação quando tenho certeza de que ouço vozes lá fora.

Um arrepio passa por mim que me faz congelar.

— Tem certeza que não tem ninguém aí? — A voz me atinge tão clara quanto o dia.

Baixo o suficiente para estar a poucos metros do trailer, mas claro o suficiente para eu ouvir.

É uma voz masculina.

Humano.

Por um momento, meu coração pula uma batida. O que estou ouvindo é outro humano que sobreviveu de alguma forma.

Mas logo em seguida vem o medo que dispara através de mim.

Eu não sei por quê.

— Com certeza. Não consigo ver ninguém. Talvez esteja abandonado. Outra voz. Também masculino. Com um sotaque que me faz pensar que são de algum lugar do sul.

— Bem — o orador chupa a língua sobre os dentes — é melhor dar uma olhada.

Aquele medo que eu estava sentindo... dispara através de mim novamente e minha perna pulsa forte .

Estou sozinha.

Estou seminua.

E eu sou mulher.

Não tenho nada para me proteger, exceto aquele canivete, mas está na frente do trailer.

Engulo em seco quando ouço o silêncio, então o som inegável de botas esmagando folhas mortas conforme elas se aproximam.

Eu não penso. Eu apenas me movo.

Só há um lugar para eu ir, embaixo da cama, e pela primeira vez na vida estou feliz com meu tamanho.

Sim, eu poderia tentar confiar neles.

Afinal, restam poucos de nós humanos. A lógica diz que devemos trabalhar juntos.

Mas se percebi alguma coisa desde que o mundo acabou, percebi uma coisa: as coisas nem sempre funcionam do jeito que você deseja.

Não sei se esses caras são perigosos.

Afinal, eles são estranhos.

Talvez depois que eu tiver um tempo para pensar...

A porta do trailer range quando é aberta, bem a tempo de eu enfiar a perna debaixo da cama.

Quase não consigo ver nada, apenas o grosso par de botas que entram.

Definitivamente masculino.

Um grande.

— Parece que alguém encontrou isso antes de nós, Bob. —

Porra.

Eu aperto meus olhos fechados, pensando que eles me encontraram. Mas conforme o macho se aproxima, ele para perto da cama.

Outra pessoa intervém, Bob, suponho, a julgar pelo outro par de botas.

— Não parece que há muito aqui de qualquer maneira.

Eu ouço o giro da torneira.

— Nada de água também.

— Porra.

— Eles devem ter levado tudo quando partiram.

Há uma pausa e eu sinto que eles provavelmente estão olhando ao redor.

Eu luto contra meus instintos e a pulsação repentina na minha perna.

— Encontrou alguma coisa? — Desta vez, é a voz de uma mulher e meus olhos se arregalam um pouco enquanto eu forço meus ouvidos.

Parece distante, como se ela estivesse em algum lugar lá fora. Quantos deles existem?

— Nada. — O homem mais próximo de mim se vira, suas botas batendo no chão. — Por que você não volta para as outras mulheres? Nós cuidaremos disso.

Outras mulheres?

OK.

Então isso é um grupo.

Engulo em seco enquanto os pensamentos disparam na minha cabeça.

Se estiverem viajando com mulheres, talvez não sejam tão ruins.

Talvez eu pudesse revelar minha localização. Dizer a eles que há um lugar seguro para os humanos e que tudo o que eles precisam fazer é esperar até que Ga'Var volte.

Merda... Ga'Var.

Eles não saberiam sobre ele ou que ele está do nosso lado.

Droga.

Eu respiro fundo e aperto meus olhos fechados por mais um momento.

Eu posso fazer isso.

Estou prestes a rastejar para fora da cama quando a coronha de um rifle entra no meu campo de visão.

Meu coração dá uma guinada e quase parece que minha perna machucada está vibrando.

OK. Mas isso é normal, não é? Isso é normal. Eles precisam ter uma maneira de se proteger.

Isso não significa...

O homem que segura a arma se move novamente, inclinando-se sobre a cama e ouço quando ele usa a arma para tocar em alguma coisa.

Minha tigela e garfo tilintam em cima da cama e algo morre dentro de mim.

Merda.

Não tenho tempo para reagir.

Em um minuto, espero que eles apenas ignorem o fato de que há utensílios na cama e, no próximo, a cama está sendo virada.

Um grito deixa meus lábios quando mãos ásperas me agarram, me puxando para cima.

— Eu sabia que havia alguém aqui. — Olhos azuis frios em um rosto desalinhado encontram meu olhar.

Ele está apertando meus braços com tanta força, me segurando como se eu não pesasse nada, e é muito doloroso.

— Ai! Você está me machucando. Me deixe ir!

— Cale a boca, vadia!

O outro macho se aproxima.

A mesma barba castanha desalinhada de seu amigo.

Os mesmos olhos frios.

Eu ficaria surpresa se eles não fossem irmãos.

— Parece que temos uma nova adição ao nosso grupo, hein, Jim?

Jim e Bob.

Foda-se.

Encontro o olhar de Jim.

— Ponha-me no chão . Você está me machucando.

Ele resmunga e me solta o suficiente para que meus pés toquem o chão e quando eu empurro o suficiente para liberar um dos meus ombros de seu aperto, suas narinas se contorcem enquanto ele olha para mim.

— Um pouco de fogo demais neste aqui — diz Jim.

Caras maus.

Definitivamente caras maus.

Bob se aproxima, olhando para mim, e sinto vontade de apertar ainda mais o cobertor em minha volta.

Não está preso com nada, apenas enrolado em mim como uma toalha, mas já está se soltando.

A última coisa que quero fazer é chamar a atenção deles para isso.

Mas percebo imediatamente que qualquer esperança disso já se foi quando observo seus olhos se moverem para mim com uma intensidade que faz minha pele arrepiar - e minha perna lateja tão forte que quase queima.

Mas não tenho tempo de olhar para minha perna ou o que pode estar acontecendo com ela agora.

— Você está sozinha aqui fora, vadia? — Bob pergunta. Ele passa as costas da mão no rosto enquanto olha ao redor do trailer e meu coração começa a bater forte contra minhas costelas.

Não posso contar a eles sobre Ga'Var.

— Sim.

Eles olham um para o outro.

— Acha que ela está dizendo a verdade?

— Bem, se ela tem um homem aqui com ela, ele não vai poder fazer nada para nós dois juntos. E Billy está lá fora guardando as mulheres. Isso faz três de nós e um dele.

Bob faz um som de irritação na garganta. — Esqueça Billy. O menino não poderia disparar uma arma se um daqueles gatos viesse direto para ele.

Então três machos... talvez mais.

Merda.

Este grupo é maior do que eu pensava.

— Bem, encontramos Deja sozinha.

Jim olha para mim. — Sim, mas ela estava quase morta quando a encontramos. Quase morrendo de fome. Seu olhar desliza para baixo de mim. — Essa cadela parece bem cuidada.

Ele solta meu outro braço e eu o encaro, esfregando o local que ele sem dúvida está machucado.

— Tire.

Suas palavras me fazem congelar e, por um momento, esqueço a raiva que tenho dirigido diretamente a ele.

— O que?

— Tire. Isto. Fora.

Ele pega sua arma e aponta para o cobertor em volta de mim.

Oh não.

Ah não, não, não, não.

— Não. — Estou feliz que minha voz não treme porque agora, me sinto tudo menos confiante.

Eles se olham e um olhar malicioso se desenvolve no rosto de Jim.

— Veja. Fogo nela. Seu olhar escurece. — Eu gosto disso.

Porra.

Estou em apuros.

Meu olhar se volta para a caixa de armazenamento com o canivete.

Mesmo que eu pudesse chegar lá e de alguma forma sair do trailer sem levar um tiro, há mais deles lá fora. E também não sei quantos.

— Teimosa também — Bob murmura. — Teremos que consertar isso.

Ele estende a mão antes que eu possa me abaixar e agarra meu cabelo, puxando minha cabeça para trás com tanta força que o

músculo do meu pescoço sofre um espasmo e a dor dispara pela minha espinha.

Ele está prestes a fazer a mesma coisa com força com o cobertor quando eu o agarro, girando para ele, meu rosto batendo em seu peito.

O almíscar grosso de suor masculino flutua em meu nariz, quase me fazendo engasgar, mas eu só tenho uma fração de segundo para agir.

Antes que ele possa fazer qualquer coisa, eu mordo.

Eu mordo o mais forte que posso.

Tomando sua pele grossa e nojenta entre meus dentes, através da camisa de flanela que ele está vestindo.

— Ai! — Ele uiva, me jogando para longe dele, mas eu não paro.

Eu não hesito.

Meu coração está batendo tão forte em meus ouvidos que não consigo ouvir quando Bob grita para seu companheiro me pegar.

De alguma forma eu me esquivo entre eles, a saída do trailer bem na minha frente quando meu pescoço puxa para trás, a dor disparando pela minha espinha mais uma vez.

Jim me pegou pelo cabelo novamente e, quando caio para trás, meu olhar encontra o dele.

Tudo o que vejo é malícia pura e crua.

E eu sei, se de alguma forma eu não encontrar uma saída para isso... a vida está prestes a ficar muito, muito pior.

Capítulo Vinte e Quatro

Sam

Jim me puxa pelo cabelo para me por de pé, ignorando meus grunhidos de dor enquanto eu estendo a mão para trás, tentando me soltar.

— Vadia do caralho — Bob amaldiçoa de algum lugar atrás de nós.

Eu tropeço um pouco e quase caio quando Jim me empurra para fora do trailer, mas não caio no chão com ele me segurando.

Em vez disso, minha perna se conecta com a lateral do trailer e eu agarro as laterais para me firmar.

O sol me atinge com seu brilho matinal e eu aperto os olhos, tentando entender o que está ao meu redor.

A vários metros de nós, perto de onde Ga'Var fez a fogueira para mim, está um grupo de três mulheres e um jovem.

Duas das mulheres parecem ter vinte e poucos anos e a outra parece ter entre quarenta e cinquenta anos

Dois pares de olhos cinzentos surpreendentes me atingiram e tenho a sensação de que pelo menos dois deles são parentes.

Merda.

Isso é algum tipo de coisa de família?

Vou me tornar presa de uma família de bandidos?

Mas meu olhar pousa no jovem.

Ele está nos observando, franzindo a testa enquanto conforta a mulher de pele escura. Acho que ele tem uns dezoito anos.

Nunca é jovem demais para se tornar um criminoso, eu acho.

Embora, pelo jeito que ele está olhando na minha direção, retendo a raiva em seu olhar, talvez ainda haja esperança para mim.

Algo duro cai nas minhas costas e eu cambaleio para frente.

Só me viro a tempo de ver a bota de Jim bater no chão do trailer.

— Cadê a comida, vadia?

— Comida?

Ele agarra seu rifle e o levanta um pouco mais alto em seu peito.

Ele está segurando tudo errado.

Desajeitado, como se nunca tivesse manuseado armas antes de tudo isso.

— Não banque a esperta comigo. Eu vejo o garfo e a tigela. Sinto o cheiro da carne.

Ele dá um passo à frente, descendo o degrau. Mais dois passos e então ele está bem na minha frente, tão perto que posso sentir seu hálito.

— Onde está a comida?

Eu encontro seu olhar. Nem mesmo piscando.

Se ele acha que me assustará sendo um macho alfa, é melhor tentar outra coisa.

Já vi muito para me assustar com gente como homens fracos.

E eu vi força real. Restrição de verdade.

Comparados aos vullanos... comparados a Ga'Var ... esses homens não são nada.

Meu olhar se volta para os arbustos, esperando agora que Ga'Var não apareça de repente.

Não sei o que ele fará com essas pessoas e pelo menos uma delas pode não ser tão ruim assim.

— Tire o cobertor — diz Bob. — Se ela não fala, nós a fazemos falar.

Jim agarra o cobertor, puxa-o e meu corpo estremece. Mas me agarro ao tecido, não deixando que vençam.

— Ouça, filho da puta. Eu não sei o que você quer ou quem você pensa que é, mas se você não percebeu, fora deste pequeno acampamento, a humanidade está sendo destruída. Eu sei que você acha que não tem opções, mas você tem.

Eu olho para trás, meu olhar encontrando as mulheres e o jovem.
— Todos nós temos.

— Ah, cala a boca. — Jim puxa o cobertor novamente, me forçando a encará-lo. — Não damos a mínima para o que está acontecendo lá fora. É cada um por si e eu e meu irmão aqui, estamos formando um clã. — Ele se aproxima ainda mais. — E você fará parte disso. — Ele puxa o cobertor novamente. — Como minha cadela.

Suas palavras enviam um raio de medo através de mim que é multiplicado quando seu irmão acrescenta:

— Eu a encontrei. Ela é minha.

Jim rosna e lança um olhar por cima do ombro.

— Tudo bem — diz ele, antes de enviar um sorriso desconfiado na minha direção. — Nós podemos compartilhar. Não seria a primeira vez.

Ele lança um olhar significativo para trás de mim e ouço uma das mulheres choramingar.

Ok... então talvez os únicos dois idiotas neste grupo sejam os dois na minha frente.

Isso aumenta minhas chances de sair dessa, bem, muito.

— Agora me diga, coisa doce. — Ele estende a mão, roçando um dedo na minha bochecha, e eu viro meu rosto para longe dele. Ele grunhe — o som é uma mistura de prazer e zombaria. — Onde está a comida?

Eu pisco algumas vezes, tentando acalmar meus nervos porque meus pensamentos de repente são uma confusão emaranhada.

A lógica diz que não posso deixá-los saber muito, se alguma coisa.

Esses caras são perigosos e não há como esconder o que eles planejam fazer comigo, independentemente de eu cooperar ou não.

— Peguei uma cobra que vivia no trailer. Essa é a carne que você cheira. Não tem comida aqui.

Jim para de sorrir e seus olhos ficam ainda mais frios.

Ele me estuda por alguns minutos.

— Ouviu isso, Bob? A cadela diz que não há mais comida.

— Parece difícil de acreditar. Pergunte a ela se tem água.

Os olhos de Jim parecem se iluminar com isso.

— Água — diz ele, seu olhar perfurando o meu. — Não parece o tipo de lugar para se ter água... mas nunca se sabe. Talvez ela tenha trocado sua boceta por um pouco.

Negociado?

Eu não entendo o que ele quer dizer.

— Você tem água escondida em algum lugar?

Balanço a cabeça sem hesitar.

— Não. Estamos no meio do nada. Onde diabos eu encontraria água aqui?

Seu punho surge do nada, acertando minha bochecha e fazendo minha cabeça virar na outra direção.

A dor lateja em minha bochecha e sinto gosto de sangue.

— Primeira lição, vadia. — Jim paira sobre mim. — Nunca, e eu quero dizer nunca, use esse tom comigo.

Ele cospe tão perto de mim que sua saliva quase me atinge.

— Você faz parte do clã dos irmãos Crichton agora. Você aprenderá a obedecer.

— Talvez devêssemos mostrar a ela o que fazemos com vadias que não escutam. — A voz de Bob está próxima e isso me assusta. Entre a conversa com o irmão dele, não tinha percebido que ele tinha saído trailer.

Ele levanta a arma e aponta para o meu peito. A dor que ecoa em minha bochecha quase desaparece quando olho para o longo cano do rifle.

Bob enfia o cano entre a barreira do cobertor e minha pele.

— Talvez seja melhor mostrar a ela o quanto pode doer se ela falar de volta.

Jim estende a mão e agarra meu peito e mesmo com a coberta do cobertor, é como se eu pudesse sentir sua pele nua contra a minha.

Eu me afasto dele, mas sua mão se fecha dolorosamente em volta do meu seio.

— Você vai primeiro — Bob diz —mas não toque na bunda dela. Essa parte é toda minha.

Suas palavras enviam gelo pela minha espinha enquanto ele move a arma para longe do meu peito, seus olhos tão aquecidos agora que posso ver sua intenção tão clara quanto o dia.

— Não! — Alguém atrás de mim grita. O jovem.

Jim rosna, sem tirar o olhar do meu.

— O que foi agora, Billy? Você finalmente decidiu que quer um pedaço de bolo?

— N...não — Billy diz. Ele se aproximou e seu olhar está em mim.
— Mas isso não pode esperar até mais tarde? Não sabemos se ela estava sozinha. Se ela estiver com um grupo e eles voltarem, as mulheres ficarão em apuros.

Bob rosna e revira os olhos, mas Jim solta meu peito.

Uma respiração sibila por entre meus dentes enquanto eu esfrego o local.

— O garoto tem razão — diz Jim.

Ele aponta para o tronco perto do fogo morto.

— Faça com que esperem lá. Eu e Bob vamos explorar a área.

Billy acena com a cabeça, lançando um olhar de soslaio para os homens, e agarra meu braço.

Seu toque não é nem um pouco tão forte quanto o de Jim ou Bob.
É... gentil.

Enquanto eles se afastam, Billy me leva até o tronco.

— Venha. Não lute, por favor, ou eles vão pensar que não posso lidar com você. Isso será ruim.

Eu olho para ele. Há tormento em seus olhos, mas ainda não estou pronta para confiar nele.

Afinal, ele está trabalhando com homens como Jim e Bob.

Ainda não estou livre.

Capítulo Vinte e Cinco

Sam

Sento-me por alguns minutos, observando o grupo de pessoas ao meu redor, a floresta ao nosso redor e ouvindo sinais do retorno de Jim e Bob.

De vez em quando, o vento sussurra por entre as árvores e acho que sinto o cheiro de Ga'Var.

Meu coração dá uma guinada, mas ele não aparece.

Não tenho ideia do que aconteceu com ele e estou começando a temer o pior.

As três mulheres e Billy não se falam e, à medida que os minutos passam, começo a achar estranho.

— Vocês estão viajando juntos há muito tempo?

Ao som da minha voz, todos eles olham para mim, mas nenhum deles responde.

Todas as mulheres parecem esgotadas, seus olhos mortos, e logo desviam seus olhares de mim mais uma vez.

Mas Billy me estuda um pouco antes de olhar para a floresta atrás de mim.

— Não por muito tempo — diz ele. — Talvez três semanas. — Ele dá de ombros. — Eu não sei mais sobre os dias. Eles vêm e vão muito rápido.

Seu olhar vai para a floresta e depois de volta para mim antes de cair na minha bochecha.

Ainda dói e sem dúvida há um hematoma se formando ali.

— Não... não lute tanto. Eles vão te deixar em paz se você não fizer com que eles notem você.

Só agora estou percebendo que um de seus olhos tem uma pele ligeiramente mais escura ao redor do que o outro, como se o tivessem socado ali.

Meu olhar passa rapidamente pelas outras mulheres e a mais velha encontra meu olhar finalmente.

— Ele tem razão. Caso contrário, eles irão forçá-la. — Ela olha para a mulher que parece uma versão mais jovem dela. — Eu me dou o máximo que posso, para mantê-los satisfeitos para que não...

Ela se cala, mas o horror do que ela estava prestes a dizer não passou despercebido por mim.

— Porque é que eles estão fazendo isto?

Todos eles olham para mim agora como se eu fosse de outro planeta.

— Há quanto tempo você está aqui sozinha? — a senhora mais velha pergunta.

Eu pisco, tentando chegar a uma resposta adequada.

— Um tempo.

A mulher franze a testa.

— E esta é a primeira vez que você encontra um clã?

Minhas sobrancelhas franzem um pouco.

— Eu não sabia que clãs existiam.

Eles se olham novamente.

— Você deve ser ótimo em sobreviver na selva e conseguir, de alguma forma, se manter fora do radar daquelas... coisas de metal .

Alguns deles olham para o céu com isso, visivelmente tremendo.

— Ou você tem um estoque de água potável em algum lugar... escondido?

A pergunta dela faz pouco sentido para mim.

— Água?

O que é isso sobre a água de novo?

— Sim, água — acrescenta Billy. — Você sabe. Para negociar.

— O que?

A mulher mais velha ergue as sobrancelhas.

— Uau. Não sei como você aguentou todo esse tempo sozinha. Parece impossível.

Eu pisco para eles, sem entender.

— Você trocam água?

A mulher dá de ombros.

— Não é como se o dinheiro valesse alguma coisa agora. Mas a água fresca e potável é.

Meus olhos se arregalam um pouco mais quando o que eles estão dizendo de repente faz sentido.

— Água é moeda?

A mulher assente.

— Algumas pessoas trocam roupas limpas e até botas por um bom copo.

Eu pisco para ela, suas palavras registrando lentamente.

Tanta coisa está acontecendo lá fora que eu não sei - que nenhum de nós na base sabe - mas mesmo que bolsões de humanidade pareçam estar sobrevivendo, ainda está claro que é um mundo perigoso e cruel lá fora.

Eu olho para trás, procurando na floresta por qualquer sinal dos irmãos.

— Ouça — Eu me viro para o grupo. — Aqueles dois parecem estar controlando todos vocês. Não conheço os meandros disso, mas e se eu disser que vocês não precisam mais ficar perto deles ou suportar o abuso deles? Que posso lhes oferecer proteção?

A cabeça da jovem de pele escura vira em minha direção, seu olhar perfurando o meu.

— Não vamos cair nessa. Foi o que Jim disse. Acontece que ele e seu irmão eram a proteção de que ele estava falando e ele não mencionou que incluía forçar-se contra nós também.

Eu olho para ela, meu olhar viajando para os outros.

Há uma sensação de derrota pairando sobre todos eles.

— Por que vocês não lutam de volta?

— Porque quem tenta se machuca muito. — A mulher madura olha diretamente para Billy e ele se mexe para que eu não consiga ver a parte de seu rosto com o olho roxo desaparecendo.

— E existem clãs piores por aí. Pelo menos só temos que lidar com dois babacas. Só temos que mantê-los... satisfeitos. Ela encontra meu olhar, o significado oculto em seus olhos.

— A propósito, meu nome é Jillian.

Ela gesticula para a outra mulher de olhos cinzentos. — Lily

E então para a mulher de pele escura. — Deja.

O menino aponta o queixo para mim. — Billy.

Eu concordo.

— Sam.

A garganta de Jillian se move e seu olhar perfura o meu.

— Se você decidir fugir agora. Eu não culpo você. Mas esses dois irmãos são rastreadores habilidosos. Eles vão encontrar te se quiserem

você o suficiente e Billy aqui provavelmente levará uma surra por perder você.

Eu olho para Billy novamente, mas ele não encontra meu olhar.

— Agora — diz Jillian. — Fale-me sobre essa proteção de que você está falando.

— Ela está falando sobre seu amigo — diz Billy, e desta vez, quando me viro, seu olhar está em mim.

— Que amigo? — Jillian sussurra, seu olhar correndo para o trailer.

O olhar de Billy perfura o meu e minha garganta fica um pouco seca.

— O soldado vestido de preto.

Ga'Var

O Gryken flutua até o chão da floresta e meus pelos ficam completamente arrepiados enquanto eu o observo.

Não.

Não pode estar descendo à superfície.

Eu nunca vi nenhum Gryken fazer isso antes, mas mesmo enquanto eu observo, o transporte transparente em que a besta se senta flutua até o chão.

Existem dois deles.

Um flutuando logo acima do outro, as grandes cabeças e longos membros do Gryken à vista enquanto se espalham atrás do corpo.

O antigo e o sucessor.

Um menor que o outro.

Minhas lâminas se formam em meus braços, prontas para eu atirar para frente e cortá-los.

Mas eu não posso me mover. Porque não é tão fácil.

Muitos vullanos morreram naquelas primeiras luas de batalha, pensando que atacar as enormes máquinas do Gryken poderia derrubá-los.

Que enfrentar as feras de frente poderia vencer a guerra.

Eles estavam errados.

Não posso arriscar chegar perto.

Não posso arriscar que me vejam.

Pois assim que o Gryken me localizar, colocarei em risco a vida de todos os vullanes e humanos deste planeta.

E Sam...

Sam está lá fora sozinho, esperando por mim.

Se eu não voltar, ela perecerá.

Não há como ela voltar para a base sozinha. E mesmo que ela tente, com o Gryken vindo para a floresta abaixo, eles irão senti-la.

O medo dispara através de mim com o pensamento, e vejo os Grykens flutuarem para o chão abaixo.

Eles pousam cobertos por uma gosma que provavelmente os protege da luz da estrela deste planeta.

Eles param, olhando ao redor.

Um alcança uma folha verde balançando ao vento e a toca, virando-se para o outro, como se estivessem se comunicando.

O Gryken faz uma pausa e se move lentamente, olhando para a folhagem, tocando as árvores.

Eles parecem deslocados neste planeta, como nas areias escuras de Edooria.

Eles não deveriam estar aqui; ainda assim, aqui estão eles.

Alguém olha na minha direção, mas já estou encapuzado, meu ba'clan sempre se movendo um passo à minha frente.

Ele não pode me ver e duvido que ele também possa me sentir.

Ainda estou muito longe para que sua capacidade de detecção natural funcione.

Mas isso não significa que continuará assim, pois eles estão se movendo em minha direção.

Aproximando-se e, em essência, também aproximando-se de Sam.

Eu tenho que tirá-la daqui.

Leve-la mais para dentro da floresta, talvez.

Qualquer coisa, exceto deixar que eles a peguem.

Eu sei muito bem do que os Gryken são capazes.

Eu vi tudo acontecer com meus próprios olhos.

Capítulo Vinte e Seis

Sam

— Eu vi ele. — Os olhos de Billy perfuram os meus, a esperança como uma corda fina em seu tom.

— Um soldado? — Deixa pergunta.

— Shh, fale baixo. — O olhar de Jillian se move ao nosso redor antes de seus olhos pousarem em mim novamente.

— Que tipo de soldado? Onde ele foi? Ele está voltando para você?

Meu olhar passa por cada um deles e a crescente esperança em seus olhos.

— Ele é um cara legal? — Lily sussurra.

— Sim. — Eu concordo. — Ele é um cara... muito bom.

Não adianta eu esconder que não estou sozinha. Ga'Var aparecerá eventualmente e está claro que essas pessoas precisam da minha ajuda.

— Então você está morando neste trailer com ele todo esse tempo? — Jillian pergunta, antes de baixar a voz um pouco mais. — Ele tem uma arma?

— Ele tem uma... arma... sim.

Jillian solta um suspiro de alívio e quase posso ver as rodas girando em sua cabeça.

Mas há mais coisas que preciso saber antes de deixá-los nos seguir de volta à base.

— Conte-me mais sobre o comércio de água. Existem muitos clãs por aí? As pessoas estão sobrevivendo?

Billy bufa.

— Dificilmente. Apenas algumas pessoas com quem entramos em contato. Algumas pelo rádio.

— Rádio?

Ele concorda. — Ondas curtas. Jim tem um em sua mochila.

— Sim. Armazenamos tudo o que encontramos. Trocamos com outras pessoas que podemos encontrar. Mas... é perigoso. Seu olhar se move acima. — Aquelas coisas. Essas máquinas. É como se eles pudessem nos sentir. Você tem que se esconder, ficar no subsolo, sempre que vir um. — Seu olhar me encontra novamente. — Estou surpresa que você tenha sobrevivido tanto tempo aqui ao ar livre. Mesmo agora é perigoso estarmos aqui. Alguém pode aparecer a qualquer momento.

Todos olham para cima novamente, um arrepio percorrendo-os como um coletivo.

— O que você negocia? — Eu pergunto. — Comida e água?

Jillian balança a cabeça.

— Essas são apenas as coisas mais raras. Água especialmente. Se você tiver pelo menos uma xícara, vale muito por aqui. As pessoas também trocam armas.

Seu olhar desliza sobre meu cobertor.

— Roupa de cama. Abrigo.

— Sexo — a garota de pele escura diz e meus olhos se arregalam um pouco.

— É isso que... é essa a situação com Bob e Jim?

— Não. — Jillian balança a cabeça.

— Não estamos negociando com esses pedaços de merda.

Os olhos de Lily brilham antes que ela baixe o olhar.

— Não é negociação.

Jillian agarra a mão dela e a aperta.

— Nós simplesmente não temos escolha. Não podemos sair. Eles ameaçam atirar em nós ou nos forçar a ir para a cama com eles. Eles estão apenas começando a confiar em Billy aqui, para deixá-lo no comando. Estamos tentando... tentando fazê-los pensar nele como igual, então talvez possamos encontrar uma maneira de fugir deles.

Uma carranca sulca minha testa. Eu não entendo.

— Por que você simplesmente não foge... como agora?

Deja beija os dentes.

— Esses filhos da puta vão te caçar. A última garota que fez isso está pendurada em uma árvore no meio do nada com uma bala na cabeça e o corpo corrompido. Ela rosna, a raiva emanando de seu próprio ser enquanto ela vira o olhar na direção que Jim e Bob foram.

— Além disso, há coisas piores do que eles por aí.

Fico olhando para ela no silêncio que se segue.

Nenhum dos outros nega o que ela acabou de dizer.

Minha garganta está seca enquanto tento dizer as próximas palavras.

— E à noite, quando está escuro?

Jillian encontra meu olhar.

— Eles nos amarram. — Ela olha para o menino. — Até o Billy aqui.

Meus olhos se arregalam com suas palavras. Eu não sei como responder.

— Mas você está aqui agora — diz Jillian. — Duvido que você possa sair sem seu amigo. Mas talvez seja o melhor.

— Por que?

Ela desvia o olhar do meu, optando por olhar para trás.

— Porque quando eles voltarem, eles vão tirar todos os objetos de valor daquele trailer, e se o seu amigo aparecer, tenho certeza que eles vão matá-lo. Se ele é um soldado como você diz que é... de jeito nenhum eles vão arriscar que ele se volte contra eles.

— Eu não teria tanta certeza sobre isso... — eu sussurro. Mas não consigo explicar por causa das vozes dos dois machos que vêm por entre as árvores. Eles estão voltando.

Fugir não era uma opção antes, não com Ga'Var morto e nem com o Scrit estacionado em algum lugar da floresta lá fora.

Duvido que eles saibam que está lá.

Eu tenho que ficar parada por enquanto.

Quando meu olhar cai sobre os machos que aparecem por entre as árvores, a antipatia que sinto queima como a dor em minha mandíbula.

Tenho que manter esses idiotas presos até que Ga'Var volte.

Ficamos sentados em silêncio enquanto os dois irmãos fazem exatamente o que Jillian disse que fariam. Eles vasculham completamente o pequeno trailer e meu coração aperta enquanto os observo.

A casa da pequena família, tão perfeitamente intocada antes de chegarmos, agora está destruída.

Os irmãos trabalham duro, arrancando o couro das laterais do trailer, rasgando até as paredes.

— O que diabos eles estão procurando?

— Dinheiro. Drogas. — Jillian dá de ombros. — O dinheiro não vale mais nada, mas isso não os impede de guardá-lo para o caso de todos nós sobrevivermos a isso e o mundo voltar ao normal.

Eu olho para os irmãos.

Foda-se eles.

Eu os observo trabalhar, um ódio crescente crescendo dentro de mim quando um deles se aproxima do pequeno armário embaixo da pia.

Ele a abre e vejo o momento em que seus ombros enrijecem.

— Ei, Bob! Veja isso!

— O que? — Seu irmão responde de algum lugar na parte de trás do trailer.

— A cadela mentiu para nós.

Um arrepio passa por mim porque sei exatamente o que ele acabou de encontrar.

— O que diabos você quer dizer?

— Água, Bob.

— O que? — A confusão que estava acontecendo na parte de trás do trailer para quando Bob se levanta e corre para a frente.

Seus olhos se arregalam e ele joga a cabeça para trás.

— Água! — Ele pega a garrafa de seu irmão, derrubando a coisa em sua cabeça enquanto toma vários grandes goles.

Jim pega a garrafa de volta.

— Não termine, seu idiota! Isso é como um milhão de dólares que você está desperdiçando!

— Vamos lá cara. Eu não bebi tanto.

Jim olha para ele enquanto aperta a rolha da garrafa e se vira na minha direção, seu olhar me encontrando como uma flecha atirando em um alvo.

Uma lasca de consciência desce pela minha espinha e minha perna pulsa.

Eu nem tive a chance de olhar para minha perna desde que eles chegaram. Mesmo sem pensar conscientemente sobre isso, percebo que o mantive escondido debaixo do meu cobertor.

— Você — diz ele, dando um passo à frente até que seus pés tocam o chão.

Ele coloca a garrafa de água na mesa e pendura a arma pela alça nas costas enquanto diminui a distância entre nós.

Quando ele se inclina para encontrar meu olhar, seu braço se estende para segurar meu queixo. Eu viro minha cabeça e ele agarra meu queixo de qualquer maneira, forçando-me a encará-lo, seus dedos cavando em minha pele com tanta força que parece que ele me corta com a aspereza de seu aperto.

— Da próxima vez, diga-nos se encontrar comida ou água. — Ele puxa meu queixo em seu aperto forte, fazendo-o doer ainda mais, mas meu olhar não vacila do dele. Não há nada que eu queira mais do que levantar minha perna e chutá-lo nas bolas agora.

Com esse pensamento, o pedaço do traje de Ga'Var na minha perna pulsa como se concordasse, e eu quase o faço.

— Você me ouviu, vadia? — Jim empurra meu queixo novamente. — A partir de agora, você me diz quando encontrar algo. — Ele olha para mim. — De agora em diante, você é minha.

O pensamento é tão horrível que não consigo me conter antes que as palavras saiam por entre meus dentes cerrados.

— Em seus sonhos mais loucos, filho da puta.

Por um momento, a surpresa ilumina seus olhos antes de sua mão deslizar de repente para baixo, agarrando minha garganta.

Ele me puxa para cima enquanto se levanta, sua outra mão desajeitada com o botão segurando sua calça jeans.

— Talvez eu tenha que te ensinar uma lição, afinal.

Agarro a mão que segura meu pescoço enquanto o chuto. Meu pé se conecta com seu jeans e algo tilinta.

— Ah, sim — diz Jim, enfiando a mão no bolso.

Meus olhos se arregalam de horror quando vejo a coleira.

Estou lutando agora, meus dentes cerrados enquanto tento me libertar quando o bastardo levanta a perna. Com o canto do olho, vejo seu joelho vindo em minha direção, mas não posso fazer nada antes que ele atinja minha barriga.

A dor me faz engasgar, minha coluna se curva enquanto eu puxo meu estômago para dentro para parar a dor.

Eu nem tenho tempo para me recuperar antes de ser repentinamente jogada para trás quando o bastardo me derruba no chão.

— Isso vai te ensinar — ele quase rosna.

A dor ecoa dentro de mim, espalhando-se pelo meu ser enquanto sinto o metal frio da coleira se fechar em volta do meu pescoço.

— Não!

Não sei como luto contra a dor, mas coloco toda a energia que me resta nas pernas, chutando o mais forte que posso para evitar que ele me pegue.

É tarde demais. O colar se encaixa no lugar no momento em que um dos meus chutes atinge a virilha de Jim.

Eu recuo ao sentir a dureza ali, como a marca de uma cobra debaixo do meu pé. A bile sobe na minha garganta enquanto o horror me invade.

O fato de que ele está ficando excitado com isso me deixa com ânsia de vômito.

Uma respiração sibila em sua garganta quando ele me solta, a dor do contato do meu pé fazendo com que ele me solte.

Ele cai para trás, suas mãos cobrindo sua virilha enquanto um gemido de dor sai de seus lábios.

Minha garganta queima com a fricção que estava lá, mas estou de quatro, lutando contra ele de qualquer maneira.

A arma.

Eu tenho que pegar a arma.

Mas com o canto do olho, Bob pula para fora do trailer, sua arma já nas mãos. Só que ele não está apontando para mim.

Está apontado para alguém atrás de mim e só consigo olhar nessa direção por um segundo para ver que são Billy e Deja.

Eles estão congelados no meio do caminho entre vir em minha direção e a arma apontada para o peito deles.

— Não se atrevam a se mover, seus pedaços de merda. Este não é um rifle normal. Isso aqui é uma espingarda. Um puxão deste gatilho e eu vou abrir buracos direto em vocês dois.

Billy e Deja congelam, assim como eu.

— Você também me viu fazer isso — Bob continua, e o horror de suas palavras faz efeito. — Não me faça ter que fazer isso de novo.

Ele olha para o irmão.

— Você está bem, Jim?

Seu irmão ainda está no chão, se contorcendo, mas ele está se sentindo bem o suficiente para lançar um olhar em minha direção.

Com uma das mãos, ele se acomoda na posição vertical, enquanto a outra solta sua pélvis e puxa a longa corrente que agora sai do meu pescoço.

A força me leva adiante.

— Pequena cadela — ele rosna. — Você pagará por isso.

Ele está acima de mim, suas calças se abrindo, e eu vejo seu pau balançar, desenfreado, na minha frente.

Não.

Ainda de quatro, eu me movo para trás, tentando me afastar dele.

Não.

Mas o sorriso desconfiado em seu rosto é algo do qual não consigo escapar.

Ele está focado em mim enquanto dá um passo à frente. Uma mão esticando a corrente, a outra massageando seu pau curvo.

Parece tudo o que eu não quero está perto de mim e engasgo com o pensamento, lutando contra o puxão da corrente enquanto continuo a me mover para trás.

Jim sorri.

— Siiim, vadia, engasga. — Ele se agarra. — Vamos ver você engasgar com isso.

Mas seu sorriso não dura muito.

Em um momento, tudo o que posso ver é seu sorriso horrível e desconfiado.

No próximo, tudo o que posso ver é preto.

Meu coração bate forte.

O tempo para.

Minha escuridão chegou...

Capítulo Vinte e Sete

Ga'Var

Sinto o cheiro dos machos antes mesmo de chegar ao local de Sam.

Eu os cheiro... a floresta exala seu fedor... e um fogo se acende em meu ser.

Sam...está em perigo.

Eu não estava enganado. O macho que eu tinha cheirado. Ele está por perto e não está sozinho.

Estou me movendo por entre as árvores, indo na direção de Sam, quando a ouço gritar.

Sem dúvida, é ela.

Passei os últimos ciclos ouvindo aquela voz. Aprendendo.

Gravando em minha mente.

Sam está gritando de terror, dor... medo .

Eu me esforço ainda mais e os arredores se tornam um borrão.

As árvores se tornam faixas de marrom e verde, e eu me concentro nos aromas, permitindo que eles me guiem até que sejam quase insuportáveis.

Três machos.

Três fêmeas.

E então eu os vejo.

Sam... no chão, mas cercada por sua espécie...

Seu cheiro de medo aumentou tanto que posso prová-lo na minha língua.

A raiva me enche enquanto meu olhar encontra a fonte de seu terror.

O macho na frente dela.

A visão de sua nudez faz o ar se dividir ao meu redor.

Eu não respiro.

Eu não sinto.

O mundo se torna uma névoa ao meu redor.

Eu me movo pelo espaço como se nada me impedisse.

Quase posso sentir as moléculas do ar reagindo à minha presença.

Carregados, eles racham.

Em um minuto, estou cortando as árvores.

No próximo, estou sobre o homem que se atreve a ameaçar minha Sam.

Um rugido sai da minha garganta enquanto eu o levo pelo ar comigo, levado pelo impulso passando por meu ser, meus ossos.

Um grito ecoa atrás de mim. Não tenho certeza se é Sam ou um dos outros quando jogo o corpo do homem no abrigo.

Há um estalo repugnante quando os ossos de sua coluna cedem, mas ainda não terminei com ele.

Eu sei que meu ba'clan está estendido, meus pelos cresceram ao meu redor.

— Que porra é essa?!

O outro macho à minha esquerda levanta algum tipo de arma bruta e atira.

Parece que seixos bateram na minha cabeça e eu me viro ligeiramente para encará-lo.

— Espere sua vez.

Com os olhos ainda nele, estendo a lâmina em meu antebraço e a enterro no crânio de seu camarada.

Ele atravessa enquanto eu o conduzo de volta, perfurando o metal do abrigo atrás dele. Mais uma vez ouço um grito. Isso ecoa quando o macho na minha frente cede, seus olhos desfocados enquanto seu sangue escorre pela minha lâmina.

Tudo acontece em uma fração de segundo, mas o homem à minha esquerda fica pálido, seus dedos tremendo enquanto ele levanta sua arma e atira mais uma vez.

Ele está se afastando enquanto removo minha lâmina do crânio de seu camarada.

O corpo está flácido ao cair no chão. Um baque surdo quando ouço outro grito.

Se é Sam que grita... sinto muito.

Ela já viu minha irritação antes... mas nunca assim.

Mas esses vermes tocaram no que é meu.

Nunca senti uma raiva assim em todas as minhas luas.

Quero fazê-los sofrer por tocar na minha Sam, mas não há tempo.

Os Gryken estão vindo para cá.

Eles vão chegar aqui em breve.

Eu tenho que...

O homem agora na minha frente está se afastando e cai.

Ele está lutando sobre os quadris e cotovelos agora, suas mãos não estão mais segurando sua arma grosseira.

Terror alarga seus olhos em grandes pires brancos quando ele olha para mim.

Pequeno.

insignificante.

Fraco.

E eles ousaram tocar na minha Sam?!

O rosnado que sai da minha garganta quando me aproximo dele só o faz tremer mais.

Eu posso ver meu reflexo em seus olhos.

Veja como eu pareço.

Não humano.

Não como ele.

Eu sou a escuridão... e serei sua morte.

De alguma forma, ele cambaleia e corre.

Eu quase saio atrás dele, mas meu ba'clan puxa para o outro lado, pulsando contra mim.

Sam.

Eles querem que eu encontre minha companheira.

Eu me viro para ela e por um momento esqueço a raiva que está se contorcendo dentro de mim.

O olhar em seu rosto é indescritível.

Choque.

Triunfo.

E... medo.

Medo de mim.

Mas mesmo com o macho recuando, a visão da restrição grosseira em volta do pescoço da minha Sam...

Eu esqueço os outros humanos ao nosso redor. Eu quase posso sentir o gosto de sangue na minha boca.

A vontade de matar...

A raiva faz meu ba'clan subir ainda mais alto e os olhos de Sam se arregalam.

Minhas narinas ardem e o cheiro de outro homem traz meus sentidos de volta.

O cheiro é familiar, aquele que eu senti antes de deixar Sam sozinho.

Meus lábios recuam um pouco mais, meus dentes arreganhados enquanto volto meu olhar para o cheiro.

Um homem magro e acovardado.

Ele treme quando meu olhar pousa nele e eu rujo.

Ele os conduziu até aqui.

Eu me movo em sua direção, minha lâmina estendida enquanto me lanço no ar, com o objetivo de mergulhar minha lâmina profundamente em seu crânio.

— Não! — Um grito...

Sam.

Há apenas um momento de pausa enquanto me movo no ar, uma lasca de confusão abrindo caminho através da raiva que me preenche.

Uma leve faixa de pele rosa envolta na cobertura que Sam usa aparece na minha frente. Mas é tarde demais para parar. Minha lâmina afunda nele, prendendo-o na terra abaixo.

Numa uma fração de segundo em que minha visão clareia... e tudo morre dentro de mim.

Meu mundo racha e se divide conforme a realidade se transforma em um pesadelo que eu nunca imaginei.

Minha lâmina perfura a cobertura de Sam.

Como ela...?

Ela estava atrás de mim.

O horror me enche quando meu ba'clan achata, todas as minhas lâminas desaparecem contra mim, exceto aquela que ainda perfura o tecido.

Porque... isso não pode ser.

Sam não deveria estar no fio da minha espada.

Minha Sam...

Meu órgão vital se contrai enquanto minhas pupilas se dilatam, incrédulas, e não consigo me mexer.

Não.

Sam .

— Porra!

Sua voz chega aos meus ouvidos e minha realidade se divide novamente.

Pelos deuses, eu não...

Eu não a matei.

O tecido sussurra quando ela levanta a cabeça, seu olhar encontrando o meu.

Seu peito arfa quando ela se levanta um pouco mais, e então vejo o homem embaixo dela.

A raiva me enche novamente e meu ba'clan começa a subir mais uma vez.

Um toque suave em meu braço é a coisa singular que sinto.

A mão de Sam.

— Não o machuque. — Sua mão se move para segurar minha bochecha enquanto seu olhar implora ao meu.

Abaixo dela, o jovem está congelado, seus olhos arregalados enquanto ele olha para mim.

Meus lábios se afastam enquanto o observo, e ele se encolhe quando eu rosno para ele.

Sam pulou na frente da minha lâmina, arriscou sua vida, para salvar este macho?

Isso é incompreensível.

Eu não posso envolver minha mente em torno disso.

— Ga'Var , olhe para mim. — Sam me força a olhar para ela, a pressão de sua mão insistente em minha bochecha. — Ele é bom. Ele não é como os outros dois.

Eu rosno para ela, mas ao contrário dos machos covardes, ela não vacila.

Sam me estuda.

— Não o machuque. Por favor.

Eu não consigo pensar direito.

Eu ainda sinto o gosto da necessidade de sangue.

A raiva ainda corre em minhas veias.

— Não o machuque — Sam repete, sua cabeça se movendo abaixo da minha enquanto ela procura meu olhar, me implorando.

Meu ba'clan reage, pulsando ao sentir sua pele e o som de sua voz.

Como posso negá-la?

Mesmo que cada célula em mim queira se livrar dos machos, eu resmungo, meu ba'clan se acomodando enquanto meu olhar cai para o pescoço dela.

A restrição ofensiva faz outra onda de raiva passar por mim, e eu enfio uma garra sob a gola e a rasgo em duas.

Ele cai de sua pele para revelar um hematoma avermelhado que me faz rosnar de novo.

— Tudo bem. — Sam sorri. Ela ainda está com as mãos no meu queixo, forçando-me a me concentrar nela e não no homem abaixo dela.
— Estou bem. Está bem.

Mentiras.

Há um gemido e eu me viro para olhar para trás.

As três fêmeas estão lá, mal se escondendo atrás de uma árvore caída.

— Vocês podem sair — Sam chama, levantando-se.

Sua cobertura rasga sob minha lâmina, que ainda está perfurando.

Eu me levanto com ela, meu olhar indo das fêmeas ainda escondidas atrás da árvore para o macho no chão abaixo de nós.

Ele levanta as mãos no ar, seus olhos arregalados ainda em mim enquanto seu olhar se move para baixo da minha forma.

Mas ele não fala.

Nenhum deles faz.

— Sam. — Eu levo um momento para considerá-la. Há um enorme hematoma em sua bochecha que faz minhas narinas dilatarem, meus pelos se arrepiando novamente, e ela abaixa a cabeça para que eu não possa vê-la.

— Estou bem. — Ela mostra os dentes para mim, franzindo um pouco os olhos e tenho a sensação de que ela está tentando parecer jovial quando não está com vontade. — Apenas uma contusão.

— Não minta para mim. — Eu coloco uma garra sob seu queixo e a forço a me encarar.

A visão do hematoma em sua bochecha quase me deixa em uma espiral.

Sam fala rapidamente, tocando minha mão em seu queixo. — Não dói tanto quanto provavelmente parece. — Ela procura meu olhar, seus olhos passando rapidamente pelos meus. — Acredite em mim — ela diz — você chegou bem na hora.

Não tão breve.

Não consigo segurar o rosnado que escapa dos meus lábios e pelo canto do olho vejo quando o macho aos nossos pés se afasta um pouco.

Mas Sam é insistente.

— Confie em mim, estou bem.

Ela se afasta de mim e tudo que eu quero fazer é puxá-la em meus braços e lambe suas feridas.

— Gente — diz Sam — vocês podem sair. Ele não vai te machucar.

Eu me viro para olhar para o macho.

Eu não fiz tal promessa.

Ele parece entender isso porque para de se mover no momento em que meu olhar perfura o dele.

Uma fêmea levanta a cabeça e nos observa, seu olhar passando rapidamente para o corpo sem vida perto do abrigo e se alargando um pouco mais antes que ela visivelmente engula e se levante em suas pernas trêmulas.

— Jillian — Sam diz, movendo-se para ficar na minha frente como se isso fosse deixar os humanos com menos medo.

A raiva ainda está inundando através de mim.

Eu nem tento me fazer parecer menor.

— Este é o meu amigo. — Sam olha para mim e minhas orelhas se contorcem.

Amigo?

Eu sou mais do que isso.

Ela ainda está olhando para mim, suas bochechas ficando rosadas.

— O soldado? — Jillian pergunta.

Sam abaixa a cabeça algumas vezes.

— O nome dele é Ga'Var. — Ela olha para mim novamente. — E ele está aqui para nos ajudar.

Eles não parecem convencidos, mas estou muito confuso para me importar.

Não há tempo para bajular ou explicar as coisas.

— Devemos sair daqui — eu digo, e todos eles congelam.

Todos, exceto Sam.

Ela se vira para mim, seu olhar procurando o meu mais uma vez.

— Pegue o que você precisa. Temos pouco tempo.

Ela engole em seco, lendo entre minhas palavras em um instante.

Segurando a cobertura que ela envolveu em torno de si mesma, ela se vira para os outros.

— Vamos lá. Temos que pegar a água e o que sobrou da comida e temos que ir embora.

— Por que? — uma mulher pergunta, seus olhos em mim.

Minhas narinas dilatam e ela recua atrás de um dos outros.

Eles não sabem o perigo que se aproxima.

Não faz ideia do horror...

Há um grito que ecoa na floresta, e meus pelos voltam a ficar arrepiados.

Eu sei quem é sem ter que pensar muito.

O macho que fugiu.

Eu posso ouvi-lo voltando.

Ouçã seus passos contra os galhos e folhas caídas.

Outro grito ecoa de sua garganta e eu posso identificar o quão longe ele está.

Uma rajada de ar frio passa pela clareira e até a estrela se esconde atrás de uma nuvem.

Meu ba'clan se arrepia, sentindo o perigo que está vindo em nossa direção antes mesmo que eu possa abrir minha boca.

O Griken.

Eles devem ter ouvido a comoção e agora estão próximos.

Não há mais tempo.

Capítulo Vinte e Oito

Sam

Em um momento, minha cabeça é lançada na direção do grito, no seguinte, estou me movendo.

Ga'Var me aperta contra o peito enquanto me levanta com facilidade e sobe na árvore mais próxima.

Ele se move tão rápido que não sei o que está acontecendo.

— Ga'Var, o que é...

Mas o foco absoluto em seus olhos corta as palavras em sua boca.

Ouço gritos de confusão abaixo de nós e só quando Ga'Var se acomoda no alto dos galhos é que tenho a chance de olhar para baixo.

Agarrada a ele, eu me inclino para poder ver o chão abaixo.

Eles estão todos olhando em nossa direção - Jillian, Billy e as outras duas mulheres - choque e medo em seus rostos.

Se eles não perceberam que Ga'Var não era humano antes, certamente o fazem agora.

Ninguém pode subir em uma árvore ou se mover tão rápido quanto ele.

Ninguém exceto eu...

Meu coração bate forte enquanto tento me concentrar, com muitas perguntas em minha cabeça.

Quando fui atrás de Billy, empurrando-o para fora do caminho da lâmina de Ga'Var... foi apenas um pensamento.

Eu não tinha a intenção de realmente fazer isso.

Não havia como chegar lá rápido o suficiente para salvá-lo... mas... eu consegui.

Ga'Var me agarra e clica baixo, parecendo esquecer que não consigo entender a língua dele.

Ouçó outro grito na floresta abaixo e meu olhar se volta para o chão da floresta enquanto Ga'Var se aproxima de meu ouvido.

— Não faça barulho — diz ele.

Não há aviso antes que seu traje nos cubra como um balão.

Não... um casulo .

Já vi vullanos fazerem isso antes e somente quando...

Meus olhos se arregalam.

O traje é preto, mas, de alguma forma, consigo ver através dele, como se estivesse olhando através de uma leve névoa.

Bob aparece na beira da clareira, terror em seu rosto e Lily grita.

Billy está de pé agora, seu olhar fixo no que quer que esteja atrás de Bob e, por um momento, não quero olhar.

Meu olhar está no homem correndo.

Pela primeira vez desde que conheci os irmãos, vejo terror absoluto em seu rosto.

Mesmo quando Ga'Var matou seu irmão, ele não parecia assim.

Não.

Isso é algo diferente.

E quando outro grito ecoa na clareira, finalmente levanto os olhos.

Ga'Var se enrijece ao meu lado ao mesmo tempo em que o vejo.

Pernas longas e rígidas entram na clareira. A cabeça cinza em forma de balão... os olhos escuros examinando o pequeno grupo.

Minha respiração falha quando a coisa para de se mover de repente e outra aparece atrás dela.

Dois deles.

Dois Gryken .

Meu gemido é abafado apenas pelo caroço que se forma na minha garganta.

As pessoas no chão, Jillian e os outros, seus olhos se arregalam.

Um deles grita... e então... caos.

As coisas avançam tão rápido que é impossível.

Eles não parecem destinados a andar na superfície como estão fazendo agora.

Os membros são muito longos. Muito magro.

Muito alongado.

Como uma aranha monstruosa, a primeira dispara pelo espaço, pegando Bob ainda em fuga como se tivesse acabado de deixá-lo correr o tempo todo.

Como se isso permitisse ao homem conduzi-los até nós.

Ga'Var me puxa para mais perto dele e percebo que ele sabia que eles estavam vindo.

Por isso ele subiu na árvore.

É por isso que ele nos encobriu.

Estamos escondidos, protegidos, mas os outros...

Outro grito perfura o ar, Deja, assim que um dos Gryken se aproxima deles. Ele se eleva sobre eles enquanto eles correm para trás enquanto se distanciam, outro grito ecoa.

Eu me viro bem a tempo de ver isso acontecer.

O Gryken perseguindo Bob...

Isto...

Ele o perfura com uma de suas pernas.

Ele atravessa, como se o corpo do homem fosse apenas um saco de carne. Saindo do outro lado do peito e manchando com o sangue de Bob.

A boca de Bob se abre quando a criatura o levanta no ar, seu peito arfando enquanto ele engasga com seu próprio sangue.

Eu tenho que colocar minha mão na boca para não sair um grito.

O Gryken levanta a cabeça, um milhão de dentes afiados brilhando à luz do sol, antes de se virar em direção a Bob, levando a cabeça do homem à boca.

Há um estalido doentio e minhas entranhas se reviram, a percepção surgindo mesmo enquanto eu assisto com horror.

Conforme o Gryken levanta sua cabeça, o corpo agora sem cabeça de Bob estremece, esguichando sangue.

Algo cai e rola para longe, um rastro de sangue o seguindo, enquanto o Gryken abaixa a cabeça novamente, fechando a boca sobre o pescoço aberto.

O medo está me drenando e atrás de mim, Ga'Var fareja. Ele solta um rosnado abafado e seu traje se contorce ao nosso redor.

Ouçó outro grito, uma série de gritos, e meu olhar se volta para o grupo ainda no chão.

Uma das mulheres se foi, mas Jillian ainda está no chão, lutando em direção ao corpo sem vida de Jim. Ela o alcança e luta para remover a arma que ainda está pendurada nele.

Os gritos continuam enquanto o Gryken menor levanta a mulher restante, um de seus longos membros enrolados em sua cintura.

Ela deve ter ficado atordoada porque de repente ela está lutando, batendo contra o alienígena sem sucesso.

É tudo tão assustador que não parece real.

É como assistir a um filme de terror.

Billy corre em direção a Jillian e consegue remover a arma.

Ele mira.

Atira.

Mas tudo isso só faz com que o Gryken solte um guincho ensurdecedor que para o ar.

Ele se vira para se concentrar em Billy e deixa cair a mulher, seus olhos escuros sem alma.

Isso vai matá-los.

Isso matará todos eles.

Eu me empurro contra Ga'Var, mas ele me mantém imóvel.

O choque está passando.

Isso não é um filme.

Está acontecendo bem na minha frente.

Nós temos que fazer alguma coisa.

Mas como se Ga'Var tivesse lido minha mente, ele me segura com mais força.

— Você não vai arriscar sua vida por esse macho novamente.

Há uma nota de algo lá que não consigo identificar, mas viro meus olhos arregalados para ele.

— Nós temos que fazer alguma coisa. Eles vão morrer se não o fizermos.

A mandíbula de Ga'Var se move e sinto que ele está cerrando os dentes.

Há algo em seus olhos. Arrependimento talvez.

— Ga'Var — eu pressiono. — Temos que fazer alguma coisa.

Como posso viver sabendo que vi todos eles morrerem bem na frente dos meus olhos?

A mandíbula de Ga'Var se contrai novamente e seu olhar cor de vinho perfura o meu.

— Se eu deixar você aqui, você não terá proteção.

Eu engulo.

Ele tem razão.

Sem o traje dele, ficarei ao relento.

Minha assinatura de energia será visível para esses seres sobrenaturais.

— É um risco que estou disposta a correr. — Um estúpido, eu sei.

Posso dizer que ele pensa o mesmo, mesmo quando seu olhar se move sobre as pessoas ainda vivas no chão.

Billy atira novamente, mas a arma não faz nada.

As balas não estão funcionando contra essa coisa.

— Por favor — eu me viro para Ga'Var e vejo que ele está pensando nisso. — Você pode matar os dois?

Sua mandíbula se contrai novamente. — Não — diz ele. — Eu só consigo matar um.

Ele olha para aquele que se aproxima de Billy e seus olhos ficam ardentes.

— Aquele — diz ele. — Se chegar mais perto.

Deixei escapar um suspiro. — Um é melhor do que nenhum. Então talvez possamos derrubar o outro.

Ga'Var não está olhando para mim.

— Só se ainda estiver ocupado. — Ele faz uma pausa. — Bebendo.

A palavra me dá um arrepio e luto contra a vontade de olhar o que a criatura está fazendo com o corpo de Bob.

— E se não for? — Eu sussurro.

Ele olha para mim então.

— Se não for... você não sai desta árvore. — Seu olhar perfura o meu. — Se houver um Gryken ainda de pé e eu estiver vivo, você não se aproxime de mim. Você não chama meu nome. Você se esquece de mim. Você me esquece. E você fica aqui. Suas orelhas se achatam contra sua cabeça.

— Meu companheiro de útero vai te encontrar. Você viverá.

Suas palavras me abalam.

Isso soa como um adeus.

— Não serei mais eu mesmo se isso der errado.

Suas palavras são baixas, mas o significado não é perdido em mim.

Ele está falando sobre a razão exata pela qual seu povo perdeu a guerra.

Se uma dessas criaturas o controlar...

O grito de Jillian rompe a clareira enquanto o Gryken avança em direção a Billy.

Estamos sem tempo.

É agora ou nunca.

Ga'Var me lança um último olhar e, naquele momento, vejo tudo em seus olhos.

A promessa de um futuro e de todos os sentimentos que cresceram dentro de mim desde que embarquei nesta viagem.

Eu quero mudar de ideia. Para segurar sua mão e ficar aqui onde é seguro.

Mas nós dois sabemos que não podemos fazer isso.

Eu vejo isso em seus olhos...

E então... ele se foi.

Pulou da árvore sem o costumeiro traje escuro ao seu redor.

Tudo o que há em seu pulso é uma lâmina singular, apontando para baixo enquanto ele cai no ar.

E ao meu redor... o manto de seu traje permanece.

Ele me deixou coberta... protegida.

O pensamento soa como um sino em minha mente enquanto o vejo cair e quero gritar.

Ele não pode lutar contra eles sem seu traje.

Mas quando Ga'Var cai, sua lâmina se conecta com o Gryken.

Ele perfura o centro de seu crânio e afunda profundamente.

O tempo para.

Ele fez isso.

Triunfo passa por mim como uma onda de choque que é quebrada quando a criatura grita.

É um chamado agudo que alerta o outro, fazendo-o virar, e o corpo pálido de Bob cai no chão.

O segundo Gryken solta um guincho correspondente ao se concentrar no grupo e o terror enche minha alma.

Estou segura... mas não tenho certeza se mais alguém está.

Capítulo Vinte e Nove

Sam

Billy fica pálido quando Ga'Var pousa, a força de sua queda tirando o Gryken do curso enquanto a criatura recua, emitindo outro guincho.

O rugido que sai da garganta de Ga'Var vibra o próprio ar enquanto ele torce sua lâmina, e mesmo sem seu traje, ele é um espetáculo para ser visto.

Ele se agarra à coisa, mesmo quando ela tenta despistá-lo, até que finalmente consegue.

A poeira sobe quando Ga'Var derrapa e o Gryken cai.

Minha respiração falha. Nenhuma célula em mim se move enquanto eu assisto com a respiração suspensa, meus olhos grudados no alienígena de membros longos.

E quando suas pernas se contorcem, quando ele se esforça para se levantar, mas cai mais uma vez, o terror que se instala na base da minha espinha aumenta.

Não está morto.

Não está morto!

Ouve-se um grito, não, um berro, quando Billy avança correndo, a arma apontada para o buraco na cabeça da criatura.

Ele atira uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Direto na ferida.

Ga'Var caiu a alguns metros de distância e meu olhar se volta para ele enquanto ele se levanta, cambaleando, com a mão segurando a cabeça.

Ele olha diretamente para mim e, embora provavelmente não possa me ver sob a cobertura do casulo, posso ver o medo em seus olhos.

Ele cambaleia um pouco mais, seu olhar fixo no meu.

— Fica.

Não sei como ouço suas palavras... por cima dos disparos de Billy... por cima dos gritos de Jillian... por cima do martelar do meu sangue em meus ouvidos.

— Fica.

É a última coisa que ouço antes de Ga'Var enrijecer, seus olhos vermelhos ardentes enquanto seu olhar pousa em outra coisa.

Um Gryken está imóvel no chão, com a cabeça aberta, mas o outro...

O olhar de Ga'Var está no outro.

Ele não avança.

Não grita.

Seu olhar está em seu companheiro morto e o ar para.

Os olhos de Billy se arregalam quando ele a vê e levanta a arma para atirar, mas o gatilho simplesmente clica.

Sem balas.

E Ga'Var.

Não muito longe de Billy, Ga'Var se eleva em toda a sua altura.

Minha espinha enrijece como se alguém tivesse jogado água fria nela.

Há algo diferente nele.

Algo na maneira como ele fica... a maneira como seu corpo se move.

E eu sei...

Eu só sei.

Nosso maior medo... o maior medo dele se concretizou.

Ga'Var não é mais o Ga'Var que conheço.

Mesmo enquanto estou rezando, esperando que não seja verdade, é como se um interruptor clicasse e Ga'Var parecesse o alienígena que é.

Não o homem com quem passei todo esse tempo.

Não é o homem por quem estou me apaixonando.

O pensamento me perfura ao mesmo tempo em que a lâmina sobe em seu braço.

Ele não está focado no Gryken.

Seus olhos estão em Billy e Jillian. E quando eles o avistam... é como se eu pudesse sentir o cheiro do medo deles.

Eles estão prestes a morrer.

Eles sabem disso.

Eu sei isso.

Já posso ver o chão manchado de vermelho.

Ga'Var se endireita, um rosnado deixando seus lábios enquanto ele tenta lutar contra o controle do Gryken e eu percebo que ainda resta um pouco dele lá dentro.

Meu pulso soa como um tambor de guerra em meus ouvidos.

Nunca me senti tão impotente.

O Gryken avança lentamente, passando por cima de Jillian, os olhos arregalados enquanto ela olha para seu ventre.

Tudo o que ela vê a faz tremer ainda mais.

Minha cabeça se volta para Ga'Var. Há pressão em seu rosto, em todo o seu ser, enquanto ele luta contra o ataque mental.

A besta fará com que ele os mate e então... fará com que ele se mate.

Estou certa disso.

Positivo.

Meus dentes doem quando mordo com força.

Não posso deixar isso acontecer.

O pensamento de perdê-lo envia um choque através de mim e eu sinto o casulo e minha perna pulsar.

Eu não posso perdê-lo.

Ele é a única coisa boa que saiu de tudo isso.

Ele está tão parado, mesmo com seus músculos tensos, que me faz estremecer ao pensar que está criatura pode ter tanto controle sobre outra.

Billy se arrasta para trás quando a coisa se aproxima, finalmente jogando a arma no chão enquanto corre em direção a Jillian. Mas o Gryken não para de se mover até que esteja diretamente abaixo de mim e bem na frente de Ga'Var.

Ele levanta uma perna, seus olhos escuros perfurando Ga'Var enquanto a perna se conecta com a pele nua de Ga'Var.

Sem seu traje, ele está nu e quando um fluido escuro sobe de onde a perna do Gryken toca sua pele, meu coração para.

A perna perfura Ga'Var com intenção lenta, bem sobre seu coração, e meu coração troveja em meu peito.

Eu estava errada.

Eu estava errada!

Não o fará matar os outros.

Não.

Ele não precisa de Ga'Var para fazer esse trabalho.

Em vez disso... está matando-o primeiro.

Dolorosamente.

Devagar.

O horror disso, a absoluta insensibilidade dessa espécie, me deixa furiosa.

Isso não pode acontecer.

Não posso... não posso perdê-lo !

Meu coração aperta quando seu sangue derrama e minha raiva queima como uma chama ardente.

Não!

Eu me recuso a deixá-lo cair assim.

Como se o pensamento cimentasse algo dentro de mim, sinto uma pulsação em todo o meu ser.

Pronto.

É um pensamento que se forma na minha cabeça, embora eu não saiba de onde vem.

Há outra pulsação em todo o meu ser, e eu levanto minha mão na frente do meu rosto.

Preto.

Estou coberto de preto.

Traje de Ga'Var.

Ele pulsa novamente como se estivesse me dizendo para fazer algo e uma lâmina se forma na minha mão.

Eu não sei como faço isso.

Ela simplesmente... está lá.

Enquanto Ga'Var engasga, seu corpo curvado enquanto o membro do Gryken o perfura mais profundamente, eu sei o que tenho que fazer.

Meu olhar perfura a cabeça da criatura enquanto olho para ela, o ódio preenchendo meu olhar.

Tchau, vadia.

Com os dentes cerrados, salto da árvore, a lâmina em meu braço estendida para baixo da mesma forma que Ga'Var atacou a primeira fera.

Estou caindo rápido, sem tempo para reconsiderar.

Não que algo pudesse mudar minha mente agora.

Eu tenho que fazer isso.

Eu tenho que tentar.

Mas na fração de segundo antes de eu fazer contato, o Gryken olha para cima.

Meu olhar encontra o seu próprio, e há uma fração de segundo de dúvida.

Os olhos escuros e sem alma me atravessam e eu o encaro de volta, mesmo quando ele inclina a cabeça, mostrando suas fileiras de dentes afiados para mim.

Não há tempo para parar agora.

Se é assim que eu morro, pelo menos foi tentando fazer algo de bom.

A dor ricocheteia através de mim quando faço contato e estou vagamente consciente de meu corpo colidindo com o horrível alienígena.

Dentes afiados estão ao meu redor e não consigo ver minha mão com a lâmina.

Não tenho ideia se fiz contato, se machuquei de alguma forma.

Tudo o que sinto é dor.

Mas eu acolho isso.

Dor significa que ainda estou viva.

E não vou desistir até meu último suspiro.

Capítulo Trinta

Ga'Var

É como uma névoa escura se dissipando... minha mente se tornando presente novamente.

A dor na minha cabeça diminui quando minha visão clareia.

Sam.

Sam está na minha frente... desabou em cima de um Gryken imóvel.

Uma figura toda vestida de preto.

Vestindo ba'clan, mas não vullan.

Não sei como sei que é ela. Eu só faço.

Eu corro para ela com um sobressalto.

— Sam!

O que ela está fazendo aqui?

Ela deveria estar na árvore. Segura.

Longe deste perigo.

Quando me aproximo dela, não ouço os gritos assustados dos outros humanos ao nosso redor.

Eu não olho para eles quando eles se aproximam.

Tudo o que posso ver é a minha Sam.

Sua mão está alojada profundamente dentro da boca do Gryken, tão profundamente que os dentes da besta atingiram seus ombros.

— Sam!

Um gemido sai de seus lábios quando eu a seguro, usando uma mão para tirar seu braço de dentro do corpo da criatura.

A lâmina que o perfurou, matando-o, desaparece de seu ponto de saída no topo da cabeça do Gryken.

Ela conseguiu perfurá-lo completamente.

— Sam — eu gemo o nome dela, não acreditando no que estou vendo.

Sem acreditar que conseguimos sobreviver a isso.

— Ga'Var?

Ela cai de costas e o ba'clan desliza sobre seus olhos enquanto ela olha para mim.

— Você é meu Ga'Var?

Suas palavras fazem algo apertar dentro de mim.

Quero ser tudo para ela, mas sei o que ela está pedindo.

— Sim — eu digo enquanto a puxo em meus braços. — Eu não estou mais... sob o controle do mal. — Eu a seguro com mais força.

Foi um pesadelo sentir a névoa nublar minha mente, sabendo que havia deixado Sam apenas com meu ba'clan acima.

— Sinto muito. Eu tentei lutar contra isso.

— Eu sei.

Ela relaxa contra mim e seu corpo balança, a umidade vazando de seus olhos para escorrer pelos sulcos do meu peito.

Os outros humanos se aproximam, hesitantes.

Posso sentir seus olhos em mim, movendo-se sobre meu corpo, as diferenças entre eles e eu agora estão ainda mais claras, mas não tenho nenhum ba'clan para me cobrir.

Sam precisa dos meus e vou deixá-la ficar com eles.

Não sei se os outros humanos sabem, mas Sam acabou de fazer algo milagroso.

Ela salvou a todos nós.

— Ela está bem? — uma das humanas pergunta e eu noto que elas se aproximaram, mas ainda estão longe o suficiente do Gryken morto para que se sintam seguras.

— Não — eu respondo.

Sam não está bem.

Ela se machucou na queda. Isso eu posso dizer, e eu movo minha mão sobre o ba'clan que a cobre para determinar exatamente onde ela está ferida.

Minhas orelhas estremecem enquanto movo minhas mãos, tentando me comunicar com meu ba'clan.

Nenhuma resposta.

Eu tento por alguns segundos sem sucesso.

É quase como se eles tivessem esquecido minha marca biológica neles.

A pequena parte deles que ainda está comigo pulsa, também sem conseguir se conectar.

Meu olhar se move sobre Sam.

Ela ainda está com a cabeça apoiada no meu peito, os ombros ainda tremendo de emoção. Não quero alarmá-la mais do que ela já está.

Mas isso é...

Impossível.

Meu ba'clan não pode juntar com outro ser.

Eles são meus. Desde o meu nascimento até a minha morte.

Eles não podem...

Eu olho para a árvore em que escondi Sam e todo o meu ser faz uma pausa.

Lá, no galho em que a deixei encapsulada, está o casulo vazio.

Meu ba'clãn.

Eu os chamo de volta para mim e eles obedecem, movendo-se pelo ar direto para mim até cobrirem cada centímetro do meu ser.

Estou olhando para Sam agora, pois ela ainda está coberta.

Seu ba'clan de repente pulsa contra o meu e a realidade surge.

Ela não está usando meu ba'clan...

Ela está usando o dela.

Sam

Ga'Var fica imóvel de repente e eu levanto minha cabeça para poder olhar para ele.

Meu corpo inteiro pulsa com o traje que está ao meu redor e, quando meu olhar encontra o de Ga'Var, fico surpresa ao ver que ele também está usando o traje completo.

Eu pisco para ele por alguns momentos.

Eu não tinha ideia de que seu traje poderia cobrir nós dois completamente.

Então por que ele não fez isso desde o início?

Uma ruga começa na minha testa enquanto eu pondero isso.

— ... merda, eu não tenho ideia de qual direção ela correu. — A voz de Jillian corta meus pensamentos, e eu me viro para olhar em sua direção.

— Quem?

Uma bola se forma na minha garganta quando meu olhar pousa sobre eles.

Billy parece ter se despenteado como um leão, a camiseta de Jillian está rasgada no meio, e sua filha - ou irmã, percebo que não perguntei - está com os braços em volta de si mesma enquanto ela treme como uma folha, seu olhar fixo o Gryken morto no chão perto de nós.

Mas a outra mulher...

— Deixa fugiu quando essas coisas vieram sobre nós. — O olhar preocupado de Jillian percorre a floresta. Está tão quieto lá fora que é quase ameaçador. — Ela não pode ficar lá fora sozinha. Se outro clã a encontrar...

Jillian envolve os braços em volta de si mesma e anda um pouco. — É um mundo perigoso com coisas... estranhas.

Seu olhar desliza para Ga'Var e depois de volta para mim antes de se mover para a outra mulher, puxando-a em seus braços.

Billy está encarando o Gryken morto quando meu olhar se move para ele, e ele usa a ponta do tênis para cutucá-lo.

— Foda-se ... — ele murmura. — Que diabos são essas coisas?

— Nosso inimigo — Ga'Var finalmente fala, levantando-se com os braços ainda em volta de mim. — Devemos deixar este lugar agora. Não é seguro aqui.

Todos os outros olham para ele.

— Você quer dizer que há mais dessas coisas por aqui? — Os olhos de Jillian se arregalam quando seu cérebro alcança o que ela acabou de perguntar.

— Não — Ga'Var diz. — Mas eles sabem que estou aqui. — Seu olhar cai para mim com significado. — Eles sabem que estamos aqui.

Não eu e ele.

Os Vullanos.

Os Gryken sabem que os Vullanos estão na Terra.

Uma lasca de ansiedade passa por mim.

A guerra que estamos planejando... não estamos prontos para um ataque total.

Temos planos a fazer.

Caramba, nós, humanos, ainda não sabemos muito sobre o inimigo contra o qual estamos lutando.

Não estamos prontos.

Mas se os Gryken agora sabem que os vullanos estão aqui... temo que não tenhamos escolha.

— Precisamos nos mover — Ga'Var repete, mas sem que os outros digam isso, posso sentir sua hesitação.

— Ir aonde? — Billy fala, enquanto dá um passo para trás, para longe de mim e de Ga'Var.

Luto contra Ga'Var e, felizmente, ele percebe que quero ficar de pé.

Eu cambaleio um pouco quando ele me coloca no chão e o traje preso à minha pele pulsa como se fosse me apoiar.

— Lembra daquele lugar seguro que te falei antes? É a nossa melhor aposta para vencer essas coisas.

Eles olham um para o outro, antes de olhar para mim.

Eu posso sentir a confiança deles em mim diminuindo, apesar da briga que aconteceu há poucos minutos.

Eu tento afastar a frustração que cresce dentro de mim.

Eles têm o direito de ter medo... desconfiar...

Eu também estaria.

Estou parado na frente deles vestido da cabeça aos pés com um traje preto que me faz parecer o alienígena de guarda atrás de mim.

Mesmo ao pensar nele, o traje pulsa, e sinto a presença calorosa de Ga'Var em minhas costas.

Eu não quero nada mais do que me virar para ele, envolver meus braços em volta de seu pescoço e plantar meus lábios nos dele.

Mas a alegria pelo fato de ainda estarmos vivos terá que esperar. Preciso convencer essas pessoas a virem para casa comigo.

Casa.

Não sei quando comecei a pensar na base assim.

— Essas coisas — eu continuo, usando minha bota para chutar o Gryken morto aos meus pés.

O corpo balança um pouco e faz um som nauseante quando o fluido vaza dele, fazendo meu estômago revirar.

— Essas coisas são o que impulsionam essas máquinas enormes.

Os olhos de Billy se arregalam quando ele olha de mim para Jillian.

— O que?

— As máquinas não são uma super IA enviada aqui para nos destruir. Eles são controlados por esses... alienígenas chamados de Gryken.

Jillian está me estudando e me pergunto se ela está tentando descobrir se estou dizendo a verdade ou não.

— Eu sabia... — Billy murmura. — Eu sabia que alguém estava dirigindo essas coisas. — Ele empalidece um pouco. — Só nunca esperei que fosse... aqueles .

— E você sabe de tudo isso por causa... — O olhar de Jillian se move rapidamente atrás de mim e eu sei que ela está olhando diretamente para Ga'Var. — ... dele .

Eu concordo. — Sim.

Estendo a mão para trás e seguro a mão de Ga'Var, puxando-o para mais perto de mim.

Sua respiração falha um pouco e eu sei que ele ainda está com dor.

Há uma ferida em seu peito do tamanho de um punho e todo o meu lado direito está doendo.

Estamos todos machucados.

— Eu estava em uma daquelas máquinas... — A memória envia outro raio de ansiedade através de mim. — Ele e seus irmãos nos resgataram.

Há um conhecimento nos olhos de Jillian agora enquanto ela nos olha.

— Há mais deles... — ela sussurra, mas noto que ela não está me fazendo uma pergunta.

Eles ficam tão silenciosos, apenas olhando para nós, que eu desejo que eles falem.

Quando Jillian finalmente abre a boca, são palavras que eu não esperava.

— Eu sabia que era estranho... você sobreviver aqui sozinha — ela diz e faz uma pausa novamente. — Você fala de um lugar seguro... e Deus sabe, eu quero acreditar em você. Não só para mim, mas para minha filha, para Lily também. Ela olha para a outra mulher que ainda está tremendo, seus olhos ainda fixos no Gryken morto. — Mas... — Jillian faz uma pausa novamente, seus olhos perfurando os meus. — Não sei se posso confiar em você quando seu amigo também é obviamente...

Ela faz uma pausa e desvia o olhar, passando as mãos pelos cabelos.

— Obviamente o quê? — Ga'Var pergunta. Há um leve aviso em seu tom de voz e sinto seu traje se eriçar contra mim.

— Obviamente não é deste mundo. — Jillian encontra seu olhar, seus olhos cinzas desprovidos de medo. — Isso tudo é muito mais complicado do que pensávamos.

Ela olha para mim antes de voltar seu olhar para Ga'Var novamente.

— Quem é você? E por que você veio aqui?

Capítulo Trinta e Um

Sam

Ga'Var se mexe, parando na minha frente.

Ele se eleva sobre mim, sobre nós, e eu tenho que inclinar minha cabeça para olhar para ele.

Uma leve brisa passa por nós, mas nada nele se move, exceto o traje escorregando lentamente de sua cabeça.

Billy olha com admiração, seu olhar observando o traje descer até o pescoço de Ga'Var, com os olhos arregalados.

— Eu sou Ga'Var da linhagem Vel'kin. Segundo no comando do último lustre de Edooria.

Jillian olha para mim, seus olhos um pouco arregalados, a única coisa que me diz que ela está mais do que chocada.

— Então você realmente é um alienígena.

— Vullan — Ga'Var diz. — Eu sou Vullano.

— Venham — digo a eles. — Vamos conversar em outro lugar. — Eu olho para o tronco não muito longe. — Vamos conversar por lá.

Eles me olham, mas começam a se mover, olhando um para o outro e depois para mim e Ga'Var enquanto se movem.

Ninguém se senta, mas quando Jillian começa a falar novamente, volto minha atenção para Ga'Var.

Sua ferida...

Eu não consigo ver.

E a dor em todo o meu corpo está entorpecida, como se o traje estivesse enrolado em uma bandagem apertada ao meu redor.

— Então, o que você está fazendo aqui? — A atenção de Jillian está totalmente em Ga'Var. — Você veio aqui para nos invadir também?

Ga'Var se irrita como se a acusação fosse um insulto.

— Vullanos não invadem. Não tínhamos motivos para vir ao seu mundo até que o Gryken aparecesse em nossos céus. Ele faz uma pausa, olhando para o Gryken morto.

A luz do sol varre o cadáver, mas mesmo no pouco tempo que estamos aqui, a coisa já está murchando.

— Quando eles vieram — continua ele — lutamos.

Ele se concentra novamente em Jillian e seu olhar fica fixo enquanto ela espera que ele continue.

— Muitos foram perdidos. Muitos vullanos mortos. Muitos machos... muitas fêmeas... muitos jovens.

A voz de Ga'Var fica tão baixa que suas palavras são quase ininteligíveis.

Pela primeira vez, vejo o efeito da guerra sobre ele.

Nós, humanos, não somos os únicos a sofrer por causa desse flagelo.

Ga'Var perdeu seu mundo assim como eu estou perdendo o meu.

— Naves elegantes? — Jillian pergunta.

— Naves — Ga'Var diz.

Jillian pisca.

— Mas você disse que era o segundo no comando da última nave. A última nave?

Ga'Var não responde, e os olhos de Jillian se arregalam enquanto ela cobre a boca com uma das mãos.

— Oh meu Deus...

— Eles destruíram seu planeta... — Billy sussurra, com os olhos arregalados também. — E eles vieram aqui para destruir o nosso.

Posso sentir o pânico crescente deles e dou um passo à frente para ficar ao lado de Ga'Var.

— Ga'Var e seus irmãos vieram para cá em sua última nave em funcionamento. Eles poderiam ter ficado para trás em seu planeta. Reconstruir o que puderem. Mas eles vieram aqui em vez disso. Seguiram seu inimigo através do cosmos apenas para que pudessem impedir que a mesma coisa que aconteceu com eles acontecesse conosco.

Eles piscam para mim, seus olhos ainda arregalados enquanto olham para Ga'Var.

Billy se vira e passa a mão pelo cabelo enquanto seus ombros tremem com a liberação de uma respiração reprimida.

— Se eles não conseguiram salvar o planeta deles, o que faz você pensar que eles podem salvar o nosso? — Pela primeira vez, Lily fala. Ela está olhando na minha direção, dor e raiva em seus olhos.

Abro a boca para responder, mas Ga'Var chega antes de mim.

— Porque agora sabemos como matá-los.

Lily o encara por alguns momentos antes de seu olhar cair de volta para o corpo murcho do morto Gryken.

Por um momento, ninguém fala e então...

— Você... — Lily funga e usa as costas da mão para enxugar o rosto. — Você honestamente acha que temos uma chance de vencer essas coisas?

Quando ela levanta o olhar novamente, a raiva se foi, tudo o que resta é a dor.

Eu me vejo em seus olhos, toda a morte, toda a mágoa de tudo que experimentei desde o primeiro dia em que os Grykens chegaram.

Fico ao lado de Ga'Var, seguro sua mão e encontro seu olhar.

— Não — eu respondo. — eu não acho que não temos chance. — Há uma respiração coletiva antes de eu continuar e Ga'Var estremecer ao meu lado. Posso sentir quando ele vira a cabeça para olhar para mim e posso imaginar a expressão de dor em seus olhos.

Ele acha que eu não acredito nele.

— Eu não acho que temos chance — repito. — Eu sei que temos sim.

Eu sinto quando ele relaxa, como uma onda passando por ele que é transferida para mim. Uma espécie de abraço caloroso sem ser puxado para seus braços.

— Desde o primeiro dia que eles chegaram, eles trabalharam sem parar para desenvolver armas que podemos usar para lutar. É tudo difícil de explicar. Eles têm trabalhado duro e estão quase prontos.

Eu encontro cada um de seus olhares.

— A questão agora é: vocês querem fazer parte da luta ou querem que deixemos vocês aqui? — Eles piscam para mim antes de olharem um para o outro. — Não posso prometer que nenhum de nós sobreviverá a isso, mas prefiro morrer tentando matar essas coisas do que ser pego em uma de suas máquinas novamente.

Jillian se endireita, um pequeno sorriso brincando no canto de seus lábios.

— Eu sabia que havia algo sobre você desde que aquele idiota te chutou daquele trailer.

— Chutou? — Ga'Var rosna.

Eu tenho que esconder o calor que borbulha dentro de mim com seu tom.

— Estou pronta para lutar. Custe o que custar — diz Jillian.

— Mãe — Lily sussurra, com os olhos arregalados. — Você não vê aquela coisa? — Seus olhos arregalados apontam para Gryken morto e eu sei que ela verá sua imagem em seus sonhos por muitas, muitas noites.

— Eu vivi uma vida plena. — Jillian mantém seu olhar em mim. — Não tenho medo de ir para a luta.

— Ficando aqui fora, provavelmente vou morrer. Indo com você, provavelmente vou morrer. Caramba, tanto faz, estou dentro. Billy se vira para nós, com a sombra de um sorriso no rosto e uma admiração crescente em seus olhos enquanto olha para Ga'Var.

Ga'Var rosna e o sorriso de Billy vacila.

— Todos vocês falam da morte como se não fosse nada. Meus irmãos e eu não teremos a morte de mulheres em nossas mãos. Isso é desonra. — Ele olha para mim, olhos penetrantes nos meus. — Você não lutará. — Ele olha para Jillian e Lily. — Nenhum de vocês vai.

Seu olhar perfura o meu novamente.

— Hoje foi uma anomalia.

Ai eu vou lutar. Isso é apenas algo que temos que discutir mais tarde.

— Hum, então — Billy fica inquieto — e quanto à morte de machos?

Ga'Var rosna novamente e os olhos de Billy se arregalam um pouco.

— Nós protegemos as mulheres — é tudo o que ele diz.

Billy aponta armas e um sorriso tenso.

— Peguei vocês. Anotado.

Solto um suspiro enquanto estudo os três. Lily está finalmente de pé, seus ombros enrijecendo enquanto ela agora olha para o Gryken morto.

— Estou dentro — diz ela e eu sorrio.

— Agora — Jillian se intromete — onde é esse lugar seguro de que você nos falou?

— Ah, em casa. — Eu sorrio.

— Lar?

— Sim — Ga'Var acrescenta. — Nós chamamos isso de...

— Base Zero — dizemos juntos, e aperto sua mão com mais força.

Capítulo Trinta e Dois

Ga'Var

Sam se move em direção aos três humanos enquanto eu me aproximo do Gryken morto, inspecionando-o.

Sua lâmina foi até o fim. Direto pelo orifício de alimentação e bem no centro do sistema nervoso da criatura.

Pode ter sido pura sorte, mas no fundo sei que foi mais do que isso.

Ela tinha seu ba'clan...

Meu olhar desliza para ela, vestida do pescoço aos pés em seus próprios simbiontes.

Seu cabelo encaracolado balança ao vento enquanto ela conta aos outros mais sobre a Base Zero.

Eu me pergunto se ela já percebeu.

Que o — traje — não é um fato...

Que eu não tenho controle sobre o ba'clan que agora se uniu a ela...

Que eles são dela, sua própria colônia, e que eles são companheiros do meu ba'clan... que ela é minha companheira.

Como ela instruiu o ba'clan a fazer uma lâmina para matar o Gryken em primeiro lugar...

Até isso é extraordinário.

Mas agora, tudo está fazendo sentido.

O fato de eu não poder chamá-los de volta para mim quando eles estavam fundidos à perna dela.

A maneira como ela se moveu tão rapidamente de um lugar para outro enquanto tentava salvar o jovem macho humano...

A mudança havia começado há muito tempo.

Eu deveria sentir... alegria... felicidade...

Em vez disso, há uma ansiedade crescente dentro de mim.

Sam não me escolheu.

Embora eu compartilhe de seu calor, ela não me vê como um companheiro.

O que ela fará quando perceber que estamos presos juntos agora?

Apenas alguns dias atrás, ela estava franzindo a testa e mostrando a língua para mim.

A lembrança da coisinha rosa quase me faz gemer.

— Ga'Var?

Minha cabeça se levanta para encontrá-la de pé acima de mim.

Há um pequeno sorriso em seus lábios e eu quero pensar que é por minha causa.

— Você matou isso. — Eu procuro seu olhar e seus ombros sobem e descem.

— Para ser sincera, não sei como. — Suas sobrancelhas franzem daquela maneira elástica estranha que eles fazem. — Um momento eu vi aquela coisa tentando matar você e fiquei louco. Não me lembro muito, só que...

Não consigo respirar. Então eu não faço.

— O que?

— Só isso... — Ela encontra meu olhar. — Eu não poderia perder você.

Finalmente, meus pulmões funcionam novamente. Ela não queria me perder.

Eu quero perguntar a ela se ela se preocupa comigo, mas os outros humanos estão perto de nós. É algo que tenho que deixar para outra hora.

A vermelhidão nas bochechas de Sam me diz que a decisão é certa, e meu ba'clan pulsa com calor por ela.

— Temos que encontrar Deja — diz ela.

— Sim, não podemos deixá-la — acrescenta Jillian

Eu estudo o grupo.

Posso encontrar o humano deles. Caça-la. Mas de jeito nenhum vou deixar Sam sozinha novamente.

Coisas ruins acontecem quando eu faço.

— Teremos que voltar para a base primeiro. Enviar um grupo para encontrá-la. Eu me levanto enquanto digo isso, notando os olhares surpresos enquanto me levanto.

— O que? Não, não podemos ir embora... — Jillian para de falar.
— Não podemos ir procurá-la agora?

Eu olho para a floresta.

— Podemos. Mas não sabemos o que podemos encontrar.

E não estou no meu melhor estado de desempenho.

Deixo essa parte sem dizer, mas sei que Sam entende, porque seu rosto se fecha, sua boca formando uma linha fina quando ela se vira para encarar a outra mulher.

— Não é sábio. Se deixarmos Ga'Var nos sair para encontrá-la, estaremos vulneráveis. Outro Scrit poderia aparecer e sem sua orientação, tenho certeza que seríamos pegos. Pior, outro grupo de Gryken poderia vir pela floresta. Estamos fracos, cansados e feridos.

— Devemos voltar para a base primeiro, conseguir uma equipe de resgate e voltar para cá.

A garganta de Jillian se move um pouco antes de ela concordar.

— Acho que você está certa.

Sam também acena com a cabeça.

— Vamos, eu tenho uma bandeja por aqui em algum lugar.

Devemos pegar as coisas e sair. Já atrasamos demais.

O grupo caminha atrás de mim enquanto eu mostro o caminho, Sam atrás de mim.

De vez em quando, sua palma se apoia em mim enquanto ando, e isso faz meus lábios tremerem de prazer.

Gosto dos toques dela...

As fêmeas humanas anseiam por contato, muito mais do que as fêmeas Vullanas.

É uma diferença que eu gosto.

No entanto, não posso evitar que a ansiedade cresça dentro de mim.

Estamos voltando para a base e me pergunto se tudo voltará ao normal.

Será que Sam vai voltar a dormir no túnel com as outras fêmeas, nos evitando... me evitando... ou ela vai se juntar a mim em meus aposentos na nave?

Ela vai esquecer o intenso acasalamento que compartilhamos?

Um gemido ressoa na minha garganta com a memória.

Merda que não.

Mas não posso forçá-la a ser minha.

Os deuses condenam tais acasalamentos.

Sam terá que me querer... tanto quanto eu comecei a desejá-la.

A respiração de alguém falha, puxando-me da minha reflexão e eu olho para trás.

Isso é outra coisa sobre os humanos.

Eles são tão barulhentos mesmo sem querer... barulhentos mesmo.

Faço uma pausa e todo o grupo para ao mesmo tempo em que o carrinho para ao meu lado.

Meu olhar pousa na mulher com olhos como de Jillian.

O nome dela é Lilly.

Seus olhos se arregalam com o passar dos segundos, sua mão voando para engessar sua boca enquanto ela balança a cabeça.

Os outros levantam seus olhares para ver o que chamou a atenção dela e eu quase sinto o ar mudar quando seus cheiros de medo aumentam.

Eu não viro.

Eu já sei o que eles estão vendo.

Mas não há como escapar disso.

Sam engole em seco e vejo o reflexo do Scrit em seus olhos.

Ainda está parado lá.

Seus pilotos estão mortos. Não há para onde ir.

Sam encontra meus olhos e sacode o queixo quase imperceptivelmente antes de firmar o olhar e se virar para o grupo.

— Está bem. Não há nada com que se preocupar. Nós apenas temos que passar por isso.

Não tenho certeza se eles a ouvem. Seus olhos estão fixos nas partes metálicas brilhantes da máquina que captam a luz por entre as árvores.

— Está vazio — Sam continua, então olha para mim só para ter certeza.

Ela se vira para seus companheiros humanos, mas não antes de eu perceber uma lasca de medo que atravessa seus olhos.

Ainda assim, ela está sendo corajosa, confiando em mim... por eles .

— Não há ninguém dentro. — Eu digo isso com toda a certeza que posso.

Se um Gryken estivesse lá dentro, meu ba'clan não estaria tão calmo.

Eles estão no limite, eriçados com a visão do próprio Scrit, mas meus pelos não estão subindo.

Sam revira os ombros de uma maneira estranha, como se seu próprio ba'clan estivesse eriçado, e ela franze a testa um pouco com a sensação.

Preciso falar com ela sobre isso... logo.

— Vamos. — Jillian agarra a mão de Lilly. — Eu confio em vocês.

Sam acena com a cabeça e sorri para mim.

Mais uma vez, sua confiança em mim aquece algo profundo. Algo que só ela tocou.

Eu me viro e continuo andando e, embora não olhe para trás novamente, estou ciente de cada membro do nosso grupo.

Como Lilly tem que puxar as pernas como se estivessem rígidas e cada fibra de seu ser está dizendo para ela voltar. Como Billy olha para trás a cada poucos metros, como se esperasse que o Gryken ressuscitasse dos mortos e aparecesse atrás de nós a qualquer momento. E como o coração de Jillian está acelerado, apesar da bravata que ela exhibe.

Os humanos são criaturas estranhas e curiosas, mas o mais curioso de todos é a minha Sam.

Sua aura é calma.

Enquanto ela anda atrás de mim, qualquer medo que eu peguei lentamente se dissipa dela.

Ela apoia a mão nas minhas costas para se firmar, e sinto seu ba'clan cumprimentar o meu.

Eles pulsam um contra o outro e eu sinto o calor de Sam.

É acolhedor.

Há segurança em seus passos.

Confiança...

E quando entramos na clareira, abaixo da enorme máquina, só então essa confiança se esvai.

— Oh meu Deus — Sam sussurra.

Não é nada como eu já vi antes.

Veias vermelhas se espalham das pernas do Scrit para fora, formando uma rede sobre o solo, estrangulando as plantas abaixo.

— O que... o que é isso? — alguém pergunta.

Eu o encaro, tentando entender.

— Não tenho certeza.

Isso é algo diferente. É por isso que o Scrit parou.

O que quer que esteja acontecendo aqui. Esta é a razão.

Dou um passo à frente e uma mão agarra meu braço.

Sam caminha comigo, então para.

— Eu não acho que você deveria chegar muito perto.

Sua preocupação comigo faz crescer um calor em minha barriga que tenho que ignorar.

Tenho que me concentrar... mas nada ao meu redor causa alarme, mesmo que o que estou vendo diante de mim seja um fenômeno estranho.

Dando mais um passo à frente, eu me agacho na frente de uma das veias.

Um pulso fraco passa por ele enquanto eu olho.

Sangue vital.

Enquanto fico de pé, meu olhar subindo pelo Scrit, sigo a rede de veias subindo por suas pernas.

Isso não estava aqui antes.

Essas veias são uma ocorrência recente.

— O que é? — Sam sussurra.

— Sangue vital.

— O que? — alguém pergunta. — Ele disse sangue?

— Oh meu Deus — diz outra pessoa.

Sam congela, e eu dou mais alguns passos antes de perceber que todos os humanos apenas... pararam.

Eles ficam na beira da clareira, olhando para cima como se estivessem paralisados.

O peito de Sam arfa e, por um momento, perco o contato com ela.

Aquele cordão invisível que está entre nós... se rompe.

Seus olhos ficam vidrados quando ela olha para cima, e posso ver os terrores brincando por trás de seu olhar.

Horrores de antes.

De antes de eu chegar.

Sam...

Estou ao lado dela em um instante, seu rosto entre minhas mãos enquanto procuro seu olhar.

— Eu estou aqui. — Minha voz sai muito mais profunda do que eu pretendia, engasgando com a emoção que estou nadando profundamente. — Volte para mim — eu sussurro. — Eu estou aqui.

Sam estremece e pisca.

— Você está segura agora.

Seus ombros sobem e descem em rápida sucessão enquanto seu olhar finalmente se concentra no meu.

— Ga'Var... — Seus olhos ficam úmidos.

Não suporto vê-la assim. Congelada de medo por causa daquele verme. Esse flagelo.

— Podemos voltar. Encontrar outro caminho.

Ela já está balançando a cabeça.

— Não. — Ela engole. — Não. Temos que ir por aqui. É o caminho de volta mais rápido. Se nos desviarmos, podemos nos perder, ou coisa pior.

Ela engole em seco novamente e endireita os ombros.

Inclinando a cabeça em minhas mãos, ela enxuga a água dos olhos.

— Estou bem.

Até eu sei que é mentira.

— Estou bem. Vamos.

Minhas narinas dilatam um pouco e quando não me mexo, ela inclina a cabeça para cima para sorrir para mim.

Sua boca se move, mas seus olhos ainda estão apavorados e tristes.

— Realmente — seu sorriso se alarga — eu estou. — E então ela se vira para os outros. — Pessoal, vamos.

Eles acenam com a cabeça e olham um para o outro, mas está claro para mim que não foi o medo de Sam que os fez parar na beira da clareira também.

Era deles.

Sam escapa do meu alcance e começa a caminhar em direção ao Scrit.

Seus passos são cautelosos, cuidadosos, enquanto ela avança pela rede de veias.

Conforme ela se afasta, percebo como ela é incrivelmente pequena.

Tendo como pano de fundo o inimigo, ela é tão... vulnerável.

Algo cresce dentro de mim enquanto os outros humanos passam por mim e seguem o caminho de Sam.

Eu nunca posso deixá-la sozinha.

E... eu não quero perdê-la.

Sam é minha e quando voltarmos ao acampamento, tenho que deixá-la saber de uma coisa.

Onde quer que ela vá, eu a seguirei.

Eu nunca vou deixá-la ir.

Capítulo Trinta e Três

Sam

Caminhamos sob a máquina imponente, os cabelos da minha nuca arrepiados, o traje escuro que me cobre eriçado contra a minha pele como se pudesse sentir o perigo ao nosso redor.

Eu tento não olhar para ele... mas não olhar é difícil quando o inimigo é tão monstruoso.

Uma perna plantada na terra é como uma enorme torre de celular e, quando passo por ela, outra onda de terror me percorre.

Essas veias são grossas. Um tom de vermelho tão profundo que é quase preto.

Sangue, disse Ga'Var.

Engulo em seco quando passo por cima deles, minha mente girando em círculos, tentando entender por que eles estão aqui.

E pensar que uma vez, eu estava preso em uma dessas coisas... esperando.

Esperando pelo dia em que me puxaria ainda mais para dentro de si e implantaria seus filhotes em meu ventre.

Naqueles dias, eu não sabia o que eram os Gryken.

Eu aceitei meu destino.

A morte estava chegando. Estava bem na porta. E eu estava pronto para isso.

Isso foi... até Ga'Var.

Olho para ele, tentando não deixar o medo por trás dos meus olhos, e me assusto quando seus olhos cor de vinho encontram os meus.

Ele está me observando o tempo todo, andando silenciosamente atrás de todos nós, mas com seu olhar em mim e apenas em mim.

Eu posso ver seu traje eriçado da mesma forma que o meu quando ele se aproxima da estrutura enorme e imóvel, mas ele não presta atenção à sensação.

Seus olhos estão apenas em mim, e percebo neste momento que estamos liderando uma revolução.

Eu estou na frente, ele atrás do grupo agora, e entre nós estão as pessoas que temos que salvar.

Meus ombros se ajustam enquanto eu caminho.

Eu mantenho meu olhar para frente, não olhando para cima, não olhando para o lado, apenas para frente.

Em direção a Base.

Não sei quando passamos a coisa completamente, só que quando a floresta nos envolve novamente, meus ombros caem de alívio.

Eu posso ouvir minhas companheiras humanas soltarem suas respirações também.

Eu não era a única morrendo de medo.

— Espere — Ga'Var diz, e nós paramos.

Ele passa por Billy e vem em minha direção.

— Vou na frente.

Concordo com a cabeça, grata porque não tenho ideia de onde diabos estamos indo.

Ga'Var parece saber, no entanto. Mesmo que este não seja seu planeta, ele parece saber exatamente onde está.

— Por aqui — diz ele, confirmando minha suposição, e vira ligeiramente para a esquerda.

Caminhamos em silêncio, passando por cima de arbustos e árvores caídas, concentrando-nos em nos manter de pé e não tropeçar enquanto Ga'Var atravessa o terreno como se não houvesse obstáculos no caminho.

Ele não está olhando para mim agora, completamente focado no que está ao nosso redor, mas mesmo enquanto olho para suas costas, sei que ele está ciente da minha presença.

E, a certa altura, quando a mão dele se estende atrás de si, antes de eu quase tropeçar, um espanto semelhante ao do Billy atravessa-me.

— Eu posso carregar você — diz ele, e minhas bochechas esquentam.

Já posso dizer que Jillian sabe que algo está acontecendo entre nós.

Vejo seus olhares dissimulados sempre que olho para trás. Não preciso de mais fofocas antes mesmo de saber o que diabos está acontecendo entre nós.

Então eu balanço minha cabeça.

— Tudo bem. — Eu olho ao nosso redor. — Alguma ideia de quão longe estamos agora?

Estamos caminhando há pelo menos três horas, mas meu senso de tempo e distância está distorcido.

— Não longe.

Assim que ele diz isso, o traje de Ga'Var desliza sobre sua cabeça e o mesmo acontece com o meu.

A sensação é surpreendente, especialmente porque eu não esperava.

Um dos outros respira fundo e Ga'Var fica tenso, levantando a mão no que só pode ser um sinal para que se calem. Os arbustos à nossa frente sussurram e, por um momento, o terror toma conta de todos nós.

A última coisa que queremos ver é um Gryken, mas...

Ga'Var relaxa, abaixando lentamente a mão enquanto os arbustos se abrem e uma figura elegante em passos totalmente pretos sai da cobertura da folhagem.

Feminino, sem dúvida pela forma, e vestindo o mesmo traje que nós.

Alívio e alegria que eu nunca esperava explodiram em mim enquanto eu corria para frente.

— Adira!

Seu traje escorrega de seu rosto enquanto seus olhos se enchem de lágrimas e ela corre em minha direção.

— Oh meu Deus, Sam! — Ela me agarra e eu a abraço com a mesma força.

Os arbustos farfalham novamente e Fer'ro aparece, seus olhos de fogo nos perfurando.

Billy murmura algo parecido com — oh merda — e dá um passo para trás, mas estou muito envolvida com as emoções repentinamente transbordantes para olhar em sua direção.

— Você está segura! — Adira me afasta o suficiente para olhar para mim e enquanto seu olhar se move sobre mim, sobre o traje que estou vestindo, outro olhar passa por seu rosto enquanto seus olhos se arregalam.

— Eu disse a você... Ga'Var pode ser um pouco egocêntrico, mas ele nunca deixaria a fêmea morrer.

Ga'Var rosna, mas não alto o suficiente, porque ouço o sussurro de Adira.

— Você acasalou.

Suas palavras me fazem piscar mil vezes enquanto o calor em minhas bochechas aumenta.

Eu sei que os Vullanos têm super sentidos, mas Adira não é Vullana.

É verdade que ela está agindo de maneira diferente desde que começou a usar o traje e a fazer sexo com Fer'ro, mas...

Merda...

Minha mente dispara enquanto me pergunto se há algum tipo de sinal em mim que deixe os outros saberem que fiz sexo com um vullano.

Meu olhar se volta para Ga'Var, e fica claro que ele ouviu o que Adira disse, mesmo que fosse apenas um sussurro.

Ele está olhando para ela de forma estranha, um olhar que eu nunca vi em seus olhos antes.

Desconforto... ansiedade... medo .

— E você encontrou... humanos. — Os olhos de Adira se arregalam um pouco mais. — Como você...?

Olho para os outros. Eles parecem tão surpresos quanto ela quando seus olhares percorrem o Vullan e vice-versa.

Os arbustos farfalham novamente e percebo que há mais pessoas atrás das folhas.

O chamado Fi'rox enfia a cabeça nas folhas e não sei como o reconheço com o traje cobrindo o rosto.

— Podemos fazer as saudações em outro momento? Esse Scrit está me deixando louco. Mesmo enquanto ele fala, seu traje se eriça.

— Fi'rox está certo — Ga'Var diz, aquele olhar estranho ainda em seus olhos. — A base não está longe daqui agora.

Adira acena para os outros, observando-os e oferecendo-lhes um sorriso tranquilizador antes de pegar minha mão.

— Os caras estão certos. Não é seguro aqui fora. Vamos seguir em frente.

Ela aperta minha mão com mais força, e não tenho escolha a não ser caminhar ao lado dela enquanto nos movemos pelos arbustos.

— Oh meu Deus — ela sussurra novamente, seus olhos brilhando de admiração enquanto seu olhar desce para mim.

Há uma excitação crescendo dentro dela, claro pelo jeito que ela me agarra e aperta minha mão. Tenho a sensação de que ela quer gritar.

Acho que ela está feliz, não, surpresa, por ter encontrado outros humanos — livres e vivos.

Deus sabe que eu estava.

Mas enquanto caminhamos um pouco à frente dos outros, o olhar de Adira dispara atrás de nós como se estivesse verificando a distância entre nós.

Quando olho para trás, o olhar de Ga'Var está cravado no dela, aquele olhar estranho ainda em seus olhos, mas se Adira percebe, ela não reage.

— Eu não posso acreditar que aconteceu de novo tão cedo — ela sussurra, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

— O que? Encontrando mais humanos?

Suas sobrancelhas franzem um pouco e ela balança a cabeça, um sorriso brincando em seus lábios.

— Não boba. — Ela abaixa ainda mais a voz. — Um vínculo de alma.

Suas palavras não fazem sentido para mim. No entanto, mesmo enquanto ela as diz, o traje que me cobre pulsa.

Adira sorri, como se também sentisse o pulso.

— Você não tem que esconder isso de mim. Deus sabe que estou feliz que alguém finalmente encontrou um companheiro. Seu olhar dispara atrás de nós. — Não vou mentir, tem sido meio solitário manter esse segredo.

A entrada da caverna surge à nossa frente.

Parece rocha pura e ouço os outros murmurarem atrás de nós.

— Existe algum tipo de bunker por perto? — Jillian pergunta.

— Não — eu olho de volta para ela — a base está bem à frente.

Suas sobrancelhas franzem enquanto ela olha para a montanha de rocha diante de nós e vejo a incerteza passar por suas feições.

Ela e Lily param enquanto observam Fi'rox subir a pequena inclinação e atravessar o que parece ser rocha pura. Só então a incerteza é substituída em seu rosto.

Seus olhos se arregalam e Billy exclama um — Que porra é essa?

— É uma barreira. Não se preocupe — eu digo, me virando e seguindo os outros. — Pense nisso como uma miragem.

— Você quer dizer como o covil da caverna do Homem Morcego? — Os olhos de Billy estão arregalados. — Isso é tão legal...

Lily revira os olhos para ele e eu não posso deixar de soltar uma risada pelo nariz enquanto nos movemos em direção à entrada.

O outro Vullan e Adira caminham à nossa frente e meu olhar se fixa nela.

Suas palavras se repetem em minha cabeça como o eco de um gongo.

Estou feliz que alguém finalmente encontrou um companheiro.

Ao entrarmos pela barreira, nossa chegada atrai gritos de alegria e felicidade que ecoam pelas câmaras.

Mas não consigo me concentrar em nada disso.

Tudo o que consigo encarar é Adira, e quando ela olha para mim, seu sorriso vacila um pouco.

Seus olhos se arregalam lentamente quando algo surge em sua mente.

Ela dá um passo em minha direção, sua boca se abrindo um pouco.

— Do que você está falando, Adira? Eu sussurro, mas não preciso. Os gritos ao nosso redor tornam impossível para qualquer outra pessoa me ouvir.

— Eu... — ela diz, seu olhar procurando na multidão até pousar em algo ou alguém. Sua mão voa sobre sua boca, seus olhos se arregalando um pouco mais. — Você não sabe... não é?

— Não sabe o quê? — Eu me viro para ver o que ou para onde ela está olhando e meus olhos pousam em Ga'Var.

Mesmo nas saudações que acontecem ao nosso redor, ele está tão parado quanto eu, seus olhos em mim, um medo que eu nunca vi antes naquelas profundezas.

— Ga'Var? Eu sussurro.

Ele está na minha frente em um instante, tão rápido que interrompe a alegria ao nosso redor e, no fundo da minha mente, percebo que todos estão olhando lentamente em nossa direção.

— Sinto muito, minha Sam.

Desculpar pelo quê?!

Capítulo Trinta e Quatro

Ga'Var

Há um rosnado atrás de mim. Um que eu conheço bem.

Meu companheiro de útero. Fer'ro.

— Você a levou à força?! — Suas palavras ecoam pelos túneis ao mesmo tempo em que os olhos de Adira ficam maiores.

Ela abre a boca para dizer algo, mas a figura de San'ten de repente se aproxima.

Seus pelos estão arrepiados, suas presas arreganhadas e os rosnados que ouço ao meu redor também me deixam arrepiados.

Todos os vullanos por perto estão entrando em modo de ataque, prontos para me despedaçar pela transgressão que acreditam que cometi.

— Ga'Var. — Sam toca meu braço e meu pulso ba'clan, precisando dela mais perto. — O que está errado? O que está acontecendo? Do que eles estão falando?

— Ele nem mesmo explicou para a fêmea o que ele fez — San'ten rosna, seus olhos escuros ficando ainda mais escuros, como poços onde as estrelas vão para morrer.

Preciso levar Sam embora. Eu preciso falar com ela.

Eu preciso fazê-la entender antes que eles possam intervir.

Ouçó um rosnado atrás de mim, mas já estou me movendo, levantando Sam do chão como se ela não pesasse nada e indo em direção a nave.

— Pare ele! — San'ten grita, mas outra voz responde.

— Não! Espere! — Adee'ra. A fêmea que tomou o órgão vital do meu companheiro de útero ao seu alcance.

Aquela que colocou sua vida em risco por todos os vullanos aqui. Todos nós a respeitamos. Ela tem autoridade.

E essa autoridade está clara agora.

— Ele fez o impensável — diz San'ten, mas sua voz perdeu o poder na presença do comando de Adee'ra.

— Deixa eles irem. — Estou quase na nave quando olho para trás e encontro todos eles olhando em minha direção. — Você pode espancá-lo mais tarde se ele tentar qualquer negócio engraçado — diz ela. — Mas eu não acho que ele vai.

Os olhos de Sam são uma mistura de confusão e medo quando entro em meus aposentos.

Está escuro como breu aqui, do jeito que eu gosto, e tenho que ajustar os controles para que ela possa ver.

— Ga'Var? Ela chama meu nome quando a coloco no chão e me agacho a seus pés. — O que você está fazendo?

Eu inclino minha cabeça, minha testa tocando o chão na demonstração final de subserviência ao que está diante de nós.

— O que está acontecendo?

Eu não levanto meu olhar. Eu não me movo. E quando sinto uma mão na minha bochecha, inclinando minha cabeça para cima, percebo que ela se sentou no chão ao meu lado.

Emoções que eu nunca soube que tinha bem dentro da minha garganta.

— Tem algo que não te contei. — Eu procuro seu olhar, esperando a raiva se formar, o desdém... a rejeição... mas eu não disse nada ainda.

Toda a minha vida, desejei um companheiro.

Agora eu tenho uma e não consigo nem encará-la.

Que tipo de companheiro eu sou?

Talvez eu não estivesse pronto.

E o jeito que ela está olhando para mim... como se eu fosse uma estrela em seu estranho céu azul...

Não sou bom o suficiente para Sam.

— Adee'ra disse algo sobre... acasalar... ser companheiros? — Ela procura meu olhar.

— O que isso significa?

Engulo seco e meu ba'clan estremece um pouco, como se eles também estivessem se preparando para a possível rejeição.

Eu sei que se Sam não quiser continuar comigo... se ela não me quiser por mais do que uma noite que compartilhamos... eu não poderei continuar...

— O ba'clan... — eu começo.

— Você quer dizer o traje?

Eu balanço minha cabeça. — Não é um traje.

Sam pisca para mim e olha para si mesma.

— É mais do que isso.

Ela pisca novamente. — Como uma merda de super tecnologia alienígena de IA... — Ela ri, e a expressão no meu rosto faz com que seu sorriso desapareça. — Certo?

— Não.

Quase posso sentir seu coração batendo forte enquanto sua ansiedade aumenta e seu ba'clan pulsa contra ela.

Eu posso senti-los como se eles também estivessem conectados a mim.

Eles estavam conectados a mim. A colônia dela é derivada da minha.

— Está se movendo contra mim — ela sussurra. — Pulsando. Ela pisca algumas vezes.

— Já foi feito isso antes... mas não assim.

— Eles estão reagindo à batida do seu coração. Tentando te acalmar.

— Eles?

— Sim. — Eu respiro fundo. Eu poderia muito bem contar tudo a ela. Atrasar a dor não fará com que doa menos. — Eles não são um traje. Eles não são inteligência artificial. Eles estão vivos. Como você e eu. Eles vivem. Eles respiram. Eles se alimentam. Eles morrem.

Sam faz a coisa mais curiosa. Em vez de seus olhos se arregalarem em choque como costumam fazer, a única coisa que ela faz é levantar uma sobrancelha singular.

Estou olhando para ele quando Sam de repente ri.

O som me tira da minha reflexão.

— Você quer dizer como um parasita?

Eu vejo quando seu ba'clan se arrepia, movendo-se sobre sua pele como uma onda. — Ah, eles não gostaram disso. — Ela pisca e, finalmente, seus olhos se arregalam. — Espere, eles são sencientes? Eles podem me ouvir? Me compreender?

Eu empurro meu queixo da maneira que vejo que ela costuma fazer para indicar a afirmativa.

— Eles são a razão pela qual podemos falar sua língua. Eles o codificaram através de Fer'ro primeiro e o compartilharam com todos os nossos ba'clan.

Sam se levanta lentamente, virando as mãos enquanto olha para o ba'clan.

— Então essa coisa... essas coisas... elas podem se comunicar umas com as outras?

Eu empurro meu queixo novamente, olhando para ela, esperando pela rejeição.

— Eles sempre podem.

— E eu posso me comunicar com eles?

Abro a boca para responder, mas não o faço.

Eu não sei onde ela quer chegar com isso e sua voz desenvolveu um tom que eu nunca ouvi antes.

Meu próprio ba'clan se eriçou, preso no meio de querer ir até ela e querer me proteger ao mesmo tempo.

Se Sam decidir apontar sua lâmina para mim, terei que permitir que ela ataque.

— Sim... — eu digo, hesitando na palavra.

— Como?

Desta vez, minhas orelhas estremecem. Eu nunca... pensei em como me comunico com eles. Eu só faço.

— O que quer que você pense... eles farão. Eles estão conectados a você agora. Eles são seus. — Para sempre ... quero acrescentar. Assim como eu sou seu agora para sempre . Mas não tenho certeza se ela está pronta para ouvir essas palavras ainda.

Sam estica a mão dela e estende os dedos.

Ela agita o ar como se estivesse brincando com um fio invisível e eu observo com admiração enquanto as cordas de seu ba'clan avançam como uma teia.

Ela faz uma pausa, ambas as sobrancelhas se erguendo antes de continuar lentamente a mover os dedos.

Eu a observo em silêncio.

Ela não está criando uma lâmina.

Ela está criando...

As pétalas se formam lentamente enquanto qualquer imagem que ela tem em mente toma forma na palma da mão e quando os fios param de se mover, ela se vira para mim.

Uma flor.

Ela fez uma flor.

Sam engasga com uma risada enquanto olha para ele.

— Isso é incrível — ela sussurra e eu empurro meu queixo em direção ao meu peito.

Acho que ela não entendeu o que eu estou tentando dizer.

Acho que ela também não entendeu o que Adira estava dizendo.

Ela ainda não os juntou. Mas, pela minha vida, não suporto continuar.

Não quando ela está olhando para sua criação com tanta admiração.

Ela dá alguns passos para longe, indo inadvertidamente em direção à estação de limpeza e, quando passa por cima do círculo brilhante no chão, a estação é ativada.

— Oh! — Ela olha para baixo, finalmente desviando o olhar das pétalas escuras em sua palma.

— Estação de limpeza — eu digo. — Acho que você deveria tomar um banho, agora que está em casa.

Sam murmura algo que soa como um sim, mas então suas sobrancelhas franzem enquanto ela olha para si mesma.

Sem minha intervenção, o ba'clan deslizou sobre seu corpo, revelando sua tentadora pele rosada.

Meu sazi lateja imediatamente.

Agora não é a hora.

Sam acomoda o ba'clan ao longo de sua espinha, da mesma forma que Adee'ra faz, e começa a permitir que a estação de limpeza faça seu trabalho.

Eu fico olhando para ela, incapaz de me mover quando ela olha para mim.

— Você não tomará banho também?

Meu sazi lateja novamente.

Eu não quero mais nada.

Mas a cada momento que eu a toco sem que ela perceba o quão profundo esse vínculo entre nós está crescendo, mais eu preparo as coisas para o fracasso.

Não posso chegar perto dela de novo, especialmente quando sua pele está totalmente à mostra, seu cheiro me chamando, até que ela saiba de tudo.

— Sam... o ba'clan... significa...

— Que somos companheiros agora?

Suas palavras enviam alarme através de mim e parece que cada cume do meu corpo endurece em resposta.

— Quanto mais penso nisso, mais faz sentido. — Ela encontra meu olhar. — Mesmo sem o traje estranho se agarrando a mim desde

que machuquei minha perna... — Seu ba'clan deve ter se eriçado porque ela estremeceu um pouco e riu. — Tudo bem, não é um traje. Mas desde que se fixou na minha perna e depois, está pulsando em mim. E sempre que você está perto, eu sinto...

Ela desvia o olhar, franzindo um pouco as sobrancelhas quando a luz da estação de limpeza se move sobre ela.

— Eu quero você — ela finalmente diz. — Mesmo se o ba'clan não me empurrasse para você, eu ainda quereria você. Eu queria você antes que eles comessem a pulsar insistentemente na minha perna. Suas bochechas ficam rosadas enquanto seu olhar desliza para baixo de mim. — Eu queria você lá fora. — Ela morde o lábio. — E eu quero você agora.

Capítulo Trinta e Cinco

Sam

O rosnado de Ga'Var é tão alto que juro que sacode o ar ao nosso redor.

Em um momento ele está parado rigidamente, olhando para mim como se eu fosse lhe contar a pior notícia de sua vida, e no próximo, ele está bem na minha frente.

Seu ba'clan desaparece sob sua pele quando ele se junta a mim na estação de limpeza e seus lábios encontram os meus.

Com um gemido meu, minhas entranhas vibram quando sua língua mergulha em minha boca.

Porra.

Meu núcleo já está pulsando, e Ga'Var geme quando seus dedos me encontram ali.

— Ga'Var — eu ofego.

Sua paixão é como um fogo ardente que eu quero me consumir e minhas mãos encontram seu caminho em seu cabelo, embalando sua cabeça enquanto sua língua empurra em minha boca, quente e úmida e grossa, esfregando contra a minha.

— Ga'Var — eu ofego novamente.

Ele me puxa para seu colo enquanto se ajoelha e eu sinto quando ele se projeta de repente, seu comprimento grosso varrendo minhas dobras.

Porra.

Eu aperto.

Parece que esperei a vida inteira por isso.

Nunca desejei tanto alguém.

Ga'Var interrompe o beijo, ofegando perto do meu ouvido. — Eu gosto dessa coisa de comer boca.

Eu rio.

— Beijo, Ga'Var. Chama-se beijar.

— Beijar a boca — diz ele. — E eu quero beijar lá embaixo também.

Eu coro, mas meu clitóris lateja.

— Isso se chama comer.

Suas orelhas se contorcem e eu quase rio.

Ga'Var sorri, torcendo a boca que o torna o homem mais bonito que já vi.

Ele inclina a cabeça em direção ao meu peito e eu tenho que agarrá-lo com força para forçar sua cabeça para trás.

Há mágoa em seus olhos quando ele encontra meu olhar novamente, mas há algo que preciso saber antes de continuarmos.

— Essa coisa de acasalamento... — eu digo. — Não é... é monogâmico, certo? Você não vai acasalar com outras mulheres na base.

Ga'Var se irrita tanto que seu ba'clan ameaça subir à superfície de sua pele.

Suas narinas dilatam enquanto seus olhos perfuram os meus.

— No momento em que você se tornou minha, todas as outras mulheres se assemelham a uma rocha para mim. Você é meu tudo.

Isso é extremo. Quero dizer, se outra garota for sexy, até eu vou olhar, mas sorrio mesmo assim.

Gosto da ideia de ter esse pedaço de alienígena só para mim.

— Você está me mostrando os dentes de alegria — diz ele. — Isso significa que posso te comer agora?

— EU...

Não tenho chance de responder. De repente, estou de costas, meus quadris sendo erguidos até que minhas pernas estejam em volta do pescoço de Ga'Var.

Ele rosna e inala profundamente no momento em que seu nariz entra em contato com o tapete de cachos entre minhas coxas.

Estou de cabeça para baixo e talvez seja o sangue subindo à minha cabeça, mas aquele primeiro golpe de sua língua... parece que eu transcendo.

Ga'Var passa a língua por mim.

O órgão grosso e úmido desliza direto pelo centro dos meus lábios, correndo pelo meu clitóris e voltando a fazê-lo novamente enquanto Ga'Var geme.

— Tão doce — diz ele enquanto passa a língua por mim novamente.

Todo o meu ser estremece e tudo que posso fazer é alcançar seus joelhos, agarrando-os com as duas mãos enquanto sua língua dá outro mergulho.

Ele vibra, uma vibração que passa por ele, e eu sinto na ponta do meu clitóris pouco antes de ele me perfurar com a língua.

O grito que sai da minha garganta o faz parar um pouco.

— Sam?

— Não pare.

Um estrondo passa por ele quando ele me perfura mais uma vez, empurrando sua língua profundamente, esticando meu canal.

Meus quadris saltam e eu não posso evitar. Eu esfrego contra seus lábios.

Porra, eu nunca fiz isso com nenhum cara antes.

Sempre com muito medo do meu gosto... do meu cheiro... muito medo do que o cara pode pensar... muito medo de sufocá-lo...

Mas Ga'Var...

Ga'Var me puxa ainda mais apertado contra ele, gemendo enquanto ele lambe meus sucos, sua língua dentro de mim, empurrando persistentemente enquanto seu nariz pontiagudo esfrega contra meu botão sensível.

Estou no pico muito cedo.

Foda-me, eu quero que isso dure mais tempo. Mas quando Ga'Var rosna de novo, clicando em algo em sua língua bem na minha boceta, eu...

O grito ecoa contra as paredes enquanto um orgasmo me atravessa. Eu me debato contra ele, gritando um pouco mais e cuspendo palavras da minha boca, implorando para ele parar.

Eu quero, mas não aguento mais.

Ga'Var puxa sua língua lentamente de mim, parando para lamber os lábios, e meus olhos ficam vidrados com outro tremor secundário.

Estou ofegante quando a porta de repente desaparece da parede para revelar um bando de Vullanos no modo de ataque, todas as lâminas subindo.

Fer'ro fica na frente com San'ten e Fi'rox atrás dele.

Adira está lá também, de costas para nós enquanto ela pressiona as duas mãos contra o peito de seu companheiro imóvel.

Ela vira para olhar para dentro assim que a porta desaparece e seus olhos se arregalam, suas bochechas em chamas.

— Vê! Eu te disse. Algumas de nós são apenas mais barulhentas do que outras. Não há nada de errado aqui! Eles estão apenas se divertindo.

A realidade do que está acontecendo me atinge tarde demais e só tenho sorte de Ga'Var se mover antes de mim, virando-me para trás enquanto seu ba'clan sobe à superfície, estendendo suas lâminas.

O olhar de Fer'ro se desvia, assim como os outros, exceto San'ten.

Seus olhos escuros parecem me encontrar mesmo de onde estou me escondendo atrás de Ga'Var.

É a coisa mais difícil, tentar parecer composta quando o clitóris ainda está latejando, a boceta ainda apertando por algo que não está mais lá.

— Fêmea — Fer'ro fala. — Meu companheiro de útero coagiu você? Ele fez?

— Não! — Eu falo alto e rápido, porque meu ba'clan está se contorcendo agora, cheio de raiva.

Só quando meu olhar se concentra em Ga'Var é que percebo uma coisa.

A raiva não é minha.

É dele.

— Ga'Var não me forçou. É tudo um grande mal-entendido. Eu quero isso. Eu quero ele.

San'ten não parece convencido. Aqueles olhos escuros perfuram minha alma, lendo meu passado, presente e futuro.

— Ele poderia ter dito a ela para dizer isso.

— Oh, rekking. — Ga'Var começa a subir e só para quando eu o seguro e o puxo de volta para baixo.

Afinal, estou nua.

O olhar de Adira é desviado enquanto ela empurra seu companheiro mais uma vez.

— Não se preocupe com San'ten, Ga'Var. Ele só está com ciúmes.

San'ten rosna e lança um olhar mordaz para ela, mas quando ele olha para trás em minha direção, ele não consegue mais encontrar meu olhar.

— Nos deixe. — As palavras de Ga'Var soam como Hades falando no portão do inferno e os outros vacilam.

A porta se materializa de volta no lugar, mas mesmo sem eles, ele não se acalma.

Eu coloco meus braços em volta de seu pescoço, sem medo, plantando meus seios em suas costas enquanto passo os dedos de uma mão sobre sua garganta.

— Está tudo bem — eu sussurro. — Eles se foram agora. E eu não vou com eles.

Ga'Var relaxa um pouco, mas não tanto quanto antes.

Lentamente, eu me movo para encará-lo.

Ainda há assassinato em seus olhos, mas isso desaparece um pouco quando seu olhar pousa em mim.

Talvez eu ainda esteja em um orgasmo alto ou algo assim, mas sigo em frente com uma bravura que nunca tive no quarto antes, uma mão segurando aquela placa levantada entre suas coxas.

Eu posso sentir algo sacudir atrás dele que envia calor para o meu núcleo.

Ga'Var enrijece, suas narinas dilatadas. Mas seus olhos são suaves quando ele olha para mim, suas orelhas espiando em sua cabeça como um gatinho curioso.

Eu sei exatamente o que fazer para fazê-lo se sentir melhor.

Capítulo Trinta e Seis

Sam

Esfrego a palma da mão na protuberância de Ga'Var.

Tem calor aí. Um calor convidativo que seu pau lateja por baixo.

Tão perto, com minha mão descansando sobre ele, meus dedos roçam sua pele.

Há uma dobra, como uma linha grossa que deveria se abrir, e passo o dedo indicador por ela.

Ga'Var não se mexe.

Ele está se segurando tão rigidamente, como vidro, como se fosse quebrar.

Minha confiança diminui um pouco.

Estou fazendo isso certo?

Mas quando passo o dedo de novo e ele respira fundo, a placa inteira lateja e um arrepio percorre meu corpo.

— Deixe-me ver — eu convenço e a mandíbula de Ga'Var se move como se ele estivesse cerrando os dentes.

Mas ele não faz o que eu peço. Em vez disso, ele se afasta um pouco da minha mão, quebrando o contato entre nós.

A decepção me preenche. Talvez eu tenha lido isso errado.

— Oh, você não quer que a gente faça isso?

Ga'Var grunhe, um sorriso quase triste se formando em seus lábios.

— Mais do que tudo — diz ele. — Mas estou muito perto de perder o controle. Não quero te machucar, minha flor.

Eu mordo meu lábio inferior, estudando-o.

Ele está mortalmente sério.

Toda emoção é apagada de seu rosto.

— Ga'Var. — Eu me aproximo dele e um tamborilar começa em seu peito. É um estrondo baixo, como um ronronar profundo e eu o deixo me envolver, fazendo cócegas nos pelos da minha pele. — Já fizemos isso antes. Eu admito, você é grande... mas não vou quebrar.

Oh meu Deus, eu estou realmente implorando por um pau. Mas, apesar de ter acabado de ter um orgasmo, há uma necessidade ardente dentro de mim novamente.

— Eu quero que você me foda.

Ga'Var se move tão rápido que não vejo.

Ele é apenas um borrão de carvão quando de repente está acima de mim, inclinando-se tanto que eu caio no chão, apoiada nos cotovelos.

— Você sabe o que você está me pedindo? Humana?

Engulo em seco enquanto olho para ele.

Ele sempre foi tão gentil comigo; esse lado dele me deixa sem palavras.

— Eu quero te pegar aqui mesmo, no chão. Abrir as pernas e deliciar-me com seu suu'ci mais uma vez. Eu quero provar você enquanto você se contorce e grita na minha língua, e então quando eu terminar, eu quero girar você, segurar aqueles doces montes macios em seu peito enquanto eu monto você, enchendo você de mim... — Ele se inclina tão perto, seus lábios roçam os meus. — ... te enchendo com minha semente.

Foda-me.

Merda.

Eu gostaria que ele fizesse.

Meus lábios se abrem e minha respiração roça a dele.

Ele está ofegante enquanto olha para mim, lutando para manter o controle.

Suas pupilas se contraem tanto que tudo que vejo é vinho enquanto ele olha para mim. E enquanto seus lábios se afastam, suas presas à mostra, eu molho meus lábios.

Talvez eu seja má.

Mas eu quero isso.

Tão má.

Sem dar ouvidos a seus avisos, eu me abaixo entre nós e o seguro.

Isso é tudo que preciso.

Eu sinto quando ele extrude, seu pau longo e grosso forçando-se em minha mão, seu calor e umidade molhando meus dedos.

— Foda-me — eu respiro.

— Saaaaaa'aaaaaaam. — Seu gemido é a única coisa que ouço antes de Ga'Var me virar de repente. Eu nem consigo me deleitar com a sensação dele na minha mão.

Meu corpo se move em seus braços como se eu fosse uma boneca e estou de quatro, minhas pernas sendo forçadas a se separarem.

Surpresa dispara através de mim que ele vai me levar assim - ele me avisou - e o medo me deixa um pouco em pânico enquanto me preparo.

Mas, em vez da cabeça grossa de seu pênis violando minha entrada, sinto sua língua quente e úmida.

Um gemido sai do meu peito e quando Ga'Var se inclina para frente para pegar meus seios em suas mãos, meus olhos reviram.

Ele me lambe de uma forma que ninguém fez antes. Não como se ele estivesse apenas tentando me dar prazer... Não... ele está me comendo sem realmente me consumir.

Minhas pálpebras tremulam quando seus lábios, sua língua, se movem sobre mim.

Meu clitóris lateja e ele o leva à boca, chupando-o um pouco antes de se mover para baixo e me perfurar novamente com a língua.

— Meus mamilos — eu ofego, e ele geme contra a minha boceta.

De alguma forma, consigo me apoiar em uma das mãos, embora minhas pernas estejam fracas, e movo seus dedos sobre meus mamilos.

Ele pega a ideia imediatamente, pegando os dois mamilos entre dois dedos e esfregando-os.

Eu sei que estou no limite, mas não tenho chance de dizer isso.

Ga'Var gemendo em minha boceta me deixa com clímax e estremeço, caindo de cara no chão, minha bunda no ar enquanto ele continua a me lambe.

Estou ofegante quando ele diminui a velocidade e se move um pouco, meus olhos semicerrados, o mundo ao meu redor turvo, e quando sinto a ponta aveludada de seu pênis contra mim, tudo que posso fazer é gemer.

Estou pronta para ele.

Apesar disso, ele verifica, deslizando um dedo ao redor da minha abertura, antes de mergulhar para me perfurar com a língua novamente.

Meus quadris balançam e estou feliz por estar de cara no chão porque não consigo me segurar.

Ga'Var agarra meus quadris e roça a ponta de seu pênis contra mim novamente.

Ele geme e vibra, ambos os sons me fazendo apertar enquanto mordo meu lábio inferior, esperando que ele entre em mim.

— Sam...

Porra do inferno.

— Apenas me foda, Ga'Var.

Um rosnado alto o deixa quando ele avança, o suficiente para que sua cabeça afunilada apareça.

Meus olhos reviram novamente e eu estou perdida no sentimento.

— Sam — ele geme enquanto balança para trás e empurra mais fundo dentro de mim.

Minha boca está aberta, mas não consigo responder. É um Oh aberto enquanto eu suspiro.

Estou cheia.

Tão cheia.

Ele balança para trás novamente antes de avançar, indo mais fundo desta vez.

Ele repete o processo de novo e de novo até que eu sinto aquele ponto sulcado acima de sua dobra contra minha bunda.

Parece que ele está me dividindo em dois e, quando consigo olhar para trás, a visão de seus dentes cerrados e arreganhados me cumprimenta.

Ele ainda está se segurando. Para mim.

Mas eu quero tudo.

Eu quero tudo dele.

Enquanto ele se afasta, iniciando um ritmo, eu balanço contra ele.

Ga'Var avança, agarrando meus ombros, e quando finalmente bato minha bunda para trás com força, ele solta um rugido que sem dúvida ecoa no corredor.

Mas não me importo se alguém ouvir, porque a vida é assim.

Isso é viver.

Ga'Var agarra meus quadris, levantando-os em sua direção enquanto ele bate em mim e não consigo mais ver nada no espaço ao meu redor.

Tudo o que posso fazer é sentir.

Outro orgasmo me atinge do nada, com tanta força que me sinto apertada em torno dele.

Ele ruge novamente e bate forte em mim, enterrando todo o seu comprimento dentro de mim.

Eu posso senti-lo sacudindo quando ele vem e ele para um pouco, ofegante enquanto me abaixa no chão.

Mas eu sei que ele não acabou.

Heck, eu não terminei.

— Não pare — eu sussurro.

Com um rugido, meu alienígena agarra meus quadris novamente.

Epílogo

Sam

Os dias passam enquanto a Base Zero se organiza.

De repente, tudo ficou tão agitado que fica claro que a ameaça para nós é real. Mais real do que antes.

A comida não é a principal coisa que nos preocupa agora. Mesmo com mais bocas para alimentar, o peixe que nos resta foi dividido e racionado várias vezes.

Estamos comendo, embora as porções sejam pequenas, e isso é o suficiente por enquanto.

Ninguém quer sair para caçar e os vullanos estão muito ocupados minerando nas profundezas da caverna.

Seja qual for o minério que eles estão extraíndo, parece estar ajudando.

Muitas noites, passo pelo laboratório onde Mina descansa e vejo o médico, He'rox, com a cabeça inclinada sobre uma arma que está desenvolvendo.

Ninguém diz, mas todos nós sabemos.

Não temos muito tempo.

Quando saio da nave, meus joelhos vacilam um pouco e meu ba'clan pulsa contra mim em um gesto reconfortante.

Alguém pigarreia por perto e eu pulo. Jillian sorri para mim, com um recipiente com água nas mãos, e minhas bochechas ficam quentes imediatamente.

— Perna ruim? — ela pergunta, com um olhar conhecedor em seus olhos.

— Não, apenas um espasmo muscular. — Na minha virilha, mas nunca terei coragem de dizer isso em voz alta.

— Uh... huh ... — Jillian sorri para mim. — Diga a ele para ir mais devagar da próxima vez.

Minhas bochechas pegam fogo quando Jillian ri.

— Eu não nasci ontem, Sam.

Eu não posso falar.

Mal sabe ela, Ga'Var não tem sido insaciável.

Tem sido eu que me atiro sobre ele assim que ficamos sozinhos.

Ao pensar nele, meu olhar percorre a caverna escura.

As luzes estranhas que eles colocaram não parecem mais tão estranhas e mesmo que eu pensasse que as cavernas estavam escuras antes. Agora, posso ver cada forma e formato.

Os vullanos não se misturam à escuridão como costumavam fazer.

É como se meus olhos tivessem... se ajustado.

Essa não é a única mudança que notei também.

Eu sou mais rápida, se eu quiser ser.

Mais forte.

Não é algo que eu tenha discutido com ninguém. Nem mesmo Ga'Var.

A cada dia que passa, me sinto diferente.

Mais.

Como se eu estivesse mudando de dentro para fora.

Uma mudança que não me assusta.

Uma que... me emociona.

Pela primeira vez desde que o apocalipse começou, sinto que posso lutar contra essas coisas.

Eu tenho apenas um homem... um alienígena ... para agradecer por isso.

— Ele está nos níveis mais baixos. — Jillian lê meu olhar.

Eu sorrio para ela e aceno com a cabeça.

— Alguma notícia sobre Deja?

O sorriso de Jillian desaparece e uma espécie de tristeza resignada paira sobre suas feições.

Ela balança a cabeça.

— Não temos certeza de que eles a encontrarão.

— Eles vão encontrá-la — eu digo, talvez mais como um encorajamento para mim do que para ela.

— Espero que sim. — Jillian assente. Ela olha para a escuridão onde a comida é preparada. — Eles estão esperando por esta água. — Ela se vira para sair, então faz uma pausa e olha para mim.

— Sam?

— Sim?

— Eu nunca disse obrigado.

Eu quero perguntar a ela o que...

— Você não precisava nos trazer aqui. — Ela engole em seco. — Lá fora... o que resta da humanidade... é cada um por si... mas você nos contou sobre este lugar. Confiou em nós o suficiente para nos trazer aqui. Ela encontra meu olhar e vejo as lágrimas não derramadas em seus olhos. — Devemos nossas vidas a vocês. Obrigado.

Antes que eu possa abrir minha boca, ela se vira e sai correndo e fico olhando para suas costas enquanto ela se afasta.

Meu ba'clan pulsa, tentando reduzir minha angústia e eu envolvo meus braços em volta de mim, esfregando-os um pouco. Eles fazem cócegas em meus dedos.

— Está tudo bem — eu sussurro para eles. — Estou bem.

Eles pulsam novamente e eu sorrio antes de virar na direção oposta para Jillian e descer, mais fundo nas cavernas.

Comecei a conversar com meu ba'clan e a maneira como eles pulsam é reconfortante.

É como ter um companheiro constante. Aquele que te protege o tempo todo.

O caminho para baixo nas cavernas é traiçoeiro em algumas partes, mas sigo meu caminho com cuidado até ouvir cliques ecoando contra as paredes.

Quando os vullanos falam, soa como uma espécie rara de pássaro que nunca vou cansar de ouvir.

Há uma luz fraca à frente e assim que entro nela, eu os vejo.

Ga'Var e Fer'ro estão juntos, com Fi'rox ao lado.

Ao lado dele, He'rox, o médico, está de pé, com algo em sua mão.

Estou um pouco surpresa em vê-lo. Eu não sabia que ele havia deixado a nave.

Ele quase nunca faz. Quase nunca sai do lado de Mina também.

— Ei — eu digo e nenhum deles parece surpreso em me ver ali.

É um lembrete constante de que seus sentidos são muito mais aguçados do que os nossos.

Ga'Var se vira para mim e me puxa para seus braços imediatamente abaixando a cabeça em meu pescoço. Ele rosna enquanto inala meu cheiro e, por cima do ombro, vejo o médico e Fi'rox olhando para nós.

Meu olhar cai para a coisa na mão de He'rox.

Parece um... o que diabos é isso?

Uma arma? Um formato estranho. Metal escuro, com uma singular faixa de luz azul na parte inferior. Parece mais um semicírculo pontiagudo do que qualquer outra coisa.

— O que é isso?

Ga'Var se afasta de mim e seus olhos brilham na escuridão.

— Uma resposta para esta guerra.

Meu coração bate forte.

— Você quer dizer...

He'rox dá um passo à frente, suas mandíbulas se contorcendo conforme ele se aproxima.

Ele entrega a coisa para mim e eu pego quase hesitante, meus olhos se arregalando quando ela cai na minha mão.

Mais leve do que parece, mas até eu posso sentir o poder dessa coisa.

Ele vibra na palma da minha mão, o metal escuro se transformando nas costas da minha mão.

Mesmo se eu quisesse largá-lo, não há como fazê-lo agora.

Meus olhos arregalados percorrem os alienígenas ao meu redor.
Todos eles estão olhando para mim com expectativa.

— O que é esta coisa?

As mandíbulas de He'rox se contorcem novamente.

— Aponta — diz ele. — Mire.

Fogo.

É uma arma .

Eu levanto minha mão em direção a um pedaço vazio de rocha, meu dedo se movendo para onde o gatilho estaria, e o metal escuro se move novamente sob meus dedos.

Com a respiração presa na garganta, eu puxo o gatilho.

Uma explosão de luz azul e branca dispara para a frente, estalando tanto o ar que os cabelos da minha cabeça se arrepiam.

Os olhos de He'rox brilham de alegria e as orelhas de Fi'rox se contraem incontrolavelmente.

Eu viro meus olhos arregalados para Ga'Var enquanto a arma se desfaz ao redor da minha mão.

— Feito para que um humano possa empunhá-lo, mas com poder suficiente para desestabilizar um Scrit — diz He'rox.

Meus olhos se arregalam um pouco mais e Ga'Var sorri para mim.

— Conseguimos, flor.

Abro a boca para falar, mas não consigo.

Uma arma que pode derrubar esses terríveis monstros...

É difícil acreditar que uma coisa tão pequena seja capaz de fazer exatamente isso, mas se não confio nas palavras de ninguém, confio em tudo o que o vullano diz.

Eles só foram bons para nós... bons para mim .

Ga'Var me puxa contra ele, olhando profundamente em meus olhos.

— A guerra... — diz ele — está prestes a começar.

Lágrimas brotam em meus olhos, obstruindo meu olhar.

O início da guerra que libertará nossa Terra capturada...

Quando olho para ele, pisco e me inclino para ele.

O mundo está acabando e renascendo. Não consigo pensar em uma pessoa melhor para estar ao meu lado.

Fim pôr enquanto...